

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS -
PPGICH
NÍVEL MESTRADO

DENIR SILVA DE SOUZA

REPRESENTAÇÕES DO PAPEL DA MULHER NO SERINGAL NAS
NARRATIVAS *TERRA CAÍDA* E “MAIBI”

DENIR SILVA DE SOUZA

REPRESENTAÇÕES DO PAPEL DA MULHER NO SERINGAL NAS
NARRATIVAS *TERRA CAÍDA* E “MAIBI”

Dissertação apresentada como requisito para a
obtenção do título de Mestre do Curso de Mestrado
Interdisciplinar em Ciências Humanas, da
Universidade do Estado do Amazonas - UEA.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Veronica Prudente Costa

TEFÉ- AM
2018

DENIR SILVA DE SOUZA

REPRESENTAÇÕES DO PAPEL DA MULHER NO SERINGAL NAS
NARRATIVAS *TERRA CAÍDA* E “MAIBI”

Dissertação de mestrado apresentada à Banca Examinadora de defesa do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas- PPGICH, da Universidade do Estado do Amazonas- UEA, como requisito à obtenção de título de Mestre.

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Veronica Prudente Costa
(UEA- Universidade do Estado do Amazonas)
Orientadora

Profa. Dra. Cátia Monteiro Wankler
(UFRR – Universidade Federal de Roraima)

Profa. Dra. Camila do Valle
(UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

Profa. Dra. Cristiane da Silveira
(UEA- Universidade do Estado do Amazonas)
(Suplente Interno)

Profa. Dra. Rita Barbosa de Oliveira
(UFAM - Universidade Federal do Amazonas)
(Suplente Externo)

Dedico aos meus filhos Ádrison, Árnold Assunção e Theresa d'Avila que sempre estiveram comigo incentivando e apoiando as minhas decisões e no momento de aflição, trouxeram acalanto para a minha alma, não me deixando desistir e por tudo que significam na minha vida. A Assunção Ribeiro (in memoriam), que sempre me incentivou a crescer profissional e intelectualmente, apoiando as minhas escolhas.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me sustenta nas intempéries da vida e sem ELE jamais seria possível eu seguir.

Aos meus progenitores Pedro Corrêa de Souza e Maria Amália da Silva. Principalmente a você mãe, que é a grande responsável pela minha formação e por me fazer crer que eu poderia me desprender dos laços e alçar voos;

À minha orientadora Veronica Prudente Costa por me fazer crer que eu sou capaz de continuar, mesmo quando as aflições bateram à porta e as forças falharam. Pela correção dos meus erros e por estar me mostrando novas possibilidades.

Aos membros da banca examinadora: Camila do Valle Fernandes e Cátia Monteiro Wankler, pelas contribuições na minha qualificação que foram um norte para essa trajetória, pela disponibilidade em participar deste momento de tamanha importância e significação para mim.

À professora Cristiane da Silveira por me dizer sempre, em nossas conversas sobre “frivolidades”, a hora certa de “parar” e seguir, que esteve me incentivando a guiar o leme do barco para a direção oposta do rio.

Aos professores Guilherme Gitahy, Nelissa Peralta, Cristiane da Silveira, Veronica Prudente Costa pelos seus conhecimentos que muito contribuíram para esse trabalho.

Às minhas amigas Ana Cláudia Torres, Ana Cris Torres, Cheyla Alves que direta e indiretamente me apoiam e incentivam a continuar na luta.

Às minhas irmãs e irmãos que entenderam os meus momentos de abstração.

Aos ex-gestores Iane Jorge Ramos, Gracilene Mendonça e ao atual gestor da Escola Estadual Getúlio Vargas, Iranir da Silva Torres, que me possibilitaram cursar as disciplinas e participar das atividades do Mestrado.

À gestora da Escola Mayara R.A. Aziz por ter me possibilitado participar das atividades durante o curso.

“Sabe o que realmente a mulher quer? Ela quer ser senhora da sua própria vida”! (Johnson, 1991).

RESUMO

Este estudo tem como objetivo geral analisar as representações do papel da mulher na obra *Terra Caída* em diálogo com o conto “Maibi” e como as questões de gênero foram socialmente construídas do ponto de vista da cultura. Em específico, analisamos a relação do ser humano com o ambiente hostil do seringal desmistificando a construção da Amazônia “inventada” pelos colonizadores. Observamos como os narradores das obras transitam nas questões históricas e sociais, dando enfoque ao gênero como construção social. Discutimos os papéis da mulher sob novo enfoque, buscando dar ênfase ao protagonismo feminino e verificar como esses papéis foram construídos pelo discurso dos narradores. Como fundamentação teórica, tivemos como suporte Almeida (2008); Benchimol (2009); Bourdieu (2012); Butler (2016); Costa (2013); Gondim (2007); Spivak (2010); Stuart Hall (2014); Woolf (2014) e Wright Mills (1969). Ao enveredarmos na discussão sobre as representações do papel da mulher no contexto da borracha tivemos como foco a análise de personagens femininas como Rosinha, Laura e Anália na obra de Potyguara, e a personagem Maibi, no conto intitulado “Maibi”, ambos descrevem o período da borracha na Amazônia em meados do século XIX. A pesquisa buscou descortinar a herança patriarcal, machista e opressora, construída socialmente, reconstruída no ambiente familiar e propagada nas gerações, que causou a invisibilidade da mulher, além de lhe amputar os direitos. Assim posto, dizemos que a mulher, independente da hostilidade do seringal, tomou atitudes que demonstram empoderamento e enfrentamento contra a ordem do patriarcado.

Palavras-chave: “Maibi”. Violência. *Terra Caída*. Empoderamento.

ABSTRACT

This study aims to analyze the representations of women's role in the novel *Terra Caída* in dialogue with the short story "Maibi" and how gender issues were socially constructed from the point of view of culture. Specifically, we analyze the relationship of human being in contact with the rubber hostile environment, demystifying the construction of the Amazon "invented" by the colonizers. We observe how the narrators transpose in the historical and social questions, giving focus to the gender as social construction. We discuss women's roles through a new focus, seeking to emphasize the female protagonism and to verify how these roles were built by the narrator's discourse. As theoretical basis, we had as support Almeida (2008); Benchimol (2009); Bourdieu (2012); Butler (2016); Costa (2013); Gondim (2007); Spivak (2010); Stuart Hall (2014); Woolf (2014) and Wright Mills (1969). When we embarked on the discussion about the representations of women's role in the context of rubber, we focused on the analysis of female characters such as Rosinha, Laura and Anália in Potyguara's work, and the character Maibi in "Maibi", both describe the rubber period in the Amazon in the mid-nineteenth century. The research sought to unveil the patriarchal, sexist and the socially constructed oppressive heritage rebuilt in the family environment and propagated through generations, which caused women invisibility besides preventing their rights. Thus, we say that women, regardless the hostility of the rubber environment, has taken actions to demonstrate empowerment and confrontation against the patriarchal order.

Keywords: "Maibi". Violence. *Terra Caída*. Empowerment.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. OS CAMINHOS DA CONSTRUÇÃO RUMO À DESCOLONIZAÇÃO DO OLHAR SOBRE A MULHER E SOBRE O “INFERNO VERDE”	19
1.1 A artesã da pesquisa	19
1.2 Descolonização do olhar sobre o “Inferno Verde”	23
1.3 A aridez do seringal, o homem e as relações de poder	38
2 MAIBI, A METÁFORA DA DUPLA VIOLÊNCIA	53
2.1 A representação da mulher na narrativa ficcional	53
2.2 A mulher no campo de dominação	60
2.3 “Maibi”: a imagem da violência	64
3 <i>TERRA CAÍDA</i> , UM OLHAR A PARTIR DA MARGEM	79
3.1 O empoderamento feminino nos limites do seringal	79
3.2 A autonomia feminina ofuscada pelo discurso patriarcal	95
CONCLUSÃO	104
REFERÊNCIAS	112
Anexo I – Esquema de personagens do conto “Maibi”	114
Anexo II – Esquema de personagens do romance <i>Terra Caída</i>	115

Uma homenagem a todas as mulheres símbolos de Luta e de Resistência

Vozes-mulheres

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.
A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.
A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.
A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.
A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.

(Conceição Evaristo)

INTRODUÇÃO

Esta dissertação de mestrado surgiu da necessidade de descortinar as representações¹ da mulher no seringal na Amazônia nas narrativas selecionadas. Segundo dados históricos, aproximadamente em meados do século XIX e início do século XX se deu o apogeu e início do declínio da borracha.

A mulher, no cânone da literatura, sempre foi retratada à sombra do universo masculino e esteve às margens da sociedade, o que pode ser perceptível através das obras ficcionais que abordam diferentes formas de opressão e de violência, tanto física quanto simbólica, herdadas do processo colonial no Brasil.

A historiografia apresenta que essas formas de violência desencadearam o silenciamento da mulher, evidenciado na ausência de questionamentos quanto aos seus direitos, na falta de denúncia contra os atos cruéis a ela cometidos; na aceitação de ser tratada como inferior; na própria falta de sensibilidade de si mesma e para consigo mesma, que a deixa sempre em segundo plano em relação ao homem.

As inquietações que motivam esta pesquisa se dão pelo fato de, como descendente de seringueiro e seringueira, sentir latente a “herança” patriarcal, machista e opressora, construída socialmente e reforçada no ambiente familiar, sendo propagada pelas gerações.

De modo geral, ainda há um enorme esforço dos patriarcas em deixar latente essa “cultura machista”. Os sinais causados por essa dominação estão presentes diariamente no ambiente familiar, sobretudo, vitimizam a mulher e a privam de toda e qualquer liberdade e autonomia, apesar de haver enfrentamentos da mulher contra o patriarcado, além de não aceitar mais que a mulher seja concebida como um estereótipo de inferioridade.

Diante dessa inquietação, analisaremos as personagens femininas que compõem as narrativas ficcionais intituladas *Terra Caída*, de autoria de José Potyguara da Frota e Silva,

¹ Segundo Spivak (2010). A autora usa dois significados em alemão de “representação”: *Vertretung*, que se refere ao ato de assumir o lugar do outro na política da palavra e *Darstellung* que refere-se a uma visão estética que prefigura o ato de performativo ou de encenação. Para a autora há uma relação intrínseca entre o “falar por” e o “re-presentar”, que ambos os casos, a representação é um ato de fala em que há a pressuposição de um falante e de um ouvinte. Para a autora esse processo de fala se caracteriza por uma posição discursiva, que tem uma ligação do falante com o ouvinte, e nesse espaço dialógico não se concretiza para o subalterno.

publicada em 1961, em diálogo com o conto “Maibi”, um dos onze contos que constituem a obra *Inferno Verde*, de Alberto do Rego Rangel, publicada em 1908.

José Potyguara da Frota e Silva (1909-1991) foi um escritor cearense. Formou-se em Direito e deixou sua cidade natal, Sobral, no Ceará para exercer o cargo de promotor público na cidade de Tarauacá, no Acre. Exerceu o cargo de promotor público em Tarauacá e Feijó até fins da década de 30 e, em seguida, mudou-se para o Rio de Janeiro. Anos depois, retornou ao Acre, como promotor de justiça na capital, Rio Branco.

Alberto do Rêgo Rangel nasceu em Recife em 29 de maio de 1871. Em 1876, mudou-se para o Rio de Janeiro. Tornou-se Bacharel em Ciências e Engenheiro-militar na Escola Militar da Praia Vermelha (RJ). De 1901 a 1905, prestou serviços ao governo do Amazonas. Em 1908, publicou *Inferno Verde: cenas e cenários do Amazonas*, prefaciado por Euclides da Cunha.

Terra Caída, obra base dessa investigação é um dos mais importantes romances que tratam da Amazônia para compreensão da saga vivida pelos sujeitos que ali estiveram na realidade do seringal no auge e decadência da borracha e pela riqueza de detalhes sobre os seres humanos sobreviventes da selva amazônica, cheia de emblemas e contradições, quando a Amazônia prematuramente conheceu o processo de urbanização.

Este romance e o conto apresentam um campo profícuo de pesquisa na área dos estudos de gênero, quando nos reportamos às representações das personagens que sofrem a opressão e a dominação masculina², outrora construída pela sociedade patriarcal, ora refutado em alguns discursos, ora posto em evidência em outros, através do machismo, da homofobia e da violência contra a mulher. As obras literárias, por apresentarem a verossimilhança e serem produzidas num determinado contexto de época podem ser lidas como reprodução de um determinado tempo ou realidade que dão subsídios para análise histórica, social e antropológica da região. Nessa pesquisa, focaremos na análise das questões de gênero em diálogo com o contexto histórico e social da época.

A partir desse cenário que motivou a pesquisa temos como objetivo geral analisar as representações do papel da mulher na obra *Terra Caída* em diálogo com o conto “Maibi” e como as questões de gênero foram socialmente construídas do ponto de vista da cultura. Nossos objetivos específicos são: analisar a relação do homem no ambiente hostil do seringal

² Conceito baseado em Bourdieu (2012) acerca do poder simbólico, de sua imposição e o modo como ela é sentida. A dominação masculina é o exemplo maior da submissão paradoxal, concebida como uma violência simbólica, sensível, direcionada aos seus dominados através da linguagem.

desmistificando a construção da Amazônia “inventada” pelos colonizadores; observar como os narradores das obras transitam nas questões históricas e sociais, dando enfoque, ao gênero como construção social; discutir os papéis da mulher sob novo enfoque buscando dar ênfase ao protagonismo feminino, e verificar como esses papéis foram construídos pelo discurso dos narradores.

A Amazônia, palco da cobiça dos seringalistas, foi construída às custas de sangue e suor daqueles que se deixaram escravizar, principalmente no período em que a goma do látex tinha o valor de ouro. As narrativas ficcionais sobre a Amazônia procuram privilegiar as belezas naturais, o espaço geográfico e camuflam a visão daqueles que, a nosso ver, deveriam ser evidenciados: os seringueiros explorados, bem como os tipos humanos que compõem esse cenário, destacando as personagens femininas, que são apresentadas como produto cobiçado naqueles seringais, através de uma ótica masculina, o que reforça ainda mais o discurso hegemônico.

No decorrer dos estudos e pesquisa, percebemos que *Terra Caída*, obra de grande significação para entender a saga do homem e a luta pela sobrevivência na selva, constatamos que as personagens femininas que compõem as narrativas são interpretadas a partir da concepção colonialista, que só reforça a invisibilidade da mulher e a estigmatiza.

Outro ponto instigador da pesquisa foi a escassez de obras ficcionais de autoria feminina que demonstrem a mulher no contexto da borracha na Amazônia. Os dados históricos mostram que, naquela época, o cânone literário era dominado pelo masculino. As mulheres ainda viviam impregnadas de antigos conceitos dominantes que as afastavam do direito de ler e escrever, deste modo, não conseguiam romper com as barreiras sociais, fato que as deixava aquém das forças de dominação, que submergiam a subjetividade feminina, ocultando-as.

Diante dessa constatação, surgiu o interesse de dar visibilidade para essa literatura que retrata os papéis da mulher no período da borracha e trazer à reflexão algumas questões que apresentamos a seguir e que colaboraram para pensar o problema aqui discutido com base nas obras literárias que trazem em seu discurso as problemáticas sociais, principalmente a exploração do ser humano, em particular da mulher.

Diante disso, indagamos: como as obras ficcionais de autoria masculina com temáticas sobre a Amazônia retratam questões de gênero?; como são retratadas as personagens e suas relações: homem e mulher, bem como com a relação com a natureza nas obras a partir das interpretações colonialistas?; o que causou a escassez de obras de autoria feminina com

temáticas Amazônicas, e desencadearam o ofuscamento da mulher e a não despertaram para lutar contra a subordinação?

Diante desses questionamentos, o problema que se coloca na pesquisa é compreender as relações conflituosas encetadas nas narrativas e discutir como o papel da mulher se apresenta nestas obras, bem como de que forma o papel da mulher é construído no ambiente do seringal a partir da visão do narrador e quais relações de poder estão relacionadas com as questões de gênero, assim como essa construção social feminina está presente até a atualidade nos diversos discursos.

A hipótese que queremos discutir é sobre como a literatura, através das narrativas que retratam os papéis do feminino construídos e representados no contexto da borracha, pode fortalecer e empoderar a mulher. Como esta dará voz aos grupos silenciados, para que consiga questionar o seu direito na sociedade e de que maneira essas narrativas literárias em análise vão propiciar a composição de um panorama sobre a construção da identidade cultural da mulher nesse contexto da borracha, desmistificando e desconstruindo assim o discurso patriarcal.

Assim, faremos um panorama das diversas faces que a violência impetrada contra a mulher tem se apresentado, mais precisamente, no contexto da borracha e como esta foi aniquilada pelo discurso canônico para, sobretudo, nos empenharmos na perspectiva do seu empoderamento, através da desconstrução dessa visão estereotipada, machista e opressora que se alonga no decorrer dos séculos e hoje ainda se faz presente na sociedade de modo geral, e atinge-a, sem escolha de classe econômica ou social, fazendo-a vítima.

Esta dissertação é produto de uma pesquisa de análise bibliográfica, que tem caráter qualitativo. Para nos dar suporte teórico nessa discussão, nos enveredamos pelos estudos de gênero a partir das contribuições de Judith Butler (2016) em sua obra *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, a qual nos ajuda a compreender a desconstrução do binarismo sexo/gênero, em que a autora aponta que o sexo é constituído biologicamente e o gênero é uma construção social, assim, “nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino” (p. 26), e que, segundo ela, não há uma identidade de gênero por trás das expressões de gênero. A autora nos faz compreender que a identidade “é performativamente construída”.

Explicitamos também as contribuições de Virgínia Woolf (2014) com o ensaio ficcional *Um teto todo seu*, publicado em 1929, que foi a porta de entrada para o entendimento sobre as questões feministas e as restrições da mulher de expressar seu pensamento através da literatura ficcional, pois o campo não era profícuo para a mulher escrever ficção e as que

ousaram essa aventura eram obrigadas a quebrar o tabu do preconceito e romper com as barreiras do patriarcado que as limitava às ocupações domésticas.

Para tratar das representações do papel da mulher no contexto seringal, procuramos nos despir de qualquer pré-conceito para assim problematizar o tema que se torna para muitos um “tabu”, um dogma, que é a mulher frente às forças opressoras originárias do discurso patriarcal e opressor, que deturpa a visibilidade da mulher e a afasta de questionar o seu papel social, principalmente quando estamos inseridos no ambiente interiorano, que ainda tem enraizadas tradições milenares, validadas através do discurso colonialista opressor.

Para pensar em um saber descolonizado, saindo das, interpretações preexistentes, seguimos os pressupostos de Alfredo Wagner Berno de Almeida, no prefácio de sua obra *Antropologia dos Archivos da Amazônia*, (2008), para assim desvelar a fala do subalterno, pois ele deve falar e ser ouvido. Pensar nas interpretações dos papéis da mulher no contexto dos seringais, através de um pensar “novo”, fora das interpretações colonialistas.

Neste caminho, também nos basearemos em Gayatri Chakravort Spivak, com a obra *Pode o subalterno falar?* (2010), que nos auxilia rever as questões de representação dos papéis da mulher, descrito pelo autor, o falar pelo subalterno, por mais que se diga que retrata essa fala, não tem o poder de fazê-la, embora haja alguma conexão, ainda não pode representá-la.

Na perspectiva dos estudos culturais, foram importantes as contribuições de Stuart Hall (2014); Pierre Bourdieu (2012), pois nos ajudam a compreender os jogos de poder em que a dominação é construída dentro de um mundo hierarquizado de maneira invisível e camuflada, dentro das diversas instituições, principalmente na família, e se ampliam no mercado de trabalho, assim como a mulher é tratada dentro do discurso dominante.

Quando falamos de Amazônia, logo vem a ideia de exuberante, exótico, maravilhas e deslumbramento criada a partir da visão estereotipada do colonizador, embora a realidade seja outra. Neide Gondim (2017), com a obra *A invenção da Amazônia*, nos levou a descortinar essa metáfora que transita entre inferno e paraíso de histórias maravilhosas e utopias. A autora mostra o contraste desse imaginário europeu e a maneira de viver dos povos da floresta, o que contribui para a compreensão da Amazônia sob outro ponto de vista.

Buscamos as contribuições de Veronica Prudente Costa (2013) com a tese de doutoramento intitulada *Muraida: A tradição literária em questão*, que nos ampliou a visão sobre os viajantes na Amazônia, a descoberta do Outro e como o relato desses viajantes contribuiu para a compreensão sobre o exótico e o encantamento pelo desconhecido.

Destacamos ainda a importância da contribuição de Ana Pizarro (2012), através da obra *Amazônia: as vozes do rio: imaginário e modernização*. Além de uma infinidade de informações, reúne muitas vozes que confrontam o imaginário sobre a região. Com ela, navegamos através dos viajantes nos séculos XV ao XVII e situamo-nos na metade do século XIX e início do século XX, onde ela destaca a exploração da borracha que apresentou a Amazônia para o Brasil e o mundo, como um lugar privilegiado, pouco habitado, pronto para ser explorado, no qual sobretudo destacamos a voz dos que se fizeram calar em meio ao horror presente num dos pilares do salto tecnológico: a extração da borracha, caucho ou látex.

Com Samuel Benchimol (2009), através das contribuições de *Amazônia: Formação social e cultural*, compreendemos a pluralidade do homem na construção social Amazônica, da vivência e seus conflitos com a natureza. Com ele visualizamos a Amazônia no passado descortinando o presente e as vozes que buscavam ecoar, mas se encontram submersas pelo processo “civilizatório”.

Através da leitura das obras, evidenciamos vozes silenciadas, importantes para compreender os emblemas de homens e mulheres sobreviventes da selva, cheia de sonhos e contradições, as quais refletem as mais variadas realidades, os mais diferentes espaços e extratos sociais, que nos possibilitam um outro olhar e visão ampliada do objeto de estudo dentro de um determinado contexto nos aspectos social, político e econômico.

No capítulo 1, dialogaremos sobre a necessidade de questionar as interpretações existentes, principalmente o discurso que privilegia apenas os aspectos geográficos e belezas naturais e não evidenciam as variadas vozes que contribuíram para a construção da Amazônia. Falaremos da ideia de Amazônia, desmistificando o discurso dos viajantes europeu sobre inferno e paraíso. Da hostilidade e aridez do seringal e o homem naquele ambiente. Discutiremos o ser humano seringueiro que não é visto como parte desse cenário exuberante, geográfico, inventado pelos colonizadores.

No capítulo 2, refletiremos a respeito das análises que privilegiam as interpretações coloniais que deixaram evidente que a mulher era vista apenas dentro de um campo de submissão e não possibilita desconstruções. Falaremos da violência impetrada contra a mulher, retirando-lhe a possibilidade de qualquer questionamento. Analisaremos como o narrador apresentou a mulher a partir de uma visão machista e patriarcal emudecendo-a de diversas maneiras. Analisaremos o conto “Maibi”, evidenciando das diversas formas de opressão e violência que a mulher sofria no seringal e como essas marcas respingaram na atualidade.

No capítulo 3, faremos a análise do romance *Terra Caída*. Discutiremos como as mulheres, no desenrolar da narrativa, começaram a aparecer no cenário do seringal e, aos poucos, foram sendo visualizadas, embora a visão patriarcal tenha dado um certo ofuscamento, tentando calar muitas vozes que ousaram falar, mesmo que esta fala tenha sido apenas no campo ideológico. Evidenciamos figuras femininas que lutaram contra o reinado do patriarcado, mesmo estando em algum momento da narrativa, apresentada como fora dos padrões preestabelecidos para a mulher, sendo vista como rebeldes e até prostituta.

Eu-Mulher

Conceição Evaristo

Uma gota de leite
me escorre entre os seios.
Uma mancha de sangue
me enfeita entre as pernas.
Meia palavra mordida
me foge da boca.
Vagos desejos insinuam esperanças.
Eu-mulher em rios vermelhos
inauguro a vida.
Em baixa voz
violento os tímpanos do mundo.
Antevejo.
Antecipo.
Antes-vivo
Antes – agora – o que há de vir.
Eu fêmea-matriz.
Eu força-motriz.
Eu-mulher
abrigo da semente
moto-contínuo
do mundo.

1. OS CAMINHOS DA CONSTRUÇÃO RUMO À DESCOLONIZAÇÃO DO OLHAR SOBRE A MULHER E SOBRE O “INFERNO VERDE”

1.1 A artesã da pesquisa

O artesão clássico não elabora, habitualmente, um grande plano para um grande estudo empírico. Sua política é deixar estimular a oscilação constante entre as concepções macroscópicas e as exposições detalhadas. Assim age planejando seu trabalho como uma série de estudos empíricos de menor escala (o que pode, naturalmente, incluir o trabalho microscópico e estatístico), cada qual parecendo central a uma parte ou outra da solução que está criando. Essa solução é confirmada, modificada ou refutada, segundo os resultados desses estudos empíricos. (MILLS, 1969, p. 138)

Pertencer a uma família de ancestrais seringueiros e seringueiras é a mola que propulsiona e motiva a inspiração para analisar os possíveis papéis que a mulher representava no ambiente do seringal e como as relações com o Outro influenciaram para que as heranças patriarcais ainda estejam vivificadas no meio familiar.

As atitudes rígidas do pai, enquanto chefe da família, as forças patriarcais intransigentes, as imposições que não possibilitavam questionamentos; a maneira como as mulheres eram tratadas nessas relações familiares, com sequidão, aridez que tolhiam os direitos de escolhas, tanto nas questões de vestimentas, relações pessoais e principalmente quanto à educação, levaram a indagações que precisavam ser respondidas.

Discutir as representações da mulher no seringal em narrativas ficcionais, a violência impetrada contra ela surge da necessidade de buscar compreender alguns conceitos que as relações sociais e familiares impregnaram como resquícios da herança patriarcal e continuam sendo reproduzidos cotidianamente.

Para nortear os caminhos dessa pesquisa foi preciso seguir alguns princípios considerados necessários para abordar questões que foram pertinentes, uma vez que o objeto de estudo está localizado dentro de um período histórico que marcou profundamente a Amazônia. Para essa discussão, trazemos Wright Mills (1969) com a obra *A imaginação Sociológica*, a qual nos propõe a necessidade de compreender que todo objeto de estudo é concebido dentro

de um período histórico e para compreendê-lo é necessário conhecer o período em que este objeto está inserido.

Fazer uso do que o autor definiu de imaginação sociológica permite, segundo ele, a identificação de questões estruturais da sociedade sobre as perturbações na vida individual, neste caso, as inquietações frente aos conflitos gerados pela alienação como reforço da subjugada relação familiar. Neste sentido, entendemos que através de análises históricas podemos compreender as interações das personagens ficcionais com o seu meio social, e a partir daí surgir com maior nitidez as influências deste meio sobre uma possível trajetória pessoal.

Para ir em busca dessas possíveis respostas para algumas indagações, como, por exemplo: por que a mulher ainda se calava frente às imposições do patriarcado? O que levava o pai, como chefe de família, a querer manter essa educação que limitava a mulher a ir em busca de sua independência? A luta da mãe, os enfrentamentos para conquistar o empoderamento de si e de suas filhas em um ambiente marcado por falta de sensibilidade masculina com relação a ela, que a limitava a “dona de casa”. Termo meramente irônico, pois a mulher naquelas condições de alienação não tinha autonomia nem consigo mesma, o que esteve vastamente visível no decorrer de décadas. A terminologia de “dona de casa” apenas aludia com o intuito de manter a submissão, pelo fato do enraizamento da falsa ideia de posse.

Outro fato bastante intrigante que compôs o panorama para esta pesquisa era a culpabilização atribuída à matriarca por todos os acontecimentos considerados errôneos, praticados dentro do ambiente familiar, principalmente quando “esses erros” eram cometidos pelas filhas.

Mas para ir além, sabemos da necessidade também, enquanto pesquisadora, de pensar fora das rotinas familiares, da vida cotidiana a fim de perceber de modo renovado, livre dos juízos de valor e da influência do senso comum, como essas relações se constituíram historicamente e tem incomodado muitos estudiosos dos assuntos culturais.

As Ciências Humanas têm muitas sugestões práticas para a análise que nos permitem perceber o mundo social a partir de outros pontos de vista diferentes. Longe do discurso de superioridade, podemos percorrer caminhos que nos auxiliem a compreender: as causas da invisibilidade da mulher que se perpetuou ao longo da história; como a figura da mulher era vista no ambiente da selva amazônica; como elas chegavam aos seringais; quais eram os contextos em que eram levadas para o centro da mata; as relações de poder que se estabeleciam em torno da figura feminina e as formas de trabalho; o papel que a mulher desempenhava nos

seringais e na família; análise do discurso dos homens em relação à mulher, expresso tanto nos fatos históricos quanto nas narrativas.

Em consonância com a questão acima apresentada, reforçamos o que Mills (1969) problematiza sobre o fato de precisarmos de uma qualidade de espírito que nos ajude a dialogar com os fatos desvelados a fim de desenvolvermos com lucidez o raciocínio e interpretação do que está acontecendo no mundo e o que pode estar ocorrendo dentro de si mesmo e o objeto estudado, visto que essa interpretação se dará a partir da sua visão e interpretação do mundo que o cerca. Neste sentido, entendemos que é necessário procurar revelar algumas questões básicas a seguir.

A primeira questão que se faz necessário estudar é a estrutura dessa sociedade como um todo, as relações de poder que se estabeleceram entre os indivíduos, as relações dos homens e mulheres, quais os sentidos de permanecerem num ambiente tão hostil como a selva amazônica, a relação do homem com a natureza e com o Outro em uma situação histórica concreta.

Uma questão se torna evidente neste percurso da pesquisa é que os homens saíram de “suas terras”, migraram para a selva e se tornaram seringueiros pela ilusão do enriquecimento rápido. Mas nos indagamos: estes indivíduos tinham noção da sua importância dentro daquele contexto, da utilidade de seu trabalho para o enriquecimento dos coronéis ou para o desenvolvimento do centro urbano dentro da órbita capitalista?

É necessário perceber como o contexto histórico afetava os indivíduos dentro de suas particularidades ou no coletivo e quais as influências destes na sociedade. Dentro dessa premissa, foi necessário averiguar quais as características do período histórico em análise, o que discutiremos mais adiante neste trabalho.

Outro questionamento que faremos mais adiante na discussão é sobre as variedades de homens e mulheres que predominaram na sociedade naquele período. De que maneira esses indivíduos foram selecionados? Como chegaram aos seringais? Como a natureza humana se revelava e qual a conduta e caráter que esses indivíduos revelavam?

É importante transitar nessas indagações, a fim de respondê-las para pensar o objeto de estudo numa situação maior de valores na coletividade. Sabemos que na medida que esses valores forem desvelados, veremos emergir as principais questões da época em análise e assim entenderemos as atitudes do homem em relação à mulher.

Mills (1969) deixa evidente que o precisamos definir um método, mas não podemos ser refém deste método ou teoria para não sermos impedidos de trabalhar, de desvelar alguma coisa que esteja acontecendo no mundo. O método é necessário para apresentar como fizemos o

trabalho e como chegamos àquela conclusão. É uma costura de detalhes que fazemos da investigação. É necessário ter um local de referência, mas precisamos dialogar com outras ciências, tanto nas pesquisas empíricas quanto documentais, não basta apenas interpretar os dados, mas deixarmos evidente como chegamos a eles. Sem a percepção da forma pela qual o ofício foi realizado os resultados do estudo serão inseguros.

Neste sentido, o autor ressalta a importância da formação do pesquisador ao ver o trabalho de pesquisa como um ofício. Não queremos dizer que se deva explicar os resultados da pesquisa a partir da biografia. O autor trata de enfatizar que não podemos dissociar a vida do artesão intelectual do seu trabalho. Neste sentido, a construção a ser feita não está desvinculada da necessidade de desconstrução de velhos conceitos e reconstrução de novos que sejam mais significativos e desmistificadores das realidades vivenciadas, que se cristalizam socialmente.

Acreditamos que os postulados de Mills, no diálogo com outros autores, contribuirão para o desvelamento do problema, a partir do recorte social como ferramenta para buscar compreender a representação que cada grupo faz de si mesmo através da representação como instrumento essencial de análise cultural. Neste caso, o recorte que faremos é o papel das representações da mulher no contexto do seringal e as relações que são estabelecidas nesse espaço.

Sabemos que as representações da mulher em obras ficcionais, principalmente as escritas por homens, mostram sentidos opostos, pois se por um lado a representação nos permite ver algo ausente, o que podemos intuir que há radicalmente uma disparidade entre o que representa e o que é representado.

Deste modo, é importante estudar as representações da mulher no contexto do seringal na perspectiva de que essas tenham existência não apenas de imagem, ou que a representação mostre adequadamente seus referenciais para assim não correremos o risco de nos fragmentar na fragilidade da imaginação e assim buscar uma verdade que não existe.

Diferente de outros pensadores que dizem que não podemos por nossas impressões pessoais nas pesquisas que realizamos, Mills (1969) diz que nós, enquanto artesãos intelectuais, podemos ter experiências significativas como, por exemplo, o passado influenciando no presente e que isso define nossa capacidade de experienciar futuramente, num arquivo que vamos começar a construir, juntando nossas experiências pessoais e profissionais e agregar ao trabalho em andamento sobre as representações da mulher no universo do seringal.

Para isso, precisamos seguir alguns critérios postulados que nortearão a nossa construção como artesãs intelectuais a seguir: evitar adotar procedimentos rígidos; evitar o estranhamento com conceitos e linguagens; estudar as estruturas sociais que o objeto está inserido; não esquecer jamais que o objeto do trabalho é uma compreensão e reflexão comparativa completa das estruturas sociais que aparecem na história; rever continuamente as ideias sobre os problemas da história e da biografia e os problemas que se cruzam com a história destas.; tentar entender não só a mulher, mas que homens e mulheres não são seres isolados, mas intrinsecamente ligados e formados pela variedade humana, e assim construir arquivos que nos ajudarão a discutir o problema.

Este artesanato é criado por nós dentro de nós, quando usamos das nossas influências do passado em trabalhos futuros, a partir de uma experiência fazer surgir novas reflexões e, a partir daí, moldar em nós um artesanato, como os atores e atrizes da produção informal artesanal e do conhecimento popular.

1.2 Descolonização do olhar sobre o “Inferno Verde”

*“A selva é um mundo que segura e asfixia, depois de seduzir”
(Ana Pizarro, 2012, p. 146).*

A exuberância e a grandiosidade do quadro natural conjugadas com um certo belletrismo e uma desmedida elegância bacharelesca inibem a fala e o pensamento autônomo além de eclipsar a existência de uma diversidade de agentes sociais. Essas figuras de retóricas falam da Amazônia para inibir outras falas, para fazer calar (Alfredo Wagner, 2008, p. 13)

Como artesãs da pesquisa, buscamos focar na necessidade de reconstruir o discurso com a perspectiva de desmistificar o olhar a respeito de “nossa história”, propondo não apenas um olhar, mas vários olhares sobre os diversos discursos criados para discutir os falsos mitos da Amazônia inventada e da exploração das riquezas naturais e humanas através dos recrutamentos humanos, na tentativa de evidenciar vozes que foram silenciadas, a partir do prisma do dominador.

Dentro desses princípios, sabemos da necessidade de sair do senso comum e buscar outras maneiras de pensar o problema primordial. Alfredo Wagner Berno de Almeida (2008), em sua obra *Antropologia dos Arquivos da Amazônia*, nos propõe a necessidade um pensar “novo”, longe das interpretações que já se consagraram na interpretação da Amazônia, que apenas reforçam as interpretações hegemônicas e não possibilitam questionamentos.

Para o autor, repetir as interpretações existentes, modelares, só estarão evidenciando os pré-conceitos sobre a Amazônia e “dessa constelação de metáforas erigidas sob sua inspiração direta: “paraíso/inferno verde”, “eldorado”, “ouro negro/ouro verde”, “pulmão do mundo” (ALMEIDA, 2008, p.13).

É preciso ir além, desvelar fronteiras do conhecimento que procuram desmistificar e revelar as verdades que são apresentadas e que se configuram em dogmas, perante a imensa fortuna de vozes que podem surgir com as outras maneiras de pensar a Amazônia, deslocada do misticismo com que ainda tratam a região. Observamos através da citação a seguir que Almeida (2008) diz que esses esquemas interpretativos não são dogmas que não possam ser questionados. É preciso ousar e buscar outras verdades, sempre confrontando com as existentes, que só reproduzem e legitimam o pensamento eurocêntrico.

Em virtude disso há que se indagar mais profundamente da lógica do pensamento dos comentadores regionais e dos explicadores que gravitam em torno de uma suposta eficácia destes esquemas interpretativos, mantendo um rígido controle de instâncias de consagração e legitimação, isto é, detendo o monopólio das definições legítimas e das representações oficiosas da Amazônia. Tem-se um vasto elenco de “explicadores da Amazônia” que reproduzem mecanicamente os argumentos e figuras de retórica daqueles esquemas interpretativos, como se recebessem uma ordem, como se a ação pedagógica para transmiti-los fosse uma “missão” incontestável. Os esquemas interpretativos de tão “inquestionáveis” se distanciam de realidades localizadas e de processos reais e se transformam em expressões opinativas (ALMEIDA, 2008, p. 12).

Almeida (2008) propõe que busquemos enveredar pela quebra do acúmulo de conhecimento burocrático que impede criar novas interpretações. É preciso ir além dos esquemas de interpretações dos viajantes europeus, longe do que foi impregnado através da mitologia e o senso erudito. Enquanto pesquisador e pesquisadora precisamos romper com o falso mito de que já sabemos muito sobre a Amazônia.

Quando tratamos de construir arquivos, partiremos do conceito de arquivos apresentado por Almeida (2008). Ele nos propõe que os arquivos não se restringem a acervo e também não podemos confundir com massa documental, com quantidade de volume de títulos ou como uma

coleção infinita de objetos diversos, mas com o surgimento e desaparecimento de argumentos em um amplo campo intelectual.

Assim, diante dessas orientações, seguiremos com a discussão, questionando o discurso machista e patriarcal e as atrocidades que foram impetradas contra a mulher. Como essa violência deixou marcas de submissão através da violência física e psicológica, além de lhe amputar o direito de se fazer mulher; de não ter o direito de poder decidir sobre seus desejos e sobre seu próprio corpo; como a herança de um sistema patriarcal e opressor se perpetuou ao longo da história da humanidade, ora mascarado, ora bastante visível, na contemporaneidade.

Basicamente, os cânones literários foram definidos por colonizadores europeus homens, privilegiados financeiramente, prestigiando o discurso hegemônico, desprestigiando os discursos de outros segmentos sociais. O androcentrismo, tendência que adota o ponto de vista masculino como representação do geral, foi impregnado pelo pensamento, assim como o preconceito que se instalou de maneira devastadora nas concepções de homens e mulheres, tornando-os incapazes de refletir a respeito dessas concepções preconceituosas que emergem e se tornam quase imutáveis, enquanto não houver um esforço contínuo para romper com esses paradigmas dominantes.

Essas narrativas analisadas não deixaram evidente se os narradores são masculinos ou femininos, mas pelo fato de serem produzidas por homens e por não nos fornecerem detalhes que nos permitam tal afirmação, apenas supomos que esses narradores apresentam um ponto de vista masculino, visto que as narrativas foram escritas em tempos de escassez de obras produzidas por escritoras femininas. Assim, interpretar textos ficcionais, que retratam as questões de gênero, em um contexto de dominação masculina, torna-se intrigante e nos faz enveredar por caminhos melindrosos, fugindo dos esquemas de interpretação hegemônica já consagrados.

No que concerne às análises interpretativas que privilegiam esses cânones, Almeida (2008, p. 10) diz que precisamos romper com essas interpretações, pois a “ruptura produz uma releitura crítica do colecionismo, tão caro à história da antropologia, e das formas de classificação impostas por forças hegemônicas”. Precisamos construir e desconstruir esse colecionismo que tem se acumulado ao longo dos tempos, desde a época dos viajantes europeus e que hoje ainda se encontram enraizadas em muitos discursos.

Notamos, no decorrer deste trabalho que há uma imensa massa documental que trata da questão da Amazônia prestigiando o discurso do colonizador, porém surgem questionamentos de críticos como Almeida (2008), que contribuem para pensar novas possibilidades para tratar

as questões sobre a Amazônia, excluindo o pensamento de que ao tratar da região, o termo Amazônia seja autoexplicativo, pois ainda existem muitas questões sobre a Amazônia que ainda precisam ser desveladas.

É necessário pensar as questões de gênero a partir de outra ótica. Rever o que está por trás dos esquemas interpretativos que são atribuídos à região, questionar principalmente as interpretações que evidenciam apenas o espaço geográfico regional e apresentam apenas as belezas naturais, conforme autor relata através da citação a seguir:

Verifica-se, no tempo, uma estranha eficácia do biologismo e das imagens hiperbolizadas dos recursos naturais relativos à Amazônia que tais esquemas veiculam. Quanto mais entendidas e alargadas, de maior capacidade de convencimento parecem se investir. A exuberância e a grandiosidade do quadro natural conjugada com um certo “belletrismo” e uma desmedida elegância bacharelesca inibem a fala e o pensamento autônomo além de eclipsar a existência de uma diversidade de agentes sociais. Estas figuras de retórica falam da Amazônia para inibir outras falas, para fazer calar (ALMEIDA, 2008, p. 13)

Podemos observar na citação de Almeida (2008) que o discurso hegemônico apresenta interpretações baseadas em outras visões, sem que houvesse vivenciado as diversas realidades que configuram a região. Interpretações que privilegiam apenas os aspectos geográficos e naturais, sem dar evidência a quem deveriam ter dado destaque, aos diversos agentes sociais que compõem esse ideário.

O autor nos propõe a ruptura com essas abordagens criadas pelas sociedades hegemônicas que já se têm acumulado ao longo dos tempos, que classificam, rotulam e não nos fornecem novas interpretações que possibilitem partilhar conhecimentos produzidos, pois só reproduzem automaticamente as “verdades que já existem”, segundo Almeida (2008), pelo fato de serem textos produzidos por autores consagrados, não são questionados. Para Almeida (2008) “essas verdades mantiveram-se protegidos por uma formidável muralha erguida por produtores intelectuais que concederam sua autoridade científica e tem se tornado inquestionáveis, promovendo o distanciamento das realidades existentes”.

Uma diferente releitura, longe desses padrões pré-estabelecidos, na tentativa da desconstrução do discurso canônico, poderia desvelar um sujeito feminino que foi silenciado no decorrer de séculos que, segundo Almeida (2008) um único olhar não desvelaria. Assim, ao buscar outras maneiras interpretativas que possam evidenciar a mulher, criaremos um estranhamento em relação às práticas interpretativas naturalizadas, pois acreditamos ser possível evidenciar outros papéis da mulher dentro desse contexto da borracha, campo de

domínio masculino, a partir do olhar “da margem”. A subversão de alguns padrões possibilitaria a construção de outros conceitos a partir de um olhar plural, desvinculado do olhar dominante.

Entendemos que as obras ficcionais analisadas estão carregadas de valores dominantes, também machistas e preconceituosas, uma vez que a literatura de ficção é impregnada com as marcas do particular cultural de quem a constrói e na sua posição de sujeito com as quais se identifica. Embora haja a predominância evidente desses princípios, é importante buscar encontrar maneiras de sentir essa problemática do silenciamento.

Quando tratamos de questões de gênero, sabemos da necessidade de tratar a questão de superioridade e inferioridade com imparcialidade. É mister nos desarmarmos de todo e qualquer pré-conceito para abordar as questões sem hierarquia de interesse e não cair na mesma ideia de que conhecemos mais o mundo feminino. Embora, muitos estudos mostrem que não seja possível tratar de qualquer problema humano sem preconceito, precisamos abordar as questões de modo imparcial.

Não podemos discutir a mulher como um ser isolado, mas dentro de relações sociais com o homem para compreender como esses seres humanos interagem, principalmente em um ambiente marcado por mazelas e contradições. Para isso, buscamos as contribuições de Judith Butler (2016), na obra *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade* para compreender a questão que a autora aborda sobre o binarismo homem/mulher. Ela critica a pretensa ideia de fragmentação. Esse binarismo, segundo a autora, só reforça a ideia de supremacia e exclusão. Precisamos compreender ambos como seres que se complementaram nesse universo do seringal e que foram afetados pelos mesmos campos de poder econômico e cultural, o que discutiremos mais adiante. Ambos assumiram seus papéis, embora diferentes e não podemos desmerecer a figura do homem, nem tampouco estudar os papéis da mulher dissociada destes homens que estiveram presentes no seringal, pois ambos foram muito importantes para composição daquele ambiente.

Buscamos questionar as representações do papel da mulher no seringal e como este papel foi construído pelo Outro, a partir das experiências masculinas e femininas naquele ambiente, que antes era construído através do imaginário fantasioso que inventou a Amazônia e que a colocou no cenário nacional, cheia de pré-conceitos e estereótipos, como exemplo dos mais comuns a Amazônia como “inferno” e “paraíso”, cheia de lendas e suas contradições que sustentaram aquele ideário verde.

Butler (2016) foi peça importante para descolonizar o olhar a respeito das questões de gênero, antes sentidas como dogmas, principalmente quando pensamos o ser feminino

legitimado pelo feminismo como política de representação. Para Butler (2016, p. 8) “os domínios da “representação” política e linguística estabeleceram *a priori* o critério segundo o qual os próprios sujeitos são formados, como o resultado da representação só se estender ao que pode ser reconhecido como sujeito”.

Antes este sujeito era entendido como ser estável, agora passamos a compreendê-lo como um ser em construção, que necessita ser atendido para que essa qualificação possa expandir-se, e assim mais tarde não possa ser ocultada pela própria política de representação que antes o legitimou.

O poder jurídico “produz” inevitavelmente o que alega meramente representar; conseqüentemente, a política tem que se preocupar com essa função dual do poder: jurídica e produtiva. Com efeito, a lei produz e depois oculta a noção de sujeito “perante a lei”, de modo a invocar essa formação discursiva como premissa básica natural que legitima, subsequentemente, a própria hegemonia reguladora da lei. Não basta inquirir podem se fazer representar mais plenamente na linguagem e na política. A crítica feminista também deve compreender como a categoria das “mulheres”, o sujeito do feminismo, é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais se busca a emancipação (BUTLER, 2016, p.19-20).

Através da citação, podemos compreender que não basta falar da categoria mulher, de sua emancipação sem que seja compreendido o que esteve por trás desse empoderamento, da ação política que a legitimou, tendo em vista que segundo Butler (2016) as exclusões e estruturas de poder que estiveram presentes na formação dessa autonomia podem compartilhar do mesmo atributo ao querer incluir a mulher pretendendo falar por ela. Assim é importante sair da tensão que legitimou o pensamento fechado e ir além para compreender as nuances que levaram a necessidade de politizar o pensamento ao que concerne a necessidade de quebrar a questão da teoria de gênero, que apenas reforça as desigualdades.

Ainda com relação à necessidade de descolonizar o olhar, sabemos da necessidade de pensar a Amazônia desvinculada da visão do europeu, como necessidade instigadora de romper com o pragmatismo instaurado nos textos dos cronistas viajantes. Diante dessa necessidade buscamos entender o que a obra de Neide Gondim (2007), *A invenção da Amazônia* nos mostra maneiras de ver a Amazônia, a partir da lógica europeia como a mais tradicional, que põe em destaque uma Amazônia construída a partir da visão dos viajantes europeus em oposição a de como viviam os nativos.

A visão que o europeu deixou registrada foi de fantasia, utopias e preconceitos, sobre principalmente os povos primitivos, que foram chamados de bestiais, inferiores, além do ideário

de paraíso, que fez com que houvesse muitas migrações embevecidas pelo discurso de enriquecimento rápido através da exploração da floresta e suas riquezas, através da imagem que se fez da Amazônia e sua diversidade.

A fauna e a flora extraordinários, os lugares sagrados das histórias bíblicas também foram constitutivos na construção do imaginário. A água miraculosa que impede o envelhecimento e a fauna de ouro e pedra preciosas acalentou o sonho de geração de ter riquezas sem desgaste físico e viver eternamente. As monstrosidades corporais – homens ou animais e ainda as mulheres solitárias, as Amazonas e a raça de gigantes – eram temas recorrentes nesse arcabouço imagístico, [...] (GONDIM, 2007, p. 45).

Os viajantes estrangeiros deixaram, segundo a autora, registros que aumentaram o imaginário europeu, agregando alguns valores que ainda permeiam e instauram a visão secular que se fez da Amazônia. O desejo de encontrar o paraíso terrestre incitado pela construção imagística criada a partir das histórias e mitologia índica chamaram atenção para um novo mundo cheio de contradições, e levou os imigrantes europeus em busca desta “terra de ninguém”³, expressão utilizada pelos viajantes, segundo Gondim (2007), que durante muito tempo foi usada por vários autores e que reforçou a ideia da Amazônia como vazio demográfico.

Essa ideia de terra de ninguém apresentada pelos relatos de viagens é quebrada quando a autora deixa evidente que haviam variedades humanas e culturais nas terras ocupadas. Era evidente nesses relatos que “o olhar para aquilo que seria novo poderá traduzir a similitude, a diversidade e ainda a permanência das maravilhas e monstrosidades índicas transladadas com matizes mais acentuadas” (GONDIM, 2007, p. 50) reforçavam ainda mais essa construção de Amazônia, inventada pelos colonizadores, que atraía estrangeiros para a exploração das riquezas da floresta, principalmente do látex entre os séculos XIX e XX.

Para os aventureiros, a natureza não poderia ser comparada com alguma coisa que já existisse no velho mundo, mas consistia na diferença que embutia a ideia de superioridade, captada segundo a autora, nas expressões de debilidade ou pujança, degenerescência ou imaturidade, indolência ou diligência, inferno ou paraíso. O último dualismo apresentado parte da ideia metafórica das palavras.

³ Essa expressão utilizada durante muito tempo e perdura ainda hoje em algumas falas ignorantes sobre a Amazônia, refutou os incontáveis seres que já existiam na região amazônica quando os colonizadores chegaram. Apesar de ser um território gigantesco, com várias extensões intocadas, de mata virgem, mas já existiam milhares de comunidades indígenas. Diversas etnias com milhares de línguas diferentes.

O inferno, segundo Gondim (2007, p. 55), é definido, desde o medievo, como um lugar de sofrimento, morte “atestado pela presença do belicoso canibal, bem disforme de semblante, mas que os outros até agora não tenham vistos” e o paraíso, “que representava um sonho sempre perseguido de viver eternamente, longe das pestes e da fome, sem necessidade de trabalhar, pois era um lugar prodigioso[...]” (GONDIM, 2007, p. 27). Os viajantes acreditavam em paraíso terrestre, lugar de liberdade e abundância, intertextualizando com o Jardim do Éden descrito no texto Bíblico.

Diferente do que se lia do discurso europeu, Gondim (2007) contribui para a desmistificação da Amazônia, alargando-nos a visão antes criada pelo discurso do colonizador, sem a qual não poderíamos compreender as utopias da metáfora do Novo Mundo, em que deu espaço ao fascínio e as maravilhas exóticas que são refutadas pela realidade.

A Amazônia era de interesse dos colonizadores, mas esse interesse não se deu apenas pelos lugares sagrados e exóticos, embora os impressionassem, se deu sobretudo pelo interesse da expansão da riqueza através do lucro obtido através exploração da fauna Amazônica, que de certo modo, com toda a sua pujança serviu de palco para as diversas possibilidades de exploração e expansão territorial.

Para reforçar o que dizemos sobre a visão que definiu a ideia de Amazônia, trazemos para a discussão Veronica Prudente Costa (2013) com sua tese de doutoramento intitulada *Muraida: a tradição de viagens em questão*, que aborda as viagens e os viajantes europeus na Amazônia. Segundo Costa (2013, p. 79) “de militares a missionários, aventureiros e clérigos, geógrafos a cientistas, são vários os viajantes que se dispuseram a desbravar a Amazônia”. As cartas, relatos de viagens criados pelos viajantes são importantes, pois contribui para compor esse cenário além de expandir o olhar com relação à construção histórica da Amazônia.

A leitura da tese acima citada contribui para pensar o espaço amazônico, questionando as tradições coloniais, principalmente para reforçar a quebra da ideia do vazio demográfico, quando a autora exemplifica as experiências dos europeus com as novas maneiras de vida em um espaço desconhecido com as novas comunidades encontradas. Segundo Costa (2013):

As viagens para o vale amazônico apresentavam muitos perigos e incerteza. Tais circunstâncias exigiram do desbravador adaptação a outro clima e a uma nova alimentação. De todas as classes, os desbravadores portugueses demonstraram que, entre desejar o novo e o implantar modelos do Velho Mundo na mata fechada, foram capazes de se adaptar a novas formas de vida, como dormir na rede, se alimentar de farinha e buscar alternativas de transporte, entre outras habilidade desenvolvidas na nova terra. Especificamente na Amazônia, adaptar-se naquele momento a viver nas

entranhas da selva, ainda que procurando refúgio nos beiradões dos rios, não era tarefa fácil nem para o mais bravo viajante, pois a floresta nunca aceita ser domada (p.79).

Percebemos que são vários os olhares para esse território gigantesco, e essas pessoas foram importantes pois construíram as suas narrativas a partir das viagens que fizeram como exploradores desde a época do “achamento” segundo Costa (2013), visto que não houve descobrimento, pois as terras já eram habitadas pelos povos primitivos. Segundo a autora, “esses desbravadores” não foram os responsáveis pela construção do imaginário fantasioso da Amazônia, mas seus relatos nos servem de fontes que contribuem para entender os olhares dos estrangeiros a respeito da região.

Os relatos de viagens trouxeram diferentes imagens e histórias dessa “descoberta”, enfatizando o caráter dos indígenas, a organização política e comunitária. Ao mesmo tempo foram significantes nesses estudos os conhecimentos da fauna e da flora, a hidrografia, topografia e potencial agricultor da nova terra. Porém, grande parte do imaginário sobre a Amazônia não foi construído a partir da chegada dos desbravadores, mas em período anterior (COSTA, 2013, p. 80).

A partir dos relatos de viagens, todos esses “aventureiros, desbravadores” citados por Costa (2013), deixaram suas impressões a respeito do que se constituiu a região. Marcadas através de relatos de viagens sobre esse exotismo, além de evidenciar e reforçar os preconceitos com relação aos povos primitivos.

Os relatos de viagens são reconhecidos e entendidos como fonte de conhecimento sobre os encontros com seres humanos diferentes e com fenômenos naturais desconhecidos. O detalhamento e a intensidade desses relatos, muitas vezes narrados de maneira hiperbólica, suscitaram uma profunda influência na atitude das gerações futuras em relação aos indígenas, pois até hoje algumas etnias carregam estigmas, como por exemplo, o de que os Tupi são canibais e os Mura são cruéis (COSTA, 2013, p.79)

Este cenário amazônico não era um vazio demográfico, pois não era apenas selva, existiam também milhares de habitantes autóctones, denominados como indígenas pelos colonizadores e que foram em grande parte exterminados durante o período colonial. Estes já faziam a extração da borracha antes do período de auge, mas não trabalhavam com a cobiça dos seringalistas.

Para colaborar nessa discussão, convocamos a autora Ana Pizarro (2012), em sua obra *Amazônia: as vozes dos rios: Imaginário e modernização* que, no capítulo III, trata sobre as

“vozes do seringal”. A autora discorre sobre o discurso da exploração da borracha que se apresenta em diversas vozes.

Pizarro (2012) diz que a Amazônia é uma construção discursiva, sempre funcional aos interesses europeus e somente através dessa construção podemos chegar a uma imagem.

Ao falar de discurso, estamos nos referindo também ao termo “formação discursiva”, que, como afirma Michel Foucault, não se trata de declarações isoladas, mas de declarações articuladas em torno de um mesmo sentido, segundo Hall, não se trata de uma diferenciação convencional entre pensamento e ação, mas da produção de conhecimento através da linguagem. A prática discursiva tem por sentido a geração de conhecimento. Isso significa que todo discurso é ideológico, na medida em que não é inocente, pois foi emitido por um sujeito em condição particulares e parte de um lugar específico de enunciação (PIZZARRO, 2012, p. 30).

E por considerar a Amazônia uma construção discursiva, não o discurso dos nativos da Amazônia, mas os discursos espanhóis, portugueses, francês, inglês que ali estiveram na exploração, não apenas dos recursos naturais, mas também na exploração do homem. Esses discursos que “construíram” a Amazônia segundo a autora apresentam a sua complexidade e se tornam tendenciosos como podemos observar na citação abaixo:

É um discurso complexo, em que os imaginários naufragam e os preconceitos da modernidade se tornam porosos, são tensionados e às vezes explodem. É horror presente num dos pilares do salto tecnológico, de final do século XIX e começo do século XX: a extração da borracha, caucho⁴ ou látex⁵, que será utilizada nos tecidos e sapatos impermeáveis, desenhados para a recente vida urbana dos grandes centros metropolitanos” (PIZZARRO, 2012, p.114).

Nessa citação a autora fala do discurso que evidenciou a Amazônia e a importância da borracha como fonte de riqueza para os exploradores além de evidenciar a diferença da matéria prima que serviu de mola para aumentar ainda mais a cobiça do estrangeiro com relação às riquezas que foram sendo “descobertas” na região. Mas para que esse território fosse tomado, muitas vidas foram sacrificadas, principalmente dos primeiros habitantes. A ganância já se fazia transparecer, segundo a autora, desde os primeiros viajantes.

O Caucho despertou o interesse dos primeiros viajantes – aparece já na segunda viagem de Colombo –, pois, como dissemos antes, La Condamine buscou informações detalhadas sobre este material e o trabalho realizado pelos nativos da Amazônia sobre

⁴ Árvore de grande porte, da família das moráceas, nativa da Amazônia, frutífera, cujo látex fornece borracha de qualidade inferior à da seringueira. A borracha é feita do látex dessa árvore.

⁵ Líquido de aspecto leitoso que se colhe por meio de incisões no tronco de certas plantas, sendo comercialmente mais importante o da seringueira, do qual se fabrica a borracha.

esta resina. As possibilidades de uso são muitas e elas vão a goma para fabricar correias industriais até a própria goma de mascar (PIZARRO, 2012, p. 114).

Assim, percebemos que a história aponta que a exploração da borracha não teve início na metade do século XIX. O desejo de exploração já existia nos colonizadores europeus. O interesse está bem exemplificado na citação acima. Assim como as diversas utilidades do produto, o que aumentava ainda mais o interesse dos exploradores. Segundo Pizarro (2012), a exploração da borracha se deu em vários momentos. Buscamos destacar quando essa utilização se inicia:

O primeiro momento projeta seus inícios no campo americano, já que era usado tradicionalmente pelo mundo indígena, de acordo com os registros feitos desde Colombo e Pedro Martir de Anglería, em 1530. Em 1770, foi descoberto na Inglaterra seu uso como borracha para o lápis de carvão. Em 1803, já existia em Saint Denis, próximo de Paris, um lugar de fabricação de correias elásticas, com o que teve seu uso industrial (PIZARRO, 2012, p. 117).

Comprovamos através dos dados fornecidos na obra de Pizarro (2012) que a extração da borracha se deu muito tempo antes de ter grande destaque. Porém, a visibilidade, segundo consta na historiografia, foi no final do século XIX e início do século XX, quando se deu o ápice da borracha, e os habitantes da Amazônia vivenciaram, por um lado, o luxo proporcionado pela riqueza da borracha e, por outro, a opressão dos milhares de seringueiros explorados e humilhados. A autora diferencia essas matérias-primas e as árvores que as produzem, bem como os seres humanos que trabalhavam nessa extração, o que podemos constatar na citação abaixo:

As plantas mais comuns são a *Hevea Brasiliensis*, **nome científico da seringueira**⁶, e a *Castilloa Ulei*, a primeira produz o látex, e a segunda o caucho. [...] De um lado está o caucheiro, que corta a árvore para extrair a resina, sendo considerado um depredador. Trata-se de uma pessoa que está de passagem pelos lugares e subtrai o produto, deixando para trás a destruição. De outro, há o seringueiro, que é o trabalhador sedentário e está vinculado a lugares específicos de exploração. É mais um colonizador que extrai o látex durante dois períodos anualmente (PIZARRO, 2012, p. 114, grifos nossos).

Essa diferença dos produtos valorizava ainda mais a árvore da seringueira e o látex extraído dela. O que atraía ainda mais a atenção dos exploradores para esse ambiente, o qual precisamos discutir para melhor compreensão do objeto pesquisado. Não apenas o local, onde ele foi construído, o seringal, mas também o meio de sobrevivência daqueles seres humanos

⁶ Árvore da família das euforbiáceas, nativa da Amazônia, da qual se extrai o látex, matéria-prima da borracha natural.

naquele ambiente. Pizarro (2012) descreve os seringais como lugar cheio de emaranhados e repletos de perigos da selva onde a seringueira era encontrada.

O lugar onde trabalha o seringueiro está organizado em “estradas”, sendas abertas na selva, onde existe um número de árvores de caucho, entre oitenta e cento e cinquenta. Estas estradas tem a forma circular, como pétalas em torno de um centro, que é o lugar onde mora o seringueiro e tem sua choça ou barraco (PIZARRO, 2012, p. 114-115).

A Amazônia que era avistada a partir da imagem criada pelo navegante europeu, agora pode ser reconfigurada sob um novo olhar, não de quem nunca esteve na região e imaginou-a, mas a partir de outras experiências. Ela passou a ser sentida nos seringais, através do trabalho de extração da resina, que era muito sacrificante, tanto para o trabalhador quanto para as árvores, que mediante os cortes e adaptação de tigelinhas para a coleta da resina que produziria o látex, conforme a autora descreve esse trabalho na citação abaixo.

A extração se faz mediante feridas abertas nas árvores, ou cortes paralelos, a dez centímetros de distância um do outro, em forma de canaletas, que conduzem a resina até um recipiente. Essa tarefa ocupa a metade do dia do seringueiro. A outra metade consiste em retirar o produto e coagulá-lo mediante um pau ou vara que, girando sobre um eixo, produz o acúmulo do produto endurecido em camadas sucessivas, através de fumaça com alto conteúdo de enxofre e carvão (PIZARRO, 2012, p. 115).

Esse trabalho repetitivo era realizado pelo seringueiro. A autora cita o seringueiro, que é definido por Euclides da Cunha, em seu ensaio intitulado *A margem da história*, texto póstumo de 1909, como um profissional solitário em meio ao infortúnio, o isolamento das estradas de colheita na floresta. Para Pizarro (2012), o texto de Cunha, apesar de um marco enunciativo mostra uma perspectiva humana dolorosa, porém admirável do seringueiro e o enfrentamento com a natureza e as condições impostas pela vida na selva, como podemos sentir na citação abaixo:

E vê-se completamente só na faina dolorosa. A exploração da seringa, neste ponto pior que o caucho, impõe o isolamento. Há um laivo siberiano naquele trabalho. Dostoievski sombrearia as suas páginas mais lúgubres com esta tortura: a do homem constringido a calcar durante a vida inteira a mesma “estrada” de que ele é o único transeunte, trilha obscurecida, estreitíssima e circulante, que o leva, intermitentemente e desesperadamente, ao mesmo ponto de partida (PIZARRO, 2012, p. 139).

A questão que se coloca na citação acima, na qual é exposto a condição do seringueiro, pode ser exemplificado nas narrativas ficcionais analisadas, nas quais são expostas as condições dos migrantes nordestinos que neste contexto vieram para o Acre persuadidos pela falsa riqueza,

além de alternativa de fugir da fome que os castigava. Homens, a maioria solteiros e os poucos casados traziam consigo a família, além das marcas do sofrimento causados pela seca do Nordeste, à procura de “verde e águas sem fim”, conforme descreve Pizarro (2012) para descrever a Amazônia.

Em *Terra Caída*⁷ estão presentes as marcas da solidão quando trata do seringueiro, que se submete a uma vida sofrida e solitária nos seringais, em virtude do deslumbramento, mas também persuadidos pela ânsia de riqueza. Essa solidão podemos constatar na leitura da obra, quando Potyguara (2007, p. 15) diz: “Muitos se sujeitavam a embarcar sozinhos. Depois de anos de trabalho e economia, mandavam buscar as famílias”.

Os homens deixavam as famílias e submetiam-se ao isolamento físico e à solidão, que trataremos mais adiante, e com toda as contradições povoaram e foram personagens na construção da Amazônia, personagens reais, que o narrador, através da ficção busca diante de diversas interpretações descrever, a vida real daqueles que se fizeram opressor e oprimido, como podemos exemplificar na citação abaixo:

Numerosa leva de cearenses se preparavam para viajar. Chico Bento decidiu e embarcou também, com dois baús, a mulher e duas filhinhas, [...]. Oito dias e viagem num cargueiro, até Belém, e mais um mês e tanto na terceira classe de um gaiola imundo, repleto de retirantes (POTYGUARA, 2007, P. 13).

Esse novo discurso que trata no cenário da borracha, segundo Pizarro (2012) é um discurso que está se construindo, diferente do discurso do colonizador. A Amazônia passa a ser construída a partir das experiências concretas, vividas no seringal, e nessa experiência se diferencia o que esteve construída com a retórica que alimentou os primeiros cronistas, na ilusão de um novo Eldorado, lugar de enriquecimento ou então de Paraíso para aqueles que procuraram uma vida melhor.

A Amazônia agora é construída agora em função de uma experiência vivida e, nesta experiência, ela desaparece na retórica paradisíaca que alimentou os relatos dos primeiros cronistas, na ilusão de um novo Eldorado, lugar de enriquecimento ou então Paraíso, para aqueles que procuram uma vida melhor. O problema é que, para conseguir tudo isso, os primeiros escravizavam os segundos, em geral indígenas ou imigrantes nordestinos. Então o paraíso de torna inferno, cárcere de grades verdes, entre mosquito, umidade, malária, insetos, víboras, faunas animal e humana (PIZARRO, 2012, p. 147).

⁷ Potyguara, José. *Terra Caída*. 3ª Ed. São Paulo: Globo, 2007. Obra que faremos uma análise mais detalhada na discussão do capítulo 03 dessa dissertação.

Esses homens, mulheres e crianças eram submetidos às condições desumanas nas viagens. Dados históricos confrontados com a ficção mostram realidades que eram ocultadas pelo discurso econômico, visto que era de interesse dos seringalistas que essa verdade sobre a realidade vivida no seringal não fosse revelada. Assim, mantinham a falsa ideia da extração da borracha como forma de enriquecimento rápido.

Nesta perspectiva, Samuel Benchimol (2009), em *Amazônia: Formação social e cultura*, traz uma discussão sobre a exploração da borracha que vem reforçar o que apresentamos por Pizarro (2012), que reflete sobre a condição dos seringueiros e como estes contribuíram para a construção histórica e cultural da Amazônia, conforme exemplificamos com a citação a seguir:

A partir de 1827, a borracha amazônica começa a aparecer na pauta da exportação regional com um embarque de 30 toneladas. Com o processo de vulcanização, em 1839, e o aumento do uso dessa matéria prima, os registros subiram para 1445 toneladas no quadriênio 1840 – 1844; no período de 1875 – 1879 figuravam com 30.360 toneladas; em 1901 iria alcançar 30.241 toneladas e no auge do *boom*, em 1912, atingia 42.286 toneladas, índice jamais atingido anteriormente[...] (BENCHIMOL 2009, P. 153).

Os dados da citação acima evidenciam grande quantidade de borracha que começou a ser exportada. Sabemos que para atender a demanda apresentada pelo autor, era necessária mão de obra. Dentro desse cenário surgem novos seres humanos que, a partir de então, foram importantes para compor esse novo tempo que estava se constituindo a região.

Segundo o autor, no decorrer desse período citado acima, a Amazônia recebeu uma grande quantidade de imigrantes nordestinos, conhecidos “genericamente de *cearenses*”, expressão utilizada por Benchimol (2009), vindos de várias partes do Nordeste, segundo dados do autor, geralmente da zona agreste e do sertão do Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e de outros estados nordestinos.

Centenas de milhares de imigrantes *cearenses* e nordestinos, ora expulso pelo flagelo da seca do sertão, ora atraídos pelo apetite da seringa, vieram para a Amazônia [...]. Talvez na história da migração humana, jamais se tenha registrado drama igual proporção, somente comparável ao dos judeus no seu êxodo, diáspora e perseguição milenar; ao dos povos africanos, nos porões dos navios negreiros e nas senzalas da casa-grande; e das tribos indígenas expulsas de suas terras, após a destruição de suas culturas (BENCHIMOL, 2009, p. 159).

Através desses dados apresentados pelo autor, podemos perceber que foi grande a quantidade de pessoas com quem a Amazônia tem uma dívida histórica, pois foram vítimas da

exploração e do trabalho escravo, somada à dívida dos povos africanos e dos povos indígenas que foram escravizados, esquecidos, silenciados, explorados em função da “modernização”.

Esses migrantes nordestinos eram recrutados e trazidos para a Amazônia em gaiolas, em condições desumanas e já saíam de suas terras endividados e vinham em busca de suprir a necessidade da fome ou a ganância e o sonho de enriquecimento rápido.

Esses imigrantes *cearenses*, segundo Benchimol (2009), chegavam às colocações, denominadas seringais, como turmas de *brabos*, termo usado para indicar os seringueiros sem experiência no trato com a seringueira, e aos poucos iam se adequando aos perigos da selva e se familiarizando com o trabalho de extração do látex.

Eles eram recrutados nos campos de flagelados das secas, nas vilas e povoados do sertão nordestino, embarcados nos porões dos navios do Lloyd, amontoados nas improvisadas hospedarias de imigrantes e depois mandados, com sua rede de dormir nos porões dos *vaticanos*⁸, *chatas*⁹ e *gaiolas*¹⁰, rio acima para trabalhar nos seringais dos baixos e dos altos rios. Começavam a trabalhar já endividados, conforme Euclides da Cunha: o seringueiro trabalha para escravizar-se. Começavam como *brabos* até que, com a ajuda dos companheiros mais velhos e experimentados – os seringueiros *mansos*, já domesticados, aprendiam o ofício do corte, sangria, coleta e defumação. Quando não eram vítimas da violência, das flechadas dos índios, picadas de cobras, das emboscadas e conflitos de sangue nas festas e negócios, morriam aos milhares de doenças como beribéri, pelagra, malária, maleita e ferida braba (BENCHIMOL, 2009, p. 159).

Além da necessidade de fugir da fome e da miséria causadas pela seca no sertão, também havia as histórias contadas que na Amazônia havia um lugar protegido pelos povos primitivos, o *El Dourado* que, segundo Gondim (2007), foi criado pelo imaginário europeu. Segundo a autora acreditavam que nesse “Novo Mundo” criado pela imaginação dos navegantes a partir da mitologia greco-romana, havia um lugar desconhecido, cheio de expectativas de encontrar riquezas. Além disso, os cearenses foram embriagados pelo sonho de enriquecimento rápido, a febre da extração da borracha e o ideal do paraíso terrestre.

A trajetória dos imigrantes que se tornaram seringueiros, a vivência na selva mostra uma realidade diferente da que persuadiram a sua vinda em busca de aventuras na Amazônia. O

⁸ São gaiolões, de 900 a 1 000 toneladas, que oferecem comodidades maiores aos passageiros, em relação a navios menores em que são obrigados a viajar pelos rios da Amazônia, nos trechos fora do alcance dos "palácios flutuantes", cuja impressão à noite, deixada por sua esplêndida iluminação, explica, segundo Raimundo Morais, o apelido de "vaticano".

⁹ São navios de roda à popa, que trafegam no alto Purus, alto Juruá e Acre durante o verão. São embarcações de três pés de calado, no mínimo, e de umas duzentas toneladas de deslocamento, encerrando duas toldas, máquinas em cima do convés, tipo de que o SNAAPP (Serviço de Navegação da Amazônia e da Administração do Porto do Pará) possui um, pelo menos, com 303 toneladas brutas.

¹⁰ Embarcação de pequeno porte, movida a vapor, usada na Amazônia como meio de transporte fluvial.

sonho de enriquecimento, de fartura, das maravilhas exóticas, o que para eles deveria ser o paraíso, após a experiência vivida, passa a ser visto como o inferno. Segundo Gondim (2007), metaforicamente considerado lugar de tormento, causado pela ação dos insetos, das pestes, do calor excessivo, da vegetação, da umidade que contribuem para transformar a ideia de paraíso em inferno. E quando conseguiam conviver com todas as espécies de animais selvagens e tinham que sobreviver sob os domínios do seringalista.

1.3 A aridez do seringal, o homem e as relações de poder

A árvore que chora fala da metamorfose do homem em mercadoria enquanto vendedor de sua própria força do trabalho e alguma coisa que sente na pele mas não vê; é subjetiva e se objetiva em seu próprio descrédito enquanto homem; sente sua força vampiresca e poderosa que lhe extrai do corpo e o sangue num constante movimento autofágico (GONDIM, 2001, p. 302).

Os seringalistas também foram agentes importantes para compor a lógica do pensamento que encaminhou a pesquisa. Também denominados coronéis, detinham o poder, prestígio e riqueza. Nas suas colocações eram os “donos da verdade”, da lei e da ordem. E na medida que iam enriquecendo, mais aumentava o prestígio juntos aos governantes. Esses coronéis, segundo Benchimol (2009), tinham diferentes tipos de temperamentos, quer variava de sanguinários, violentos, autoritários e até mesmo uns que tinham boa formação moral, amigos e compadres de seus aviadores e compradores. Na obra *Terra Caída*, podemos observar esse autoritarismo na fala do coronel Tônico Monteiro: “– No seringal, quem manda sou eu. Eu só! Aqui, sou delegado, juiz, rei, papa, o diabo! Ninguém se meta a besta! Quem faz a lei sou eu; e a lei, aqui, é bala!” (POTYGUARA, 2007, p. 28). Através dessa fala, podemos observar o abuso de poder e a impunidade perante às leis, porque ele detinha cargos que eram conseguidos através do prestígio com as autoridades públicas.

Muitos desses seringalistas-coronéis foram responsáveis pela separação de milhares de homens e mulheres, famílias destruídas em nome da ambição. Seringueiros e seringueiras que povoaram a Amazônia e deixaram histórias de lutas e sofrimento, ainda mais quando houve o colapso da borracha, e esta perdeu o valor econômico. Embora as narrativas ficcionais em

análise não demonstrem a existência de mulheres seringueiras, dados históricos mostram que as mulheres também tiveram experiência com a força monstruosa da selva.

Os seringalistas, movidos pelo ímpeto da riqueza, fazem dos seringueiros escravos. O paraíso sonhado por esse povo transformou-se em inferno. Esse inferno, não visto como os cronistas descreveram, mas como o universo dos humanos e suas relações com a selva e com o Outro, onde homens e mulheres seringueiras estiveram em companhia de animais selvagens, e precisavam sobreviver às pestes, à umidade, à malária e todos os tipos de violências e atrocidades, o que fez desse lugar um ambiente hostil.

Essa hostilidade se fazia presente no dia a dia do seringal de diversas maneiras, tanto que os seringueiros sem direitos assegurados se agarravam a qualquer fio de esperança que fizesse com que eles tivessem qualquer perspectiva de mudança na vida. Observamos um exemplo disso quando ocorre a chegada de uma professora que simbolizou a esperança, uma luz em meio a escuridão do analfabetismo, bastante visível na narrativa de *Terra Caída* quando Chico Bento foi à escola fazer a matrícula da filha e em um diálogo com a professora ele expôs os benefícios que seriam trazidos com a presença dela naqueles confins. Para ele, era impossível pensar na sorte de outras crianças espalhadas nos seringais, mais de duzentas, sem ter quem lhes ensinasse pelo menos a assinar o nome. Segundo ele, eram crianças que tinham o direito de ser gente, mas a falta de oportunidade levava-as a serem criadas como bichos. Para o coronel, ter uma professora no seringal era simbolicamente um luxo, não um direito, e era impossível proporcionar essa regalia a todas as crianças. O não reconhecimento do acesso ao conhecimento como um direito a ser assegurado aos filhos dos seringueiros revoltou Chico Bento, como podemos perceber na citação a seguir: “– Tá certo, coronel. Mas os meninos daqui também são brasileiros. O diabo é que seringueiro é bicho-do-mato. Por isso a sorte dos filhos é serem burros!” (POTYGUARA, 2007, p. 61).

Deste modo, podemos perceber na fala da personagem que o seringal era um espaço sem lei, um pedaço de chão visto a parte, que apesar de estar em solo brasileiro, o coronel não reconhecia os direitos dos seringueiros, como se eles não fizessem parte do Brasil.

Essa ausência de leis e direitos também corrobora a imagem de “inferno”, em cada sofrimento dos seringueiros, seja no âmbito pessoal, social e na produção da borracha e o quanto eles se sacrificavam para entregar o produto em tempo hábil e quantidade suficiente. Esses homens arriscavam a própria vida para cumprir a sina de seringueiro, enfrentavam a fúria da natureza impiedosa com seus ventos e chuvas avassaladoras, confrontando com os estampidos dos trovões como verdadeiros canhões em capo de batalha, reforçados pelos fortes sons de

árvores que eram arrancadas de suas raízes pela tirania dos ventos, como podemos observar na citação que descreve a floresta depois de um temporal.

Onde, na véspera, a floresta se ostentava cerrada, exuberante, existe agora, larga clareira na qual o sol despeja jorros de luz. Do montão desordenado de troncos partidos, galhos retorcidos, raízes arrancadas, sob um cheiro forte de terra revolvida de folhas amarfanhadas (POTYGUARA, 2007, p. 84).

A natureza era impiedosa e mostrava a sua fúria, o seu descontentamento com a ação humana contra ela. O inferno aqui descrito não afeta apenas a floresta e os seringueiros, mas também assolam as almas daquelas mulheres e filhos que ficavam em casa aflitos à espera do seringueiro que, embrenhado na mata, atrasava o seu regresso, como podemos exemplificar com a passagem que narra o desespero de dona Chiquinha a espera de Policárpio que não voltou para casa depois de uma noite infernal no meio da tempestade na mata e só depois de muita procura os urubus dão indícios de que sua vida havia sido tragada pelas árvores que não resistiram à tempestade.

De repente (Zé Rufino), para, tira o chapéu da cabeça e se benze respeitosamente. Embaixo, meio soterrado, está o cadáver de Policárpio. **A própria árvore, cuja sapupema¹¹ ele procura refúgio, tomba durante o temporal, esmagando-o.** As pernas e o tórax ficaram por baixo da samaumeira¹². Inteira resta só a cabeça, já coberta por formigas (POTYGUARA, 2007, p. 84, grifos nossos).

Neste sentido, podemos perceber que o pobre homem teve a vida ceifada pela própria árvore em que ele confiou como abrigo, mas ela impotente as fúrias do vento, cai e o esmaga como um inseto. Sacrificou a vida em busca de riqueza e após a morte não teve direito a um funeral, quanto mais a um enterro decente. Teve seu corpo coberto ali mesmo pelos restos da árvore e um punhado de terra que cobriu o resto do cadáver.

Assim percebemos que o homem enfrentava todos os perigos da selva, arriscando a própria vida, pois precisa cumprir os acordos para, assim, poder comprar suprimentos mínimos para a subsistência, que não eram suficientes. O mercado exigia grande quantidade de produto

¹¹ Raízes da samaumeira. Essas raízes são usadas na comunicação pela floresta, que é feita através de batidas em suas estruturas.

¹² Árvore tipicamente amazônica, conhecida como “árvore da vida” ou escada do céu”. É considerada sagrada para os antigos povos “maia” e os que habitam a floresta. Possui uma copa frondosa, aberta e horizontal. Chega a medir 60 a 70 metros de altura e o seu tronco é volumosos, até 3 metros de diâmetros com contrafortes. Algumas chegam a atingir os 90 metros de altura, sendo por isso uma das maiores árvores da flora mundial.

e para atender essa demanda os homens se submetem ao trabalho escravo, assim o narrador define:

“Tirar saldo” é obsessão do trabalhador, o seringueiro. E como não ser assim, se o saldo é a liberdade? O regime da indústria seringueira tem sido abominável. Institui-se o trabalho como a **escravidão branca!** Incidente à parte na civilização nacional, determinaram-no as circunstâncias de uma **exploração sem lei**. O código surgiu mesmo nas contingências da luta. Não por intimidação de uma autoridade, que não existia; mas por **acordo** entre todos. [...] Incrível dizer-se – foram seringueiros que golpearam a lei fundamental da nação livre! [...] Não era o exercício da simples crueldade; **mas o interesse do capital, que instituíram a sua própria defesa**. Lógico, pelo menos fatal. **Os estatutos da nova sociedade, que quis viver, receberam essa base: não poder o seringueiro abandonar o seringal, sem estar quite para com o patrão** (RANGEL, 2008, p. 122-123, grifos nossos).

Conforme comentamos anteriormente, o seringueiro já chega ao seringal endividado, logo, já chegava sem liberdade. Segundo o narrador, em circunstância “de uma exploração sem lei” o seringueiro quebrou a lei que instituiu os seres humanos livres. Não mais escravos negros, agora escravos “brancos” eram usados na exploração da borracha. O seringal tornou-se um espaço sem lei que o legitimasse, apenas o capital, de acordo com o seu interesse e dos coronéis, instituiu as normas que deveriam ser respeitadas em todos os seringais.

Podemos perceber esse sacrifício na citação a seguir quando o narrador descreve o espaço em que é armazenado o produto e reflete sobre o trabalho que eles realizavam para obter aquela quantidade do produto.

Partindo da frente do armazém até mais ou menos metade do arruado¹³, os terreiros das casas estão cobertos de borracha. Alinhadas em oito filas, as bolas formam largo retângulo negro que se destaca sobre o vermelho do barranco. [...] Chico Bento aproveita para contar as pelotas de borracha e fazer um cálculo da fortuna ali espalhada ao sol. [...], dão um total aproximado de oitocentas toneladas. Isso em agosto. Até o fim do fabrico, a produção pode dobrar.

E Chico Bento põe-se a refletir na soma de sacrifícios que aqueles milhares de bolas negras custaram a ele e aos companheiros. Quanto suor derramado; quantas idas e vindas, palmilhando diariamente, os mesmos varadouros úmidos e sombrios; quantas madrugadas; quantos dias de trabalhos estafante entrando pela noite na tarefa da defumação! E enquanto muitos não arriscavam a vida no centro da mata, o patrão enriquece no seu bonito chalé (POTYGUARA, 2007, p. 34).

¹³ Expressão usada pelo narrador para descrever a sede do seringal, a demarcação e abertura da rua no qual existia o chalé do coronel, o armazém as casas dos empregados de confiança do coronel. As demais casas ou barracos dos seringueiros eram distribuídas no centro da mata, uns quilômetros distantes das outras, distância suficiente para proporcionar o isolamento e a solidão. (Interpretação extraída da leitura de POTYGUARA, José. Terra Caída: Romance/José Potyguara; prefácio de Jorge Viana. 3ª ed. – São Paulo: Globo, 2007).

Nesse ambiente de agressividade ímpar, o seringal, estava evidente a relação de poder, o enriquecimento do patrão, o seu bem-estar em função do sofrimento dos empregados do seringal. Não apenas o poder financeiro, mas também quando tratamos de gênero, que trataremos no capítulo seguinte. Fatos que podemos notar no desenrolar das narrativas e se confirmam nos dados históricos. No decorrer da leitura das obras percebemos diferentes personagens, homens seringueiros e mulheres de seringueiros; seringalistas e personagens anônimas que serviram de pano de fundo às narrativas ficcionais. Variedades humanas, deixaram evidente este legado.

Esse regime de escravidão nos seringais é notadamente forte nas narrativas e as formas de punição para o seringueiro que ousasse quebrar a regra estabelecida eram cruéis, como verificamos quando é narrado a situação do infeliz Zuca – um pobre-diabo doente e indefeso, sem mulher nem filhos – conforme descreve o narrador. O seringueiro passou o verão doente e atrasou-se no fabrico da borracha e ficou endividado e como não estava produzindo teve seu crédito suspenso. O que lhe restava era uma péla¹⁴ de borracha, o qual tentou vender a um regatão para comprar quinino, pílula que tratava a malária. O homem de confiança do coronel o surpreendeu e prendeu em lugar e condições desumanas, conforme a citação abaixo confirma:

À noite, dona Maroca e a professora saíram passando até o porto, a fim de olhar o navio de perto. Voltando, ao passarem em frente ao armazém, ouviram gemidos e exclamações. Levadas pela natural curiosidade as duas mulheres rodearam o prédio. Notaram que os gemidos não vinham de dentro do armazém, porém debaixo dele. Nada puderam ver porque as tábuas da parede, passando além do soalho, descem até rés-do-chão. Aquele desvão, **sem luz e sem ar** por baixo do armazém, serve de depósito de caixotes vazios. Frasqueiras e objetos sem uso. **Esconderijos de aranhas, escorpiões, ratos, morcegos que ali se multiplicam, tem no chão esburacados grandes poças de lama onde os porcos refocilam**, impregnando de miasmas o ar úmido e abafado (POTYGUARA, 2007, p. 127, grifos nossos).

Segundo o narrador, Zuca para falar com dona Maroca¹⁵ vem “arrastando-se de gatinhas, porque o soalho, por cima dele, não lhe permite ficar de pé”. Ele está nesse ambiente fétido, com fome, frio, febre e ainda está acorrentado, se não bastasse tamanha crueldade. Isso mostra a relação do homem com o Outro e a maneira como as relações eram construídas, sem respeito pela vida. A prova disso estava no modo como o Tomás, homem de confiança do patrão aprisionou Zuca, que passou a ter uma vida indigna para um ser humano.

¹⁴ Pequena quantidade de borracha (segundo a obra, uma bola pequena de borracha).

¹⁵ Ver descrição das personagens no anexo 02 desta dissertação.

Muitas vezes, para sobreviver no seringal o homem precisava passar por cima do orgulho e da virilidade, como podemos exemplificar com o personagem Tibertino, marido de Anália e empregado do coronel, com a função de chefe do armazém. Segundo o narrador, esse cargo fora conquistado graças ao prestígio da esposa com a “bondade” do coronel, conforme exemplificamos na passagem da obra que diz:

Há ainda outro empregado da sua confiança: o chefe do armazém, mas por outro motivo. **Caráter fraco, sem opinião própria**, estar sempre de acordo com a alheia, Tibertino angariou a confiança do patrão pela **sabujice** e a credencial de marido da Anália. **Morena forte e bonita – beleza cigana, de olhos tentadores e carnação sensual** –, **Anália exerce completo domínio sobre o marido**, a quem trata como um **animal útil à sua incontrolável sensualidade**, sobretudo agora, depois do casamento de Tônico Monteiro, que a relegou a segundo plano. Suas **intimidades clandestinas** com o coronel, quando solteiro, são comentadas em todo o seringal. **Dizem que, dos seus cinco filhos, só o primeiro é de Tibertino** (POTYGUARA, 2007, p. 31, grifos nossos).

A citação acima, em uma linguagem transgressora, evidencia não só o preconceito e a discriminação contra a mulher, o homem também é um oprimido e tem sua virilidade questionada. Neste caso, Anália, sua mulher, mantinha uma relação extra conjugal com o dono do seringal, segundo expõe o narrador. O marido não contestava pelo fato de o amante de Anália ser o patrão ou pelo fato de ele enquanto marido não atender às necessidades sexuais da mulher?

Segundo Bourdieu (2012) a virilidade para o homem é uma questão de honra. Aceitar as “intimidades clandestinas” da mulher era uma maneira de deixar que duvidassem da sua virilidade. Observemos o que o autor fala sobre a virilidade:

A virilidade, em seu aspecto ético mesmo, isto é, enquanto qualidade do *vir*, *virtus*, questão de honra (*nif*), princípio da conservação e do aumento da honra, mantém-se indissociável, pelo menos tacitamente, da virilidade física, através sobretudo das **provas de potência sexual** – defloração da noiva, progenitura masculina abundante etc. – que são esperadas de um homem que seja realmente um homem (Bourdieu, 2012, p. 20, grifos nossos).

Tibertino teve a virilidade questionada porque não deu prova de sua “potência sexual” ao ser considerado pai de apenas um filho, dos cinco filhos de Anália. Sendo pai apenas do primeiro filho, quatro deles tinham evidentemente outra paternidade; conforme o narrador expõe, eram filhos do coronel Monteiro. Neste sentido a prova da virilidade e potência sexual era dada pelo coronel, o que fazia crescer ainda mais a honra de homem.

Apesar de Anália ser descrita como dominadora, o que trataremos no capítulo 03, ela é analisada dentro de um discurso machista da sedução. Entendemos pela descrição do narrador

que Anália só teve esse domínio porque era sedutora, sensual, e o marido era considerado de “caráter fraco” porque além de aceitar ceder a mulher ao patrão ainda cuidava dos filhos de outro e não defendia a sua honra.

O homem, neste caso, não se tornava oprimido apenas por causa dos preconceitos sociais por ter sua virilidade contestada, mas também era escravo do sistema financeiro e da difícil situação de vida no seringal. O narrador usou uma linguagem que desafia o leitor ou a leitora a infligir um julgamento, mas que confirme o seu julgamento hegemônico. Embora ele estivesse em defesa da “moralidade”, trouxe conceitos próprios do que é ser homem e do que é ser mulher e dos papéis que estes devem assumir. Para evidenciar a masculinidade, para ser homem, “cabra macho” segundo Potyguara (2007), tem que resolver no cabo da espingarda ou na ponta de uma faca. O homem só é homem se dominar e oprimir? A mulher só é mulher se assumir uma postura de submissão?

Em nenhum momento da fala do narrador fica evidente a intimidade de Anália com Tiburtino, seu companheiro. Como se ele aceitasse a condição “de corno” apenas para poder viver sem muito desgaste físico e usava a mulher para usufruir das regalias que Tiburtino proporcionava em função de ser o amante.

Esse julgamento da defesa da moral masculina, que precisava ser defendida era marcante no seringal. Fato que pode ser evidenciado na narrativa quando o personagem Zeferino, para defender sua honra desfila doze tiros de rifle que mataram Bastião, seringueiro que “esteve muito doente: amarelo, vomitando, sem parar, com disenteria e um febrão danado (POTYGUARA, 2008, p. 133) e depois de bem cuidado estava desrespeitando a esposa de Zeferino. Para defender mais a sua moral do que a esposa, o matou, assim exemplificamos o diálogo abaixo entre seu Conrado, o guarda livros do armazém e Zeferino:

_ É muito lamentável tudo isso, Zeferino. Você é um bom seringueiro, com saldo agora... atrapalha tudo... terá que ser preso. Bem podia ter evitado isso. **Não precisava matar.**

Zeferino que estava de cabeça baixa, encara o outro e, **com a fisionomia transtornada, traduzindo toda a decepção**, exclama:

_ O que foi que vossemecê disse? Então... eu não precisava matar!...

Num assombro de ironia que nem veio aos lábios porque morreu na garganta, volta a falar, procurando ficar calmo:

_ Seu Conrado, vossemecê também é casado e bem casado. Todo o seringal respeita sua mulher, porque dona Maroca é, de fato uma senhora distinta e virtuosa!, se um bandido qualquer, seja **seringueiro ou patrão**, ousasse forçar a sua mulher, o senhor não o matava? Acredito que sim, porque **se não fizesse, vossemecê não era homem. Merecia ser castrado na presença de todo mundo, para servir de exemplo aos cornos!** (POTYGUARA, 2007, p. 136, grifos nossos).

Nesta citação, percebemos que a fala do Zeferino¹⁶, quando diz que a honra do homem precisava ser defendida, não importando quem atentasse contra ela fosse seringueiro ou patrão, entendemos que ele fala de sua condição, mas também critica Tiburtino por ser feito de “corno” pelo patrão e se calar. A masculinidade, a honra do homem é representada através dos órgãos sexuais masculinos, pois se não matasse para defender a honra, não merecia permanecer com eles, os quais deveriam ser retirados através da castração física.

Bourdieu (2012) fala da relação das estruturas sociais como força opressora quando o dominado internaliza conceitos que contribuem para a sua própria opressão. O autor diz que:

Os atos de conhecimento e reconhecimento práticos da fronteira mágica entre os dominantes e os dominados, que a magia do poder simbólico desencadeia, e pelos quais os dominados contribuem, muitas vezes à sua revelia, ou até contra a sua vontade, para a sua própria dominação, aceitando tacitamente os limites impostos, assumem muitas vezes a forma de *emoções corporais* – vergonha, humilhação, timidez, ansiedade, culpa – ou de *paixões* e de *sentimentos* – amor, admiração, respeito –; emoções que se mostram ainda mais dolorosas, por vezes, por se traírem em manifestações visíveis como o enrubescer, o gaguejar, o desajeitamento, o tremor, a cólera ou a raiva onipotente, e outras tantas maneiras de se submeter, mesmo de má vontade, ao juízo dominante, ou a outras tantas maneiras de vivenciar, não raro com o conflito interno e clivagem do ego, a cumplicidade subterrânea que um corpo que se subtrai às diretivas da consciência e da vontade estabelece com as censuras inerentes às estruturas sociais (Bourdieu, 2012, p. 51).

O seringueiro vivia a opressão social, por não atender aos conceitos sociais que são usados para definir o que era ser homem naquele ambiente dominador, e para justificar as atitudes bárbaras em nome da defesa da honra, pois se não assumissem a postura considerada de homem, passaria a conviver com a vergonha e se sentiria humilhado perante a sociedade.

Outras formas de opressão expressas na obra, citamos a vida sofrida no seringal, a escassez, as doenças assim como a precariedade financeira, as dívidas contraídas através de um trabalho improdutivo também ficam evidentes. Isso pode ser exemplificado na narrativa com a personagem Sabino, marido de Maibi, quando é exposta a fala dos personagens Sabino e do Tenente Marciano, dono de Soledade em uma negociação no balcão do armazém, que demonstra o estado de vida e saúde de Sabino no seringal:

_ Então, o negócio está feito... estamos entendidos. Você nada me deve e deixa a Maibi com o Sergio.
 – Sim senhor, respondeu o **escanzelado, retendo um suspiro** (Rangel, 2008, p. 121, grifos nossos). TORCAR A CITAÇÃO

¹⁶ Ver descrição dos personagens no anexo 02 dessa dissertação.

Este fragmento do texto, que demonstra o personagem em estado “escanzelado”, magro que nem um cão que passa muita fome, evidencia a agressividade da natureza através dos mosquitos que transformavam a vida das pessoas em uma situação infernal, de sofrimento, principalmente os mosquitos que são responsáveis pela proliferação da malária, ou “impaludismo, maleita, sezão”, conforme Potyguara (2007), Sabino estava com malária. Doença terrível caracterizada por febre intermitente, que deixou o seringueiro na forma de “escanzelado”, sofrendo tanto com a fome quanto com a “febre do mal”, termo usado pelo narrador, para caracterizar a doença em sua forma mais cruel. Essa doença era responsável pelo óbito de muitas vidas no seringal.

Entendemos que Sabino estava muito magro, além de doente, esteve passando fome. O termo “escanzelado, retendo um suspiro” utilizado pelo narrador nos faz acreditar que o homem está muito debilitado pela doença, a qual o impossibilitou de trabalhar, e até suspirar lhe gerava desconforto. Sem trabalhar, o seringueiro não produzia, não cumpria o prazo de entregar o produto e as dívidas só aumentavam. Isso tudo acarretava em o patrão não liberar suprimentos, o que deixava o empregado em uma situação miserável.

Sabino, além de faminto, ainda tem a sua autonomia castrada e não teve escolha a não ser entregar a mulher para pagar a dívida no armazém. Isso mostra mais uma vez a hostilidade do seringal, a aridez e a relação de poder que envolve patrão e empregado, seringueiro e selva. Não apenas o feminino, mas também o masculino era brutalmente afetado nessa relação.

A citação acima exemplifica o que Rangel (2008) evidenciou na reação de Sabino, as forças de dominação impostas pelas estruturas sociais, as leis do seringal com relação à dívida contraída, não deixa que Sabino burle a fronteira entre dominante, na pessoa do Seringalista, e o dominado.

Com relação a essa dominação através da estrutura financeira, nos reportamos a ela utilizando mais uma vez o exemplo de Tiburtino, marido de Anália que fazia vista grossa sobre a relação de sua mulher com o coronel. Tiburtino cedia a mulher para ser “usada” pelo patrão em troca de garantir o seu trabalho de chefe do armazém, além de algumas regalias. Como podemos exemplificar na passagem que Potyguara (2007), descreve que “depois da refeição o coronel e **Anália ficam à mesa, aos beijos e abraços**, enquanto **Tiburtino, no quarto, embala as crianças** (POTYGUARA, 2007, p.45, grifos nossos).

Segundo o narrador, Tiburtino se submete a aceitar a situação da mulher com o coronel para obter vantagens e garantir um bom ordenado, além das mercadorias que são retiradas do armazém por conta do coronel fazer as refeições na casa do casal. A necessidade de tal aceitação

talvez seja pelo fato de não querer para si o sofrimento de se “embrenhar” na mata e sofrer igualmente aos demais trabalhadores seringueiros. As forças externas reproduzem as questões de dominação e um inimigo que permeia as relações de poder são fundamentadas através da violência simbólica. Para Bourdieu (2012):

A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem essa relação ser vista como natural; [...] (BOURDIEU 2012, p.47)

O autor nos leva a refletir sobre os padrões subjetivos que foram legitimados a partir da dominação financeira. Podemos inferir que as questões que oprimem tanto o homem quanto a mulher perpassam campos de poder que independem da situação econômica e social da qual ele/ela faz parte, pois a mulher na condição de objeto do desejo e prazer e o homem como um oprimido pela dominação capitalista. Nos seringais, ela está presente através dos padrões subjetivos, os quais estavam acostumados no cotidiano, como por exemplo, quando o narrador diz que seu Conrado apesar de saber dos encontros clandestinos do Coronel e Anália, “não aprova a atitude do patrão, mas por timidez e respeito, mantém-se reservado, como se nada soubesse” POTYGUARA, 2007, p. 45). Estes padrões eram aceitos, no discurso do narrador sem questionamento, porque estava naturalizado por alguns personagens.

A aridez do seringal contribuiu fortemente para definir o caráter dos seres que conviveram naquele ambiente. Percebemos a que a dureza do seringal pode ter contribuído para a falta de sensibilidade das pessoas. Mas observamos também, através da exposição do narrador de *Terra Caída* que o homem não era apenas insensibilidade, conforme temos observado na citação a seguir que descreve sobre o coronel Tônico Monteiro:

Temperamento seco, mais endurecido ainda na rudez da vida de seringa, o coronel Monteiro **não é homem dado a afeições**. Até mesmo seu casamento, resolvido às pressas, foi consequência de violenta paixão de velho por uma garota bonita. Teria talvez de transformado em amor, não fosse o estouvamento de dona Laura, que do **velho só queria apenas dinheiro**. Assim, finda a lua-de-mel, o coronel passou a **considerar a esposa e Anália no mesmo nível**. Para ele, **ambas não passam de instrumento de satisfação sexual**, merecedoras portanto, dos mesmos carinhos momentâneos impostos pelos sentidos, sem afetar o coração.

Na **aridez de sua vida, vazia de afeto**, resta apenas certa estima pelo sobrinho, filho de sua única irmã, a quem, por sua vez deve muita gratidão. Aos quinze anos de idade, Tônico Monteiro **perdeu a mãe**, o pai lutava com dificuldade, explorando algumas estradas de seringa que havia arrendado. **Sem mãe e sem pai**, foi amparado pela irmã, já viúva. Às expensas dela, estudou até completar vinte e dois anos, quando por morte

do pai, embarcou para o Acre a fim de receber o seringalete que lhe coube de herança. (POTYGUARA, 2007, p. 72, grifos nossos).

Na citação acima, o narrador evidencia o homem que usava a mulher como objeto sexual, simplesmente com a finalidade de satisfazer seus desejos. Mostra também a mulher que se relaciona e se casa por interesse financeiro. Observamos que aquele mesmo homem que se tornava insensível pela condição da vida no seringal, que fez o ser humano perder a sensibilidade em alguns momentos, em outros momentos evidencia essa sensibilidade, mesmo no homem que não era dado a afeição, como por exemplo, o coronel Monteiro, que tem a vida vazia de afeto desde a perda dos pais, até se tornar um seringalista e ocupar-se de outros afazeres. Apesar de ser um homem aparentemente áspero, sente falta da esposa que ficou em Belém com a filha, conforme foi exposto na obra:

Nos primeiros dias após a chegada – o navio no porto, ele ocupado em conferir a mercadoria e se inteirar do que ocorrera durante sua ausência –, **não sentiu o isolamento**. Mas quando o navio foi embora e tudo recaiu no **ramerrão monótono do seringal, a saudade da mulher e da filha começou a fazer sofrer**. Durante o dia, nem tanto. Distraía-se no escritório, conversando com o guarda-livros (POTYGUARA, 2007, p. 31, grifos nossos).

Embora não pudesse deixar transparecer por causa da posição que ocupava, aquele homem rude também sentia a monotonia enfadonha da vida no seringal. Ele não era apenas falta de sensibilidade como dito na citação anterior. Nesse trecho da obra o narrador nos faz perceber que aquele homem rude, que precisava demonstrar insensibilidade no trato com os seringueiros era um homem que possuía sentimentos. Ele sentia falta de carinho, de companheirismo. Ele tinha afetividade como Outro.

Bourdieu (2012) diz que a dominação é construída dentro de um mundo hierarquizado de maneira invisível e camuflada, dentro das diversas instituições, principalmente na família e se ampliam no mercado de trabalho. A necessidade do coronel manter a aparência camufla o que ele sente, o trabalho lhe ocupa o tempo. Mas quando chega a noite a solidão o assola, pois apesar de ele ser um homem rico isso não o livra da solidão. Segundo o narrador, a necessidade de ganhar dinheiro o afastou da convivência familiar e lhe tirou o tempo em que ele poderia ter de conhecer alguém e se relacionar afetivamente. Ele tinha dinheiro e isso fazia com que não faltasse mulher para satisfazer as necessidades sexuais, até que, aos cinquenta anos, simpatizou com uma moça de dezenove anos com quem se casou.

Neste sentido, concordamos com Bourdieu (2012) quando ele acrescenta que o homem também é um oprimido nessa dominação, embora não tenha consciência disso, haja vista, pertencer a uma sociedade que o aprisiona a partir de sua construção social, como por exemplo, quando o contesta e tende a dizer que o homem tem que provar constantemente sua virilidade, quer seja como reprodutor, no caso de Tiburtino, quer seja de não demonstrar sensibilidade e sentimentos, no caso do coronel e a defesa da honra como fez Zeferino ao matar Bastião.

Assim, podemos dizer que tanto Zeferino e Tiburtino eram oprimidos, pois estavam condicionados e não esboçavam reação contrária ao sistema opressor. Eles seguiam as normas internalizadas através dos conceitos que foram construídos socialmente e a luta pela sobrevivência nos seringais auxiliava na sua legitimação. Entendemos assim, que o coronel Tônico Monteiro não era apenas um opressor, ele se tornou um oprimido, solitário, amargurado. Isso mostra como esse ambiente hostil formou o caráter daqueles homens.

Para ilustrar essa desilusão do seringueiro, Pizarro (2012) nos mostra através da produção artística sobre a vida difícil no seringal ao selecionar textos que dialogam a nossa discussão ao mostrar a voz e a sensibilidade do seringueiro, em contraponto com esse ambiente hostil, que fez aqueles homens tão sofridos, secos e duros, demonstrarem uma sensibilidade na escrita do poema:

Vou-me embora
pra minha terra natal.
Diabo leve a seringa
e o dono do seringal.

Nesta terra de miséria,
de riqueza apregoada,
que parece ser mentira
de uma rude caçoadá,
e não quero mais viver
vou tocando minha retirada.

De carne velha inda levo
minha barriga inflamada
de gordas só levo as pernas,
de uma moléstia malvada; dinheiro... nem um vintém
só levo conta... e mais nada.

Adeus, oh! Terra de lama!
 Vou plantar meus jerimuns,
 dos veados ver a cama
 e os despertar dos anuns,
 viver com minha Joana,
 sem ferrão dos piuns.
 (PIZARRO, 2012, p. 153-154).

As duas primeiras estrofes mostram a vontade do seringueiro indo embora, o retorno para a sua terra natal. Ele reflete sobre a vida que vivia no seringal não era a vida que sonhava, cheia de riquezas, o *Eldorado* prometido. O seringueiro fala do sonho impetrado pelo seringalista, homem generoso que prometia fartura, bom emprego e uma grande possibilidade de acumular riquezas. No entanto, estando dentro da selva, percebem que estava muito aquém da realidade vivida e dos sonhos vendidos. Para ele o seringal foi uma terra de miséria e talvez de onde veio não fosse tão ruim.

Na terceira estrofe nos dá uma interpretação de que o seringueiro fala da expectativa e realidade. Chegou saudável, novo, cheio de esperança no seringal e está voltando cheio de doenças que ele adquiriu na vida pobre que viveu no seringal. Já muito envelhecido, doente, sem dinheiro e muito endividado.

Na quarta estrofe ele fala da Amazônia, se despedindo dela como “Terra de lama”, expressão que nos leva a inferir que a vida no seringal foi tão ruim e não serviu para lhe acrescentar nada, apenas retirar o que ele tinha de melhor que era a juventude e a saúde. Ele, apesar de tudo, ainda tem esperança de voltar para o nordeste, plantar jerimuns e recomeçar a vida com a Joana, longe de todos os aspectos ruins da Amazônia, principalmente dos insetos que infernizaram a vida na selva.

Diante do drama da borracha, agora aparece a voz daquele que presenciou e participou desta história, agora narrada através de uma ótica realista, cantada pelos seringueiros nordestinos. Esse poema vem reforçar a ideia da Amazônia transformada em inferno pela ação dos mosquitos, da umidade, da malária que causou a “barriga inchada” pela inflamação do fígado, os animais ferozes que eram uma ameaça, principalmente às crianças indefesas. Nele percebemos a sensibilidade do homem e a frustração de ter seus sonhos de uma vida melhor arrancados e o infortúnio vivido, que culminou em moléstias adquiridas através da vida precária que ali viveram.

Pizarro (2012) nos mostra a importância de evidenciar esses novos discursos que surgiram e precisam ser evidenciados conforme a citação abaixo:

Hoje, com os novos discursos que surgem dali o Oriente esquecido de países andinos, a fabulosa região de várzeas, igarapés, nos remete ao desgarrado universo que foi revelado e denunciado no começo do século 20, pelas vozes que articularam o complexo discurso da época da borracha. Os discursos que moldam a espessura da história do látex na Amazônia apresentam diferentes estéticas, diferentes propósitos, construindo textualidades de diferentes tonalidades. Todas concorrem, ao mesmo tempo, para a construção da complexidade de um discurso de lógicas perversas, de desvios, num universo que aproxima a cultura amazônica de outros momentos das relações do grande capital na exploração dos recursos na América Latina (PIZARRO, 2012, p. 164).

Diante do exposto na citação acima, percebemos a importância de valorizar outras vozes que surgiram para fomentar outras interpretações distintas das que fizeram da Amazônia. Os discursos de poder, com carga hegemônica acentuada se confrontam com essas vozes que surgiram e urgem ser evidenciadas, a voz dos remanescentes dos seringais e que hoje podem se juntar a outras vozes que foram silenciadas ao longo dos tempos, como por exemplo a voz da mulher, dos quilombolas, dos povos indígenas que também contribuíram para a construção do que é a Amazônia.

Mulheres de Atenas (Chico Buarque)

Mirem-se no exemplo
 Daquelas mulheres de Atenas
 Vivem pros seus maridos
 Orgulho e raça de Atenas

Quando amadas, se perfumam
 Se banham com leite, se arrumam
 Suas melenas
 Quando fustigadas não choram
 Se ajoelham, pedem imploram
 Mais duras penas; cadenas

Mirem-se no exemplo
 Daquelas mulheres de Atenas
 Sofrem pros seus maridos
 Poder e força de Atenas

Quando eles embarcam soldados
 Elas tecem longos bordados
 Mil quarentenas
 E quando eles voltam, sedentos
 Querem arrancar, violentos
 Carícias plenas, obscenas

Mirem-se no exemplo
 Daquelas mulheres de Atenas
 Despem-se pros maridos
 Bravos guerreiros de Atenas

Quando eles se entopem de vinho
 Costumam buscar um carinho

De outras falenas
 Mas no fim da noite, aos pedaços
 Quase sempre voltam pros braços
 De suas pequenas, Helenas

Mirem-se no exemplo
 Daquelas mulheres de Atenas:
 Geram pros seus maridos,
 Os novos filhos de Atenas.

Elas não têm gosto ou vontade,
 Nem defeito, nem qualidade;
 Têm medo apenas.
 Não tem sonhos, só tem presságios.
 O seu homem, mares, naufrágios...
 Lindas sirenas, morenas.

Mirem-se no exemplo
 Daquelas mulheres de Atenas
 Temem por seus maridos
 Heróis e amantes de Atenas

As jovens viúvas marcadas
 E as gestantes abandonadas
 Não fazem cenas
 Vestem-se de negro, se encolhem
 Se conformam e se recolhem
 Às suas novenas
 Serenas

Mirem-se no exemplo
 Daquelas mulheres de Atenas
 Secam por seus maridos
 Orgulho e raça de Atenas

2 MAIBI, A METÁFORA DA DUPLA VIOLÊNCIA

2.1 A representação da mulher na narrativa ficcional

“A literatura, enquanto registro de várias épocas da história, revela e problematiza as questões de gênero, de identidade, relações de poder e hegemonia de um modo contínuo, registrando muitas vezes fatos e costumes que a História não registrou, ainda que o faça ficcionalmente. Na Região Norte, não poderia ser diferente, sendo talvez ainda mais marcada pela violência de gênero” (LOPES & ROCHA).

“[...] nenhum ato de resistência pode ocorrer em nome do subalterno sem que esse ato esteja imbricado no discurso hegemônico” (SPIVAK, 2010, p. 14)

As narrativas ficcionais, além da verossimilhança, trazem consigo as impressões, as crenças e as concepções de quem as escreve. As personagens são criadas como meio de tornar o romance o mais próximo do real possível. Assim, precisamos chamar atenção para as interpretações das personagens tanto do romance *Terra Caída*¹⁷ quanto no conto “Maibi”, que serão analisadas na sequência deste capítulo. As personagens são apresentadas pelo discurso hegemônico de quem as descreve. No entanto, podemos através de um “novo olhar” conforme discutimos no capítulo 01, formar outros conceitos a partir das nossas impressões, não desprestigiando os críticos que já estão consagrados, mas criamos um novo percurso que nos possibilitou outras visões.

A partir da leitura, releitura e análise das obras, vimos presente a força hegemônica, assim como os preceitos patriarcais. As informações a respeito dos narradores não estão explícitas, mas pelo fato da época em que esse romance e conto foram escritos não termos encontrado muitos textos ficcionais com temática sobre a Amazônia e nem escritoras femininas, inferimos que estes

¹⁷ As personagens deste romance serão analisadas no capítulo 03 dessa dissertação.

narradores sejam também masculinos, pois em alguns momentos apresentam forte impressão masculinas, como por exemplo no conto “Maibi”, quando a única mulher explícita aparece sem voz e sofre dupla violência, conforme veremos com mais detalhes na sequência deste capítulo.

Partindo desse pressuposto, de uma possibilidade de narração sob o enfoque masculino, temos a necessidade de buscar compreender como o narrador retratou a mulher, a partir desta visão. Precisamos compreender alguns conceitos de representação e para isso dialogamos com Gayatri Chakravorty Spivak (2010), através de sua obra *Pode o Subalterno falar?*, que nos traz conceitos de representação que dialogam com a nossa pesquisa.

De acordo com Spivak (2010), precisamos nos atentar para os dois termos de representação. “A representação como “falar por”, como ocorre na política, e “re-presentação”, como aparece na arte ou na filosofia” (p. 39), na tentativa da desconstrução do que se tem feito de representação da mulher em obras produzidas por narradores masculinos.

Compreendemos que, quando o narrador procura re-presentar a subjetividade, suas impressões, anseios, aspirações femininas, ele não é visto como uma consciência representativa (uma consciência que “re-presenta” a realidade adequadamente). Quando o narrador representa a fala da mulher e vários momentos que destacaremos mais adiante, ele desprivilegia a mulher na reprodução do que seria sua fala.

Dentro dessa ótica, o narrador, na tentativa de falar pela mulher, acaba reforçando a visão misógina, como fez com a personagem Maibi, principalmente quando foi abordada a mulher pobre e oprimida, subjugada pelo poder econômico e sociocultural, fato evidenciado quando a mulher entrou e saiu da narrativa “muda”, de acordo com Spivak (2010), e foi vítima de todos os tipos de violência.

Analisar as representações do feminino no contexto da borracha, nas obras ficcionais, nos propõe uma re-análise conceitual do que os narradores fazem da representação dos papéis da mulher, uma vez que segundo Spivak, (2010, p. 8) “esse incessante movimento de intermediação entre o sujeito, a obra e o leitor torna-se, pois, um processo de escrita marcado por contradição e pela ambivalência, e por isso mesmo, a autora vê tal exercício como um árduo trabalho crítico”.

Precisamos atentar para não fazer generalizações, pois estamos tratando de duas obras distintas, que abordam temáticas similares, dentro de um ambiente com carga ideológica muito forte e não colocar os narradores no mesmo nível de discurso, embora ambos tenham características distintas.

Assim dizemos que esse discurso precisa ser questionado pois nas obras ficcionais analisadas ora ofusca a mulher, que na maioria das vezes foi interpretada desde a colonização

como o Outro, um ser a parte, ora evidencia através da narração de algumas atitudes diferentes do que se apresentavam as mulheres da época, as quais discutiremos mais adiante.

Dentro desse contexto, entendemos que o narrador não está imbricado no mesmo nível que as personagens, principalmente das personagens femininas, por isso não pode falar “por elas”, mas este pode desempenhar outro papel. Spivak (2010) deixa evidente que se trabalhe contra a subalternidade para que quando o subalterno se articule e tenha como consequência a sua visibilidade e a sua voz possa ser ouvida.

Neste sentido, a tentativa de o narrador usar a sua fala para representar a fala da mulher, fica no vazio, pois pensar a construção de uma consciência do subalterno, não é apenas trabalhar contra o sexismo, pois

[...] a pressuposição e a construção de uma consciência ou de um sujeito sustentam tal trabalho e irá, a longo prazo, se unir ao trabalho de constituição imperialista, mesclando a violência epistêmica com o avanço do conhecimento e da civilização. E a mulher subalterna continuará tão muda como sempre esteve” (SPIVAK, 2010, p. 111-112).

Para tanto, devemos atentar ao duplo sentido de representação, ao invés de tentar reinsserir o sujeito individual por meio de conceitos totalizadores. O subalterno é visto como o Outro que sofre violência epistêmica em que o intelectual pode ser cúmplice nessa persistente constituição do Outro.

O maior exemplo de violência epistêmica impetrado contra o indivíduo é o projeto vasto e heterogêneo de segundo Spivak (2010) transformar o sujeito colonial como o Outro e a invalidação assimétrica do rastro desse Outro em sua precária subjetividade. Temos ainda a educação dos sujeitos coloniais, que neste caso entendemos que a mulher é mais vítima da violência epistêmica, pois além de colonizada ainda é mulher, segundo Spivak (2010), assim exemplificarmos com a citação a seguir:

Ao aprender a falar ao (em vez de ouvir ou falar em nome do) sujeito historicamente emudecido da mulher subalterna, o intelectual pós-colonial *sistematicamente* “desaprende” o privilégio feminino. Essa desaprendizagem sistemática envolve aprender a criticar o discurso pós-colonial com as melhores ferramentas que ele pode proporcionar e não apenas substituindo a figura perdida do (a) colonizado (a). Assim questionar a inquestionável mudez da mulher subalterna mesmo no projeto anti-imperialista dos estudos subalternos não é como sugere Jonathan Culler, “produzir a diferença ao “diferir” ou invocar (...) uma identidade sexual definida como essencial e privilegiar experiências associadas a essa identidade (SPIVAK, 2010, p. 114).

De acordo com Spivak (2010), a respeito da questão da representação, no que concerne a representação dos papéis da mulher, mais precisamente da mulher pobre, da mulher negra já traz consigo dupla violação. Isso porque, o narrador ao usar o discurso, na tentativa de representar a fala da mulher, traz dentro desse discurso as suas concepções e não a coloca como sujeito, pois não consegue descrever com precisão a voz feminina.

Spivak (2010, p. 14) questiona a posição do intelectual pós-colonial, pois para ela nenhum discurso acontece sem que esteja reproduzindo o discurso dominante. Ela questiona o “lugar incômodo e a cumplicidade do intelectual que julga poder falar pelo Outro e, por meio dele, construir um discurso de resistência”.

Assim, entendemos que não há nenhuma possibilidade que falar pelo Outro. Quem usa a fala para representar o Outro que não tem o poder de fala acaba transmitindo os seus conceitos e suas doutrinas e nunca de quem está sendo representado. Caberia ao narrador promover espaço para que a mulher pudesse adquirir autonomia e aprender a falar por si só, uma vez que não pode transmitir suas angústias e anseios ao intelectual que iria representá-la, posto que não consegue ser ouvida.

Historicamente, desde o processo colonial, a mulher foi despersonificada, sempre esteve na subalternidade. Através da literatura podemos, segundo Spivak (2010), trazer luz às reflexões de grupo marginalizado e questionar a mudez do grupo mulher. Estudos sobre o empoderamento feminino trazem luz às reflexões a respeito dos diferentes papéis que podem ser assumidos por uma mulher intelectual, que sentiu seus direitos amputados e viu de perto a opressão e o medo daquela vítima da opressão masculina.

Spivak (2010, p. 84) diz que:

É bem conhecido que a noção do feminino (mais do que a do subalterno do imperialismo) foi usada de maneira semelhante na crítica desconstrucionista e em certas variedades da crítica feminista. [...] Com respeito a “imagem” da mulher, a relação entre a mulher e o silêncio pode ser assinalada pelas próprias mulheres; as diferenças de raça e de classe estão incluídas nessa acusação.

Aos narradores das obras poderiam criar espaço ideológico para que, mesmo na ficção, a mulher pudesse falar e ser ouvida, não apenas colocá-la como uma figura meramente ilustrativa, pois mesmo naquele contexto, a mulher já esboçava atitudes de repulsa e indignação evidenciadas na leitura da obra *Terra Caída*, mas que não é dado destaque pelo narrador, pois não desenvolveu uma linguagem capaz de representá-la. Como por exemplo a personagem Rosinha, que analisaremos mais adiante.

Em concordância com as ideias de Spivak, observamos que Butler (2016) afirma que a linguagem é fundamental para promover visibilidade e legitimidade às mulheres como sujeitos políticos e a tentativa da representação de uma linguagem revelaria ou distorceria o que é posto em relação às mulheres, conforme a citação abaixo:

Para a teoria feminista, o desenvolvimento da linguagem capaz de representá-las completa ou adequadamente pareceu necessário, a fim de promover a visibilidade política das mulheres. Isso parecia obviamente importante, considerando a condição cultural difusa na qual a vida das mulheres era mal representada ou simplesmente não representada. (BUTLER, 2016 p. 18)

Neste sentido, desenvolver uma linguagem que represente a mulher não poderia ser pensado a partir de uma concepção dominante, pois assim as mulheres não poderiam ser vistas como sujeito, uma vez que o narrador não desenvolveu uma linguagem para que elas se autorrepresentassem. Dialogando com Butler (2016), quando falamos da questão do narrador buscar representar a fala das personagens trazemos portanto, a citação de Spivak (2010) que diz:

[...] os oprimidos podem saber e falar por si mesmos. Isso reintroduz o sujeito constitutivo em pelo menos dois níveis: o Sujeito de desejo e poder como um pressuposto metodológico irreduzível; e o sujeito do oprimido, próximo de, senão idêntico, a si mesmo. Além disso, os intelectuais, os quais não são nenhum desses S/sujeitos tornam-se transparentes nessa “corrida de revezamento”, pois eles simplesmente fazem uma declaração sobre o sujeito não representado e analisam (sem analisar) o funcionamento do (Sujeito inominado irreduzivelmente pressuposto pelo) poder e desejo (SPIVAK, 2010 p. 57).

Neste sentido, entendemos que os narradores precisariam dar espaço para aquelas mulheres, para que, mesmo na ficção, elas pudessem falar, pois segundo as ideias da autora, entendemos que não seria possível elas falarem por meio dos narradores, como se eles fossem “transparentes”. Quando os intelectuais fazem uma análise e desenvolvem declarações sobre esses oprimidos criam um discurso que acaba esmagando-os, pelo fato de entendermos que ele não esteve nem na posição de opressor, nem de oprimido. É necessário, como já dissemos, que o intelectual propicie espaço ideológico para que esses subalternos falem, pois elas já sabem falar. Mas é preciso não apenas que falem, mas também sejam ouvidas.

Diante desse cenário de opressão e submissão apresentado por Spivak (2010) trazemos para a discussão a obra de Virgínia Woolf (2014), *Um teto todo seu*, em que o próprio título nos faz refletir sobre a importância da independência e de se autorrepresentar. Ela nos apresenta uma outra visão sobre a condição da mulher e o que ela deve fazer para ser independente e combater

a opressão. O título da obra apresenta tanto o sentido literal quanto o metafórico sobre a palavra teto. Literalmente, porque *Um teto do seu*, é um teto de uma casa, o seu espaço físico, o seu espaço financeiro de sustentação. Metafórico porque, a partir do momento em que a mulher tem o poder de se autogerir no sentido financeiro de forma independente, vai poder administrar sua vida do ponto de vista do empoderamento.

Woolf (2014) traz a questão da mulher e a ficção em um universo marcado pela tradição patriarcal. Com a falta de acesso às informações e restrições à educação e à literatura bem como a escassez de recursos financeiros seria impossível a mulher escrever ficção. A falta da atuação da mulher na literatura era um fator negativo na tentativa de dar visibilidade à mulher, pois esta era importante para produzir conhecimentos capazes de contribuir com a mulher para a construção de uma consciência crítica de si mesma e do mundo que a cerca.

Segundo a autora, essa ausência da mulher na produção de conhecimento é gerado pela falta de recurso para se auto gerir. Assim podemos exemplificar quando a autora diz que “uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu, um espaço próprio, se quiser escrever ficção; e isso como vocês verão, deixa sem solução o grande problema da verdadeira natureza da mulher e da verdadeira natureza da ficção” (WOOLF, 2014, p. 12).

Dados históricos mostram que as mulheres que ousaram seguir o caminho da literatura, foi necessário romperem barreiras que as limitavam a ser boa mãe, esposa e dona de casa e além de adotar pseudônimos, pois se usassem seus próprios nomes essa literatura não seria aceita e não teria espaço. Essas mulheres, mesmo adotando pseudônimos, precisaram percorrer caminhos mais penosos que os homens, pois para eles era natural escrever ficção e a escrita ser aceita.

Diante do exposto, podemos comprovar, através das falas da autora, no decorrer do ensaio, que o grande empecilho de ter mulheres escrevendo ficção é a falta de autonomia financeira. Assim como essa falta as impossibilitam de terem autonomia, levando em conta a época em que as obras analisadas foram produzidas.

[...] mas eis-me dando de fato à porta da biblioteca. Devo tê-la aberto, já que, num instante, como um anjo guardião impedindo o caminho com o esvoaçar de um traje preto em lugar de asas brancas, um cavalheiro desaprovador, prateado e gentil, lamentou em voz baixa, à medida que me dispensava com um gesto, que só admitiam damas na biblioteca se acompanhadas por um estudante da universidade ou munidas de uma carta de apresentação (WOOLF, 2014, p. 17).

Mais uma vez, podemos evidenciar a tentativa da supremacia masculina na literatura. No século XIX, as mulheres ainda viviam em suas clausuras, impregnadas de antigos conceitos,

longe do direito de ler e escrever, para assim romper com essas barreiras do analfabetismo e da alienação, em consequência a ficção estava longe de ser escrita por mulher. A dominação masculina presente em quase, se não em todos, os campos sociais e espaços físicos ou ideológicos, restringia a presença da mulher e o uso da biblioteca, assim a ficção que seria escrita por mulher não teria espaço e nem aceitação.

As normas machistas eram quem determinavam o lugar de atuação da mulher, como deveriam se portar e a falta da mulher atuando no campo literário deixava a mulher no anonimato, tendo o seu silêncio como um ato de respeito ao regime patriarcal. Segundo a autora, as mulheres precisavam sair do anonimato e ir a uma faculdade, mas as que ousassem ir a uma faculdade tiveram que juntar dinheiro, de qualquer modo, para isso.

Woolf (2014, p. 35) salienta a sua preocupação “com o pensamento em todas aquelas mulheres que trabalhavam ano após ano, lutando para juntar duas mil libras, e no tanto que precisariam fazer para juntar trinta mil libras, irrompemos em escárnio ante a pobreza do nosso sexo”. Desse modo, justificamos a ausência de obras produzidas por escritoras femininas que descrevam o cenário da Amazônia no período da borracha, pela falta de recursos e inserção intelectual apontada na obra de Woolf (2014), bem como a falta de oportunidade de estudos vinculada a questões financeiras, que é mais um fator que contribui para a falta de autonomia da mulher e o seu emudecimento.

Noemi Jaffe, escritora e crítica literária, corrobora com essa afirmação quando fala sobre a mulher escrever ficção, no posfácio da obra de Woolf (2014). Jaffe diz que é raro encontrar livros escritos por mulheres, pois “praticamente não houve mulheres ficcionistas, porque não houve ficcionistas na história oficial inglesa até o século XX, com exceção de muito poucas as quais também viveram sob pseudônimo, risco e penúria (Woolf, 2014, p. 165)”.

Dentro da trajetória da mulher exposto por Jaffe sobre e a produção do conhecimento, percebemos através dos relatos da autora, a dificuldade da mulher se estabelecer dentro da academia. Quando tratamos da questão da mulher intelectual e a dificuldade de se inserir no centro das discussões, principalmente quando se trata da questão da produção do conhecimento, trazemos novamente as discussões que Spivak (2010) e as dificuldade da mulher se “auto-representar”.

Spivak (2010) chama atenção da mulher intelectual e o seu papel enquanto agente que intelectualmente pode, através da academia, mesmo reconhecendo os inúmeros limites da produção discursiva, possibilitar uma ação contra-hegemônica. A autora diz que “a mulher

intelectual como uma intelectual tem uma tarefa circunscrita que ela não deve rejeitar com um floreio (SPIVAK, 2010, p. 165).

Sabemos que é preciso questionar a própria cumplicidade de alguns intelectuais contemporâneos que ainda tendem a “representar” os subalternos, como se estes precisassem que os representassem. O subalterno em seu grau maior ou menor de subalternidade, sabe e pode falar, basta que sua enunciação não fique no vazio, tenha a pressuposição de um ouvinte e este ato de fala não fique no anonimato.

Neste sentido, entendemos que a mulher intelectual precisa ter consciência do importante papel que tem a sua escrita, a sua reescrita na produção e reconstrução do conhecimento e como espaço para se auto-representar. Assim este papel de representação não será mais feito através da língua do Outro, visto que ela terá seu próprio lugar para a sua enunciação, além de questionar os limites representacionais existentes de agenciamento institucionalizado.

Entendemos que é necessário que a mulher se aproprie de literaturas que as possam levar a refletir sobre a sua condição enquanto mulher e a possibilidade de desconstruir a sua situação de alienação enquanto abertura de consciência dos papéis que podem assumir, os quais lhe darão visibilidade. Não apenas visibilidade a si, mas possa servir de parâmetro para outras mulheres que vivem ainda em suas clausuras. Não estamos falando de servidão física de cadeias, mas de servidão e cárceres de almas, de pensamento, de atitudes e ações, a prisão da mulher dentro das concepções patriarcais; do poder hegemônico da sociedade; do poder de classe e outros poderes que reproduzem a opressão da mulher.

2.2 A mulher no campo de dominação

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la. A ordem social funciona como uma máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservado aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou, no interior desta, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais; a estrutura do tempo, a jornada, o ano agrário, ou o ciclo de vida, com momentos de ruptura, masculinos e longos períodos de gestação feminino (BOURDIEU, 2012, p. 18).

A discriminação de gênero criada a partir da visão androcêntrica, que adota apenas o ponto de vista masculino, é absorvida tanto por homens quanto por mulheres, sendo socialmente disseminada através de um processo educativo que vem se perpetuando nas gerações. A visão que discriminou e marginalizou a mulher foi socialmente construída desde os primórdios da humanidade.

As mulheres que compartilham desse pensamento tem aceitado, mesmo de forma inconsciente, ideias discriminatórias construídas socialmente a partir de modelos patriarcais. É necessário um olhar mais crítico daquilo que temos como feminino e feminismo para promover a compreensão da realidade que marginaliza e exclui grupos sociais dos domínios públicos.

Para Bourdieu (2012), a moral feminina é imposta através de uma disciplina incessante, relativa a todas as partes do corpo, que se faz lembrar e se exerce de maneira contínua, da coação quanto aos trajés ou aos penteados. O corpo feminino passa a ser disciplinado dentro de um ideal que vai desde a docilidade até os modos de comportamentos, como andar, sentar, sorrir, abaixar os olhos como sinal de submissão. Ainda que de forma inconsciente, a mulher procura ocupar menos espaço, como exemplo, sentar com as pernas juntas ou cruzadas. Para o feminino está a delicadeza e para o masculino está a força.

O corpo é apresentado por Bourdieu (2012, p. 80) como “duplamente determinado socialmente”. Para o autor, essas propriedades corporais são apreendidas através de esquemas de percepção e depende da posição que ocupa no espaço social. Homens e mulheres através de atos coletivos ou isolados expõem alinhamentos de condutas corporais apreendidas através dos ensinamentos educacionais que recebem, principalmente da família e da religião e acabam se consolidando através dos processos educacionais formais.

As representações dos corpos, construídas ao longo da história, mostram essa “verdade” fixa no passado e que foi partilhada e difundida, estigmatizando as figuras femininas, ideologicamente construídas através do convívio social, familiar e sócio afetivo. Neste sentido, o poder sobre a mulher e a sua opressão giram em torno de seu corpo, de sua sexualidade, como filha, esposa, mãe. Esse poder perpassa o corpo e se legitima através da castidade, da fidelidade, da virgindade e da maternidade.

O papel feminino era assim definido ao lar, sua instrução era restrita, tendo a responsabilidade de manter o ambiente doméstico um espaço de pureza e decência, longe de

qualquer sedução e assim cumprir o seu papel principal, que era o da maternidade. Cabia-lhes apenas o poder de procriação, sem a menor chance de questionar a hierarquia imposta pelo homem, chefe da família.

Além de não ter autonomia, a mulher vivia aprisionada às sombras do pai ou do marido. Precisava demonstrar sensibilidade, sentimentalismo para não ser vista como arrogante e assertiva. Nessa questão está imbuída a negação às escolhas, a repreensão social de certos comportamentos, tidos como masculinos ou fora dos padrões que são destinados à mulher. Segundo Bourdieu (2012), a mulher sempre foi “moldada” para os afazeres domésticos, educar os filhos e não para o mercado de trabalho, sendo dominada pelas concepções patriarcais, conforme o autor.

A dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, cujo ser *{esse}* é um ser-percebido *(percipi)*, tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se espera que sejam "femininas", isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas. E a pretensa "feminilidade" muitas vezes não é mais que uma forma de aquiescência em relação às expectativas masculinas, reais ou supostas, principalmente em termos de engrandecimento do ego. Em consequência, a dependência em relação aos outros (e não só aos homens) tende a se tornar constitutiva de seu ser (BOURDIEU, 2012, p. 82).

A mulher era interpretada como fraca, por demonstrar sentimentos que as caracterizavam frágeis, como por exemplo, a expressão da emotividade. São ensinadas a se vestir de maneira adequada e serem “boas esposas”; como devem se comportar à mesa; limpar a casa; quando são presenteadas com brinquedos que aludem a utensílios domésticos e as incentivam às brincadeiras que remetem teatralizar situações da mulher como dona de casa, tendo sempre em vista os afazeres domésticos. As mulheres são socialmente ensinadas que existe brincadeiras e brinquedos de meninos e brincadeiras e brinquedos de meninas. Assim como as cores: rosa se destina a menina e azul destina-se a menino. Ao mesmo tempo, quando os filhos são educados para serem autônomos e racionais: “macho”, preparado para o mercado de trabalho.

Ainda são reproduzidos esses modelos quando o filho é educado para não demonstrar sentimentos, como por exemplo, quando lhe é ensinado, segundo Bourdieu (2012) que o homem não chora. Essa educação é repassada através dos valores familiares e sociais reforçando o ideal de dominação, não apenas no corpo, mas também semanticamente, que sobretudo reforça a discriminação de gênero e impetra a violência através de palavras e expressões que reforçam as desigualdades de gênero, como se houvesse um superior e outro inferior. Segundo Bourdieu (2012) quanto tratamos desses comportamentos, reforça que:

Essa aprendizagem é ainda mais eficaz por se manter, no essencial, tácita: a moral feminina se impõe, sobretudo, através de uma disciplina incessante, relativa a todas as partes do corpo, e que faz lembrar e se exerce continuamente através da coação quanto aos trajes e aos penteados. Os princípios antagônicos da identidade masculina e feminina se inscrevem, assim, sob forma de maneiras permanentes de se servir do corpo, ou de manter a postura, que são como a realização, ou melhor a neutralização de uma ética” (BOURDIEU, 2012, p. 38).

A reprodução desses valores ainda está fortemente presente na atualidade, em atitudes machistas que foram internalizadas por homens e mulheres, mas que precisam ser revistos para que haja a ruptura e a desestabilização da supremacia masculina. A família, a religião e a sociedade de modo geral constroem em meninos e meninas diferentes modos de pensar de acordo com as regras sociais, que através de estereótipos reforçam as desigualdades entre homens e mulheres.

A força do campo de dominação se estabelece segundo Bourdieu (2012) quando ele diz que cabe aos homens os espaços públicos, abertos, livres e às mulheres destinam-se os lugares privados, fechados, limitados por hierarquias e jogos de poder masculinos. Geralmente, desde que a mulher nasce já começam a ser educadas para ser boa mãe, cuidar dos outros, dar prazer a outrem, porque sua sexualidade é reprimida, negada.

Estas relações podem ser apresentadas como mutáveis a partir de reflexões que oportunizem a desconstrução e reconstrução dos sujeitos nos seus processos e relações sociais. Isso nos induz a acreditar na possibilidade de uma releitura das relações de gênero, da reprodução ideológica dominante e patriarcal, assim como das práticas culturais e sociais condicionadas às formações indenitárias.

Para contribuir, a reflexão de Judith Butler (2016, p. 18) diz que “o próprio sujeito das mulheres não é mais compreendido em termos estáveis ou permanentes”. E para nos auxiliar na discussão sobre as questões do ser feminino, precisamos compreender a questão binária de sexo/gênero segundo Judith Butler (2016) problematiza. Ela nos aponta o sexo como as características biológicas de homens e mulheres e o gênero é o resultado de construções sociais, ou seja, no nascimento se define o sexo, menino ou menina, mas o papel do homem e da mulher é construído culturalmente e muda conforme o tempo e a sociedade.

Assim, diante do exposto, tratar das questões do ser feminino e as questões de dominação requer um olhar crítico da realidade e de nós mesmas, embora percebamos que a questão da dominação não seja apenas uma construção social, mas também psíquica, precisamos nos despir da ideia de julgar em busca de culpados. Precisamos nos despir de todo q qualquer preconceito

sobre as questões da política de representação, que de certo modo, apenas reforçam a fragmentação traz conceitos que tolherão novas maneiras de pensar a problemática em estudo.

É necessário compreendermos que, enquanto houver essa tentativa de colocar as questões de gênero em supremacia ao outro, estaremos apenas reforçando a divisão binária, que só nos estagna, se não leva ao atraso e não encaminha maiores discussões que gere outros conhecimentos importantes para o desvelamento das questões de gênero.

Sabemos que a desigualdade de gênero, assim como outras formas de desigualdades, tem como base a estrutura social, e é culturalmente construído e disseminado, até de modo imperceptível pela família, religião e até por alguns modelos educacionais, pois sabemos que essas instituições reproduzem princípios que são construtores sociais.

Hall (2014), com *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* nos ajuda refletir sobre cultura e identidade e nos propõe novas maneiras de olhar sobre as questões culturais e de identidade. Segundo ele, o contexto no qual nos inserimos em diversos “campos sociais”, exercem grande influência sobre escolhas, mas dependendo do lugar e recursos simbólicos nos quais estão imersos, cada um tem posicionamentos diferentes em diferentes momentos e lugares.

Hall (2014) mostra que a representação inclui as práticas de representação e os sistemas simbólicos por meio dos quais são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos que envolvem as relações de poder que procuramos enfatizar a exclusão do feminino no discurso hegemônico, construídos em suas relações sociais.

Para ele, os sistemas simbólicos apresentam outras maneiras de dar sentido à experiência das divisões das desigualdades sociais e aos meios pelos quais alguns grupos são excluídos e estigmatizados. Assim, subentendemos que esses sistemas simbólicos tem a possibilidade de definir nossa posição (o que e quem somos).

Sabemos que a literatura pode nos oferecer aspectos relevantes, através das narrativas ou personagens ficcionais para discutir questões relevantes nos estudos culturais e de gênero, que podemos recorrer através análise das personagens.

2.3 “Maibi”: a imagem da violência

Atado com uns pedaços de ambécima à “madeira” da estrada, o corpo acanelado da cabocla adornava bizarramente a planta que lhe servia de estranho pelourinho. Era como uma extravagante orquídea, carnosa e trigueira, nascida ao pé da árvore fatídica. Sobre os seios túrgidos, sobre o ventre arqueado, nas pernas rijas, tinha sido profundamente embutida na carne, modelada em argila baça, uma dúzia de tigelas. Devia o sangue da mulher enchê-las e por elas transbordar, regando as raízes do poste vivo que sustinha a morta. Nos recipientes o leite estava coalhado – um sernambi vermelho ...

Tinha esse espetáculo de flagício inédito a grandeza emocional e harmoniosa de imenso símbolo pagão, com a aparência de holocausto cruento oferecido a uma divindade babilônica, desconhecida e terrível. É que, imolada na árvore, essa mulher representava a terra...

O martírio de Maibi, com a sua vida a escoar-se nas tigelinhas do seringueiro, seria ainda assim bem menor que o do Amazonas, oferecendo-se em pasto de uma indústria que o esgota. A vingança do seringueiro, com intenção diversa, esculpira a imagem imponente e flagrante de sua sacrificadora exploração. Havia uma auréola de oblação nesse cadáver, que se diria representar, em miniatura um crime maior, não cometido pelo Amor, em coração desvairado, mas pela Ambição coletiva de milhares d’almas endoidecidas na cobiça universal. (Rangel, 2008, p. 130-131 grifos nossos).

“Maibi” faz parte dos 11 contos que compõem a obra *Inferno Verde*, publicada em 1908, de Alberto do Rego Rangel. Também pode ser compreendido como o 11º capítulo da obra. O conto “Maibi”, tem seu foco narrativo na terceira pessoa. Segundo informações contidas na obra, o narrador é um viajante onisciente e onipresente, que não tem seu nome revelado. Pelo fato do conto ser considerado como uma narrativa curta, o narrador omite alguns detalhes que nos levam a uma dupla interpretação, principalmente com relação ao martírio de Maibi, que detalharemos mais adiante nesse capítulo.

No conto em análise, o narrador relata uma negociação de dívida entre o Tenente Marciano¹⁸, dono do seringal Soledade e um freguês, o seringueiro Sabino. O Freguês tinha uma dívida acumulada há quatro anos e a cada mês mais juros eram acrescentados, o que estava se tornando um peso muito grande ao Sabino, que acometido pela malária, estava “esfancado de sezões e mau passado” ficou algum tempo sem trabalhar. No seringal, a alimentação era insuficiente, pois segundo o narrador, Sabino estava “esfancado” e a dívida atenuava ainda mais essa escassez. As leis do seringal, impostas pelo seringalista, eram bastante hostis e dentre elas existia o acordo do marido entregar a mulher ao patrão como pagamento de suas dívidas. Sabino

¹⁸ Ver esquema de personagens do conto “Maibi” no anexo I

não tinha outra alternativa a não ser entregar Maibi, sua companheira, para na ocasião, ter sua dívida paga pelo Sérgio, que seria o novo marido de Maibi.

Para reforçar essa ideia do horror presente nos seringais retomamos a ideia discutida no capítulo 01 sobre a aridez da vida no seringal. As leis ditadas pelos acordos entre os coronéis. Segundo PIZARRO (2012) os donos dos seringais eram os donos da verdade. Eram eles que expediam justiça eram os senhores da vida e da morte e não podiam revelar um ato de rebeldia contra as leis do seringal. Leis essas que tratavam os sobreviventes dessa região como escravos.

Neste cenário de horror, as negociações visavam apenas os seringalistas. Segundo o narrador, “não era exercício simples de crueldade; mas os resultados dos interesses do capital, que instituíram a sua própria defesa[...]. Os estatutos da nova sociedade, que quis viver receberam esta base: não poder o seringueiro abandonar o seringal sem quitar com o patrão” (RANGEL, 2007, p.123).

As leis eram criadas pelos coronéis, que dependendo do tamanho de sua fortuna era o prestígio do coronel junto aos prefeitos, governadores e políticos. Assim não havia a quem recorrer e reclamar os direitos a única alternativa era cumprir os acordos. Apontamos dentro dessa premissa, as leis criadas nos seringais pelos Coronéis como a principal causa da violação do direito de Maibi e opressão de Sabino. Essas leis transformavam os seres humanos, principalmente as mulheres em “coisas”. O narrador inicia o conto e logo após caracterizar dois personagens masculinos, o narrador já anuncia a negociação:

_ Então, o negócio está feito... estamos entendidos. Você nada me deve e deixa Maibi com o Sérgio.

_ Sim senhor, respondi o escanzelado, retendo um suspiro. (RANGEL, 2008, p. 121),

A opressão é bem explícita quando houve a negociação, sem direito de recusa, nem por parte do marido, quanto da mulher. A Lei era para ser cumprida e não discutida, sem que houvesse outro tipo de negociação. A realidade de vida no seringal influenciou no ofuscamento de Maibi, que foi vista apenas como objeto de consumo, sem direito de tornar-se sujeito na defesa de seus direitos. A personagem Maibi foi vitimada pelo contexto patriarcal e político-financeiro da época em que o enredo se configurou. Neste caso, não somente a mulher foi oprimida, o homem também foi vítima dessa opressão.

Maibi é analisada dentro de um parâmetro da mulher pobre, vivendo às margens da sociedade. Pelo fato do narrador não dar detalhes da vida social da personagem e na época a

educação ser restrita apenas a poucos, supomos que ela além de pobre era possivelmente analfabeta. Foi retratada longe de laços familiares, pois em nenhum momento o escritor descreveu que ela tenha além de Sabino algum laço familiar com outras pessoas.

Ambos, marido e mulher foram afetados por estrutura do poder econômico e social, em que são institucionalizadas a opressão. Esta estrutura de poder pode ser confirmada, com relação a opressor e oprimida quando o narrador, utilizando-se do discurso indireto situa o leitor ou leitora sobre a operação hedionda que acaba de ser finalizada:

Mas que negócio fora afinal firmado? O Sabino devia ao patrão sete contos e duzentos, que tanto montava adição das parcelas de quatro anos atrás, e cedia a mulher a um outro freguês do seringal, o Sérgio que por sua vez assumia a responsabilidade de saldar a dívida. (RANGEL, 2007, p. 121)

O narrador, desde o início da narrativa já mostra as evidências da estrutura de poder na ordem social, política e financeira e o patriarcalismo que engendra a mulher como ser vulnerável, sem visibilidade e sem voz. Maibi foi entregue como calção da dívida e não reagiu. Permaneceu inerte, sem esboçar nenhum sentimento de recusa. Isso nos leva a crer que a personagem Maibi devido à opressão em que sempre esteve, desconhece o eu feminino e segue apenas os padrões de sociedade, assim como Sabino não tem consciência da sua falta de atitude, o que contribuiu para efetivar a opressão. Bourdieu (2012) diz que:

Como estamos incluídos, como homem ou mulher, no próprio objeto que nos esforçamos por apreender, incorporamos, sob a forma de esquemas inconscientes de percepção e de apreciação, as estruturas históricas da ordem masculina; arriscamo-nos, pois, a recorrer, para pensar a dominação masculina, a modos de pensamento que são eles próprios produto da dominação. (BOURDIEU, 2012, p. 13).

A condição inconsciente da mulher e do homem juntamente com as questões econômicas se apresentavam como principais articuladoras das relações humanas e responsáveis pela opressão dos seres humanos naquele ambiente. Utilizar a mulher para pagamento de dívida era uma lei dentro dos seringais, o que colocava a mulher na mesma condição das mercadorias expostas nas prateleiras do armazém.

Maibi foi usada como objeto de troca, moeda para pagamento de dívida e sem questionar a sua condição porque esses conceitos já estavam internalizados de modo inconsciente e ajudavam na reprodução como os próprios “produtos da dominação”. Podemos dizer que Maibi

foi vítima da dominação masculina que se institucionalizou através de violência o que Bourdieu (2012) chamou de submissão paradoxal, resultante do que ele denominou violência simbólica.

Violência simbólica, **violência suave, insensível, invisível as suas próprias vítimas**, que se exerce essencialmente pelas vias essencialmente pelas vias **puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento, ou em última instância, do sentimento**. Essa relação social extraordinariamente ordinária oferece também uma ocasião única de apreender a lógica da dominação, exercida em nome de um princípio simbólico **conhecido e reconhecido tanto pelo dominante quanto pelo dominado**, de uma prioridade distintiva, emblema ou estigma, dos quais o mais eficiente simbolicamente é essa propriedade corporal inteiramente arbitrária e não predicativa que é a cor da pele (BOURDIEU, 2012, p.7-8, grifos nossos).

Esse tipo de violência que Maibi sofreu era comum dentro do contexto em que Maibi e Sabino estavam inseridos, o seringal, práticas como as descritas na passagem da obra eram absorvidas como naturais, devido às leis que se eram instauradas naquele lugar. Ambos, marido e mulher assumiram o papel de dominados pelo desconhecimento de seus papéis enquanto sujeitos. Neste sentido, a figura da mulher, mais do que do homem, foi silenciada e emudecida pelo poder simbólico instituído pelo dominante.

Segundo Bourdieu (2012), o modelo de sociedade é moldado e dirigido por homem, no qual a mulher aparece como imperceptível, na visão sexista que promove as desigualdades de gênero, centradas em um modelo preestabelecido. Esse modelo de sociedade que coloca a mulher apenas como coadjuvante no cenário social é a mesma que diz representar a mulher dentro dos moldes machistas, pautados nas concepções mecanicistas, que rotulam a mulher como apenas o Outro, sem voz, incapaz de se auto representar.

A clausura a que Maibi foi imposta, segundo o narrador do conto, não deu margem para que esta tivesse tempo de ter conhecimento de si mesma. Muito nova já se entregara ao casamento, e que na nossa percepção foi um casamento por amor, perceptível nas palavras de Sabino, quando diz: “era verdade que, em companhia da Maibi, **mais doce lhe ocorrera a existência**” (RANGEL, 2008, p. 123, grifos nossos). Neste sentido, a “negociação” não havia agradado sentimentalmente nem Sabino, muito menos Maibi, que se sujeitava a outro homem, com escrúpulos.

A falta de conhecimento da vítima com relação a si mesma reproduziu o discurso dominante quando não questionou a sua posição de dominada. A personagem também foi afetada pela opressão social e política dentro das concepções hegemônicas que se instauraram no interior do campo de poder, sistematicamente encoberto pelas leis do seringal, onde as forças

externas determinavam as relações de poder, nem Maibi e nem Sabino não tiveram representação frente a essas forças.

Neste sentido, podemos considerar a personagem Maibi como sujeito subalterno, pois não teve representação, ou não se fez representar. Esteve silenciada, oprimida e humilhada. Quanto a essa representatividade Butler (2016) reforça que para ser representada, precisa ser ouvida como sujeito. Não houve uma linguagem capaz de representá-la, pois não basta somente falar, ela também precisava ser ouvida.

Para reforçar essa ideia que Butler (2016) faz a respeito do silenciamento, trazemos Spivak (2010) para esse questionamento. Para a autora a violência epistêmica necessita de uma atenção mais próxima.

É um campo tão carregado, não é fácil fazer a pergunta sobre a consciência da mulher subalterna. É portanto ainda mais necessário lembrar os radicais pragmáticos de que essa questão não é uma digressão idealista. Embora nem todos os projetos feministas ou antissexistas possam ser reduzidos a esse, ignorá-lo é um gesto político não reconhecido que tem uma longa história e contribui para um radicalismo masculino que torna o lugar do investigador transparente, ao buscar aprender a falar ao (em vez de ouvir ou falar em nome do) sujeito historicamente emudecido, da mulher subalterna, o intelectual pós-colonial *sistematicamente* “desaprende” o privilégio feminino (SPIVAK, 2010, p. 113-114)

Essa falta de consciência da mulher que está sendo oprimida pelo sistema precisa ser um ato político. Questionar a mudez da mulher em um lugar dominado pelas forças hegemônicas, legitimado pelo Estado que impõe superioridade de uma classe social e gênero.

Dialogando brevemente com a obra *Terra Caída*, para reforçar a ideia da mulher moeda de troca, apenas objeto de consumo era comum e bastante evidente nos seringais, o qual podemos constatar quando Potyguara (2007) também expõe a mulher como calção de dívida do marido morto. O preço pago pela mulher dependia de quanto era a dívida do defunto.

Como o seringal era escasso de mulher, os homens disputavam a viúva como as mercadorias no armazém. Podemos exemplificar, quando na narrativa Potyguara (2007, p. 15) relata no trecho: “quando falecia um seringueiro casado e endividado não faltava pretendente disputando a viúva. Mas para isso tinha que pagar o débito do morto”.

Além do mais, ainda existiam as “decaídas” que eram levadas aos seringais para satisfazer os prazeres masculinos, independente “das condições de raça, cor, procedência, educação e até higiene” (POTYGUARA, 2007, p. 16). Essas mulheres tinham o valor estipulado pela lei da oferta e da procura, sem escrúpulo na seleção.

A condição do seringal e a vida sofrida da mulher vendava seus olhos, anulando-a da possibilidade de qualquer questionamento. Mesmo que houvesse algum desencanto da mulher com relação às condições de vida foi ofuscado na narrativa e a mulher seguiu como se estivesse feliz de ser submetida aos apelos sexuais masculinos, sem qualquer respeito a afeição e ao sentimento.

O narrador expõe que “naquele tempo, mulher era fruta rara e cobiçada nos seringais. [...] Além disso, o **critério rigorosamente econômico** da povoação dos seringais era, ali, outro fator de redução do número de mulheres” (POTYGUARA, 2007, p.15, grifos nossos). Nessa citação podemos evidenciar mais uma vez a situação econômica envolvida na opressão e violência praticada contra a mulher, que por ser “pobre e mulher” segundo Spivak (2010), estava duplamente afetada, tinha que aceitar as condições subumanas de vida além de todo e qualquer constrangimento por ser considerada como despesa desnecessária ao seringueiro.

Percebemos ainda essa dominação quando o narrador fala das mulheres que eram levadas para o seringal como moeda de troca, as “**infelizes criaturas que, reduzidas à humilde condição de mercadoria**, eram *cedidas*, mediante indenização da passagem **acrescida de bom lucro. Como todo comércio, também sofria a influência da lei da oferta e da procura**” (POTYGUARA, 2007, p. 16-17, grifos nossos).

Essas práticas adotadas pelos seringalistas nos seringais eram apenas para fins comerciais, que davam lucros aos patrões e satisfaziam em parte, a necessidade dos apelos masculinos, uma vez que “essas infelizes criaturas” iam algumas vezes ao seringal e as passagens e despesas eram incluídas no valor cobrado ao seringueiro, que por ela era atendido. Pelo fato de não permanecerem por muito tempo nos seringais não causavam prejuízos.

Essa opressão se torna mais acentuada, quando o narrador diz que “a escassez, anulando qualquer escrúpulo de seleção, valorizava a mercadoria, **independente de condições de raça, tipo, cor, procedência, educação e até higiene**” (POTYGUARA, 2007, p.16, grifos nossos).

Spivak (2010) diz que a questão da mudez da mulher é uma das mais problemáticas questões. Ela diz que “evidentemente, se é pobre, negra e mulher, está envolvida de três maneiras. Neste sentido essas mulheres que eram levadas ao seringal sofriam não apenas a violência simbólica, mas também a física, a sexual e todos os tipos de discriminação, o que reforça a opressão que Spivak (2010) chamou de mudez da mulher subalterna.

As mulheres que eram usadas como moeda de troca ao mesmo tempo como para apenas satisfação sexual. A violência com que essas mulheres eram tratadas, embora de maneira “invisível” segundo Bourdieu (2012). Essa herança vem desde o processo de colonização e se

perpetuou socialmente, deixando marcas profundas na história da mulher como heranças abissais coloniais.

Conforme discutimos no capítulo 01, não apenas a mulher foi oprimida, o homem também foi oprimido dentro desse ambiente hostil. Butler (2016) ao tratar da questão do binarismo homem/mulher reforça a ideia de não haver um ser universal, mas sim complementares. O sistema capitalista oprimiu o eu masculino de Sabino e sua masculinidade foi contestada. Ora representado pelo credor, ora pelo devedor a opressão é exposta. Não levaram em conta os sentimentos universais, os sentimentos de Maibi e Sabino. Ambos nesse caso estão na base da pirâmide, marginalizados pelo sistema capitalista e desigual, não tiveram escolha senão se deixarem oprimir. Não exterminaram apenas o direito de escolha da mulher e do homem, também lhes podaram os sonhos, a liberdade e acima de tudo o amor próprio.

A autonomia de Sabino passa a ser ilusória, uma vez que não pode exercer sua masculinidade na defesa da mulher. Ele foi “engolido” pelo sistema capitalista e opressor que obrigou a ir contra os seus próprios sentimentos, sonhos e desejos. Vitimado pela estrutura de poder econômico não pode fugir dessa luta de classe e tem “o seu direito de macho” violado quando entrega a mulher a outro homem para calção da dívida. Direito esse que mais tarde é reiterado no ato da violação e martírio de Maibi. Segundo Butler (2016):

O sujeito masculino só se manifesta para originar significados e, por meio disso, significar. Sua autonomia aparentemente autorrefletida tenta ocultar recalçamento que, ao mesmo tempo, é sua base e a possibilidade perpétua de seu deslastreamento. Mas esse processo de constituição do sentido exige que as mulheres reflitam esse poder masculino e confirmem por toda a parte a esse poder a realidade de sua autonomia ilusória. (BUTLER, 2016, p. 87)

Butler (2016) chama atenção a respeito da situação masculina que surge para apresentar uma suposta autonomia ilusória que oculta o recalçamento. Entendemos que o homem precisa da mulher para se firmar como sujeito masculino, uma vez que segundo a autora a masculinidade parece ser justamente a questão de um reconhecimento dessa autonomia. Maibi nos braços de outro deixou Sabino sem a peça fundamental que o legitimava. Butler (2016) diz que:

As mulheres “são” o Falo no sentido de manterem o poder de refletir ou representar a “realidade” das posturas autorrefletidas do sujeito masculino, um poder que se retirado, romperia as ilusões fundadoras da posição desse sujeito. Para ser o Falo, refletoras ou garantes da posição perante o sujeito masculino, as mulheres têm de se tornar, têm de “ser”) no sentido de “posarem como se fossem”) precisamente o que os homens não são e, por sua própria falta, estabelecer a função essencial dos homens” (BUTLER, 2016, p. 87).

Assim entendemos que Sabino precisava de Maibi para sair do recalçamento em que foi obrigado a ficar quando a entregou a outro homem. Impedido de reaver sua companheira, Sabino busca outra maneira de legitimar-se como homem e ir ao mesmo tempo contra as imposições do seringal, já que este não podia tê-la por causa do sistema em que ambos estavam inseridos.

Para corroborar com o que Butler (2016) traz a respeito do homem comprovar a sua autonomia, trazemos Bourdieu (2012) que enfatiza que o homem também é vítima da dominação e opressão masculina, haja vista pertencer a uma sociedade que o aprisiona a partir de sua construção social, como por exemplo, quando o contesta e tende a dizer que o homem tem que provar constantemente sua virilidade, que segundo o autor, a virilidade foi construída para o homem e para que essa virilidade seja comprovada, o homem acaba se revoltando contra o feminino e cometem o feminicídio. Esses atos são causados pela misoginia que era muito comum nas histórias de mulheres não apenas no seringal, mas na sociedade em geral, assim como todas as atrocidades que as mulheres sofreram e que foram propagadas e se constituem na atualidade.

Diante do contexto que caracterizou Maibi, podemos dizer que ela foi vítima da misoginia. Inferimos que o marido não crucificou a mulher apenas por ciúmes, mas por ela estar “nos braços” de outro homem, conforme o narrador expõe na passagem do conto: “... As carícias ardentes da moça iriam agora aplicar-se em outro... **nos braços de outro ela se arrebataria em juras e suspiros...** Fora-lhe bem duro apartar-se; [...]” (RANGEL, 2007, p.123, grifos nossos).

Entendemos que Sabino, marido de Maibi criou ódio dela, e não poderia deixar que vivesse na companhia de outro homem. Não aceitaria que a mulher que um dia esteve em seus braços, estivesse nos braços de outro homem.

Para tratar dessa questão da violência contra as mulheres no seringal trazemos Pizarro (2012) que discorre sobre os testemunhos do trato que eram dados em particular às mulheres nos seringais. Pizarro (2012, p. 150) diz que “as mulheres ye’kuana foram violentadas e tiveram seus peitos amputados, as grávidas foram destripadas”.

Fatos históricos dialogam com a ficção trazendo mais verossimilhança. Outros fatos podem ser evidenciados, segundo a autora, através de entrevistas pessoais a sobreviventes. Ressaltamos que esses fatos precisam ser revelados para que surjam outras vozes de protestos contra esse reinado que ainda precisa ser fragmentado a fim de enfraquecê-lo.

Sabemos que a mulher vem sofrendo as opressões e violências desde o processo de colonização e que ainda sofrem na atualidade. Isso serve-nos de mola propulsora para acreditar

que se pode através das literaturas, estudos e divulgação dos saberes produzidos, contribuir com uma nova tomada de consciência com relação as forças externas de dominação que ainda estão arraigadas na família, na religião e na própria sociedade em geral.

A partir daí já eram constatados atos de violência e de estupros, apresentando a falta de sensibilidade masculina em relação ao feminino. Neste sentido, entendemos que essa divisão entre homens e mulheres, fica evidenciada a divisão de gênero, o machismo, prevalecendo a dominação masculina como forma de opressão e violência contra as mulheres, pois sabemos que todo processo de colonização trazia consigo as atrocidades que demarcavam o território inclusive o estupro de mulheres, a fim de evidenciar mais o seu triunfo.

Quando falamos de recrutamento, o processo de migração dessas mulheres para o seringal por si já é considerado um processo opressor, agressivo e desumano. A busca pelo tão sonhado Eldorado. O sonho de enriquecimento fazia com que o homem deixasse a sua casa, pegasse a mulher e levasse ao centro da mata. Lá ela ia experimentar o “inferno” na terra, ao invés de encontrar o “paraíso perdido”.

Euclides da Cunha, no preâmbulo da obra *Inferno Verde*, apresenta a personagem Maibi como metáfora da exploração do Amazonas. A mulher assim como a floresta que sofre a ação desenfreada do homem em busca de riquezas, sem pensar na deterioração do meio ambiente, de diversas árvores que são tombadas pelas machadinhas homicidas dos seringueiros que sangravam a seringueira para sorver seu látex. Para ele “Maibi é imagem da Amazônia **mutilada pelas miríades dos golpes das machadinhas homicidas** dos seringueiros” (RANGEL, 2008 p.27, grifos nossos).

A figura da mulher pode ser interpretada conforme o narrador expõe na citação acima, mas também temos a possibilidade de interpretar Maibi como sinônimo de todos os tipos de violências praticadas contra a mulher, pois Maibi além de ser vendida para cobrir uma dívida, ainda teve seu corpo imolado, como podemos exemplificar na citação a seguir:

O martírio de Maibi, com sua vida a escoar-se nas tigelinhas do seringueiro, seria ainda assim bem menor que o do Amazonas, oferecendo-se em pasto de uma indústria que o esgota. **A vingança do seringueiro, com intenção diversa, esculpira a imagem imponente e flagrante de sua sacrificadora exploração.** Havia uma aureola de oblação nesse cadáver, que se diria representar, em miniatura, um crime maior, não cometido pelo amor, em coração desvairado, mas pela Ambição coletiva de milhares d'alma endoidecidas pela cobiça universal (RANGEL, 2008 p. 131, grifos nossos).

Quando o narrador fala da “vingança do seringueiro, com intenção diversa” podemos inferir que Sabino não apenas se vinga da situação que obrigou ele entregar a sua mulher a Sérgio, como por exemplo ir contra as leis impostas. O ex-marido inconformado de deixar com outro homem crucifixou-a em uma castanheira. Situações como essas são comuns na sociedade. Homem que ameaça e atenta contra a vida da mulher pelo simples fato de não aceitar o fim do relacionamento afetivo ou pelo fato de não querer que a mulher decida sobre a sua vida sexual, pois se acha “dono” do corpo da mulher e a aprisiona em uma relação.

Maibi ao ter seu corpo imolado, além de violentada fisicamente, a figura da mulher é banalizada, sendo bastante evidente na trama, vista como objeto sexual, cultura esta reproduzida através das gerações. Outro ponto que destacamos como questão que definiu a castração do direito da mulher no seringal foi essa raridade com que ela é colocada.

O martírio de Maibi pode ser bastante questionado, pois o narrador não dá mais informações a respeito dessa imolação, o que nos abre muitos leques para interpretação desse crime “hediondo”.

Podemos utilizar Maibi também como a simbologia da mulher vítima da exploração e abuso sexual, que não conseguia questionar seu direito junto ao marido e muito menos à sociedade. Seria o ambiente hostil que a personagem estava inserida que contribuiu ainda mais para a sua mudez? A falta de perspectiva, a ausência de sonhos de melhores condições de vida, o isolamento cultural, alienação e ignorância também são fatores que também contribuíram para que a personagem não questionasse a situação em que foi submetida.

Como as causas do martírio de Maibi não foram bem explicadas, o narrador nos dá margem ao entendimento sobre a expressão do repúdio contra a mulher estéril. Fato que gera violência por parte do homem que pretende ser pai e não consegue. Este dificilmente admite que ele não possa por questões biológicas engravidar a mulher, geralmente a culpa só recai sobre ela, com isso o marido passa a agredir a mulher tanto com a violência física quando com a simbólica.

Ao longo da narrativa o escritor apresenta Maibi apenas com Sabino, o que nos induz a pensar que possivelmente ela era ou ele era estéril, pois em anos de casamento, Maibi não tinha filhos. Assim não servia para o casamento, uma vez que a mulher para ser considerada mulher ideal precisava, de acordo com a visão androcêntrica, gerar filhos e ser boa mãe. De preferência a mulher tinha que reproduzir “filho macho” segundo Bourdieu (2012), para legitimar a identidade do pai e suceder-lhe nos negócios.

Entendemos que o narrador critica a mulher que, por questões biológicas ou por opção não se tornou mãe. Assim poderemos interpretar essa crítica quando o narrador diz:

Era como uma extravagante orquídea, carnosas e trigueiras, nascida ao pé da árvore fatídica. **Sobre os seios túrgidos, sobre o ventre arqueado, nas pernas rijas**, tinha disso profundamente embutida na carne, modelada em argila baça, meia dúzia de tigelas (RANGEL 2008, p.130 – 131, grifos nossos)”.

Os seios “túrgidos” e as “pernas rijas” como símbolo de vivacidade, interpretados como saudáveis e prontos para a procriação e amamentação, porém com o “ventre arqueado”, vazio, infrutífero, não serviu para gerar vida. Maibi em anos de casamentos, de acordo com os costumes da época, já deveria ter engravidado e até aquele momento ainda não tinha procriado, não tinha mais nenhuma serventia. Todas essas possibilidades de interpretações só reforçam o discurso masculino em detrimento à figura feminina aniquilada. Assim podemos exemplificar na citação abaixo em que o narrador descreve a relação de Maibi com Sabino.

Bem tempo fazia que deixara o baixo Amazonas, primeira etapa do seu êxodo de condenado. Lá trabalhara três anos sem vantagem. Afóra um pouco de “tapuru”, a seringa era “fraca”, “itaúba”. No lago do Castanho, casara-se com aquela cabocla, linda cunhã, enguiço núbil, tentação que lhe chegara para atrapalhar a vida, pois, se tivesse sozinho, nessa época, labutar no alto da seringa, estaria a estas horas no seu querido Ceará. Era verdade que, em companhia de Maibi, mais doce lhe correria a existência... Contudo, tinha sido um atropelo (RANGEL, 2008, p. 123).

Maibi, segundo a narrativa, estava aproximadamente há três anos na companhia de Sabino, como podemos entender no trecho acima, tempo suficiente para ter procriado. A compreensão e reflexão dessa realidade que poderá ser válida para nos fazer compreender e repensar as diversas formas de violência que são imputadas à mulher. Ato que podem ser lidos como selvageria, que ora são refutados ora manifestados, legitimando as doutrinas dominantes, fortemente presentes nas atitudes preconceituosas e machistas externadas por grupos sociais e propagadas através de muitos atos invisíveis. É comum ainda a pretensa ideia do casamento apenas para fins de reprodução. Casais que optam a não ter filhos acabam sendo ainda hoje criticados pois a mulher ainda é interpretada como reprodutora.

Em uma releitura mais atenta do conto “Maibi”, percebemos que a personagem feminina Maibi, em relação às demais personagens da obra, predominantemente personagens masculinas, desconhecia a condição de si mesma, assim como também desconhecia a insatisfação da mulher com relação à sua posição social. Na narrativa não há evidências de que a personagem Maibi mantivesse uma relação conjugal com Sérgio, seu novo parceiro, assim não podemos afirmar

que ela tivesse algum tipo de relacionamento afetivo, pois apenas foi descrito as negociações que ocorreu em função dela.

A personagem é representada na base da pirâmide, que por sua vez, assume apenas dois papéis, o de mulher objeto de desejo sexual e moeda de troca. Não é retratada nem como dona de casa, nem como mãe. Inicia a narrativa como moeda de troca e finaliza sofrendo dupla violação, pois tem o seu corpo imolado. Esse trágico desfecho da história de Maibi, pela frequente ausência de mulher no seringal que é exposta na narrativa, também narra a decadência humana e a sua luta contra a natureza. Assim exemplificamos com a citação a seguir:

Não se opunha que as **seringueiras fossem lavradas das raízes aos galhos, num decreto de extinção formal**. Construísssem mutás – arapucas desengonçadas, grosseiros andaimes para atingi, em faixa mais alta, os vasos captores da goma preciosa; ou empregassem o “arrocho” – medonho apertão, dia a dia constringido, para que o tronco, esganado no garrote, ressumasse até as fezes a seiva valiosíssima. Um máximo de produto, **mesmo à custa do aniquilamento das árvores**, exigia o patrão, na formidável ganância, que generalizada, liquidaria a principal riqueza da bacia amazônica, **estacando-a na sua fonte** (RANGEL, 2007, p. 126-127).

Aqui podemos usar Maibi como exemplo da mulher floresta, cobiçada pelos exploradores, que sem nenhum escrúpulo se aproveitavam de suas riquezas naturais. Vítimas da crueldade do homem, a mulher e floresta constituem a imagem da imolação, que saturadas de tanta violência tem suas vidas dilaceradas pela ação do homem colonizador. As mesmas chagas embutidas nas árvores, mutiladas para a exploração do seu látex, foram as mesmas chagas que aniquilaram Maibi.

Dentro do contexto da Amazônia podemos em uma releitura dizer que a mutilação de Maibi é o símbolo da violência vivida na selva, de pestes, animais e doenças que ceifaram muitas vidas, o inferno que estiveram submetidos quando saíram de suas localidades e foram em busca de sonhos. Essas chagas abertas na seringueira simbolizam a “alma” da mulher, com a mutilação de seus direitos, a mutilação dos seus sonhos, a violência epistêmica. Marcas que perseguem a descendência feminina e respingam na atualidade, através de atitudes machistas e preconceituosas que aniquilam a mulher e a impede de assumir diversos papéis em todos as esferas sociais.

O martírio de Maibi é a simbologia da violência contra a mulher oprimida e explorada, ao mesmo tempo que afeta o homem, também aprisionado pelas relações de injustiças que caracterizam a vida no seringal e a escassez de mulher naquele ambiente, atenuava o isolamento e a irracionalidade.

Assim podemos dizer que “Maibi” representa a imagem da violência física que é praticado contra a mulher, muitas vezes expondo a sua “fragilidade”. Mais uma vez a exposição do corpo aparece como meio pelo qual acontece a violação, como podemos observar na narrativa. A imagem da Maibi nua amarrada na seringueira pode ser entendida como a mulher na atualidade que sofre violência dos parceiros, marido, namorado e tem o corpo mutilado por muitas vezes não aceitarem que a mulher seja sujeito ativo e ocupe espaços na sociedade.

Podemos dizer ainda que essa simbologia da imolação represente os diversos crimes de feminicídio, que crescem a cada dia, porque o homem não consegue aceitar que a mulher seja independente, ou que a mulher seja autônoma principalmente no sentido afetivo de gerir a sua vida e o homem em uma atitude de desespero deixa transparecer a irracionalidade e atenta contra a vida da mulher de forma brutal e desumana.

Em “Maibi” essa primazia entre a conquista e a dominação a que é imposta nos remete a mais uma interpretação, o homem explora a natureza (substantivo do gênero feminino) e a mulher, e deixa todas em um estado de miséria. Cabe-nos aqui interpretar como uma denúncia social, a natureza e a mulher que são reduzidas a nada. Sem autonomia, mesmo relutando e resistindo a todas as atrocidades não é ouvida no cenário nacional.

Os olhos da cobiça estavam voltados para a seringueira, mas também para a mulher e juntas construíram o imaginário daquele “inferno”. A luta seria contra os preceitos colonizadores, a exploração sexual da mulher e a exploração ambiental através da mutilação da castanheira para absorver seu látex.

Desconstruindo Amélia (Pitty)

Já é tarde, tudo está certo
 Cada coisa posta em seu lugar
 Filho dorme, ela arruma o uniforme
 Tudo pronto pra quando despertar
 O ensejo a fez tão prendada
 Ela foi educada pra cuidar e servir
 De costume, esquecia-se dela
 Sempre a última a sair
 Disfarça e segue em frente
 Todo dia até cansar (Uhu!)
 E eis que de repente ela resolve então mudar
 Vira a mesa, assume o jogo
 Faz questão de se cuidar (Uhu!)
 Nem serva, nem objeto
 Já não quer ser o outro
 Hoje ela é um também

A despeito de tanto mestrado
 Ganha menos que o namorado
 E não entende porque
 Tem talento de equilibrista
 Ela é muita, se você quer saber
 Hoje aos 30 é melhor que aos 18
 Nem Balzac poderia prever

Depois do lar, do trabalho e dos filhos
 Ainda vai pra night ferver
 Disfarça e segue em frente
 Todo dia até cansar (Uhu!)
 E eis que de repente ela resolve então mudar
 Vira a mesa, assume o jogo
 Faz questão de se cuidar (Uhu!)
 Nem serva, nem objeto
 Já não quer ser o outro
 Hoje ela é um também

Uhu, uhu, uhu
 Uhu, uhu, uhu

Disfarça e segue em frente
 Todo dia até cansar (Uhu!)
 E eis que de repente ela resolve então mudar
 Vira a mesa, assume o jogo
 Faz questão de se cuidar (Uhu!)
 Nem serva, nem objeto
 Já não quer ser o outro
 Hoje ela é um também

3 *TERRA CAÍDA*, UM OLHAR A PARTIR DA MARGEM

3.1 O empoderamento feminino nos limites do seringal

*Às seis da tarde
 as mulheres choravam
 no banheiro.
 Não choravam por isso
 ou por aquilo
 choravam porque o pranto subia
 garganta acima
 mesmo se os filhos cresciam
 com boa saúde
 se havia comida no fogo
 e se o marido lhes dava
 do bom
 e do melhor
 choravam porque no céu
 além do basculante
 o dia se punha
 porque uma ânsia
 uma dor
 uma gastura
 era só o que sobrava
 dos seus sonhos.
 Agora
 às seis da tarde
 as mulheres regressam do trabalho
 o dia se põe
 os filhos crescem
 o fogo espera
 e elas não podem
 não querem
 chorar na condução
 (Marina Colasanti)*

Terra Caída, de autoria de José Potyguara da Frota e Silva, publicada em 1961, é um romance que narra a saga vivida por homens e mulheres na floresta Amazônica. A narrativa tem seu foco narrativo na terceira pessoa. O romance é de autoria masculina, mas apesar de descrever as personagens com uma linguagem machista, em outros momentos apresenta nuances que podem evidenciar a mulher, nos possibilitando interpretá-la como protagonista de lutas e resistências contra as leis do patriarcado. Assim não poderemos inferir um julgamento quanto a identidade do narrador. As informações não deixam evidente se o narrador é masculino ou feminino. Além da ambição do homem e ânsia de riqueza material, o narrador usa a floresta

amazônica como palco para contracenar as mais violentas paixões humanas, a disputa pelo poder, não apenas o poder econômico, mas também a disputa por relações afetivas e sexuais.

O romance se passa durante o período da borracha, que atraiu grande quantidade de imigrantes para a região. A narrativa ficcional sintetiza a história de vida de nordestinos que deixaram o Nordeste em função de uma grande seca e vieram à Amazônia em busca de sonhos de enriquecimento, a utopia de uma vida melhor, mas no centro da floresta viveram o isolamento, a triste realidade de ter a vida reduzida à miséria causada pela escassez de alimentos. Experimentam o inferno causado pelas pestes, insetos, doenças e animais ferozes, responsáveis pela degradação humana.

A vida no seringal seguia seu curso dentro da normalidade até a chegada da família de Chico Bento¹⁹, que na sua companhia trouxe a mulher de Policápio e a filha Rosinha de vinte anos, que desde a chegada já despertou a cobiça dos homens do seringal. A situação ficou ainda mais instigante pois Rosinha estava noiva de Nonato, que também chegou junto com ela no seringal, o que tornou a disputa entre os homens ainda mais incitante.

A narrativa tem como personagens o Coronel Tônico Monteiro, explorador dono do seringal, Tomaz, seu homem de confiança além dos empregados do seringal: Tiburtino, Conrado e famílias. Os seringueiros Chico Bento, Zé Rufino, Nonato e Policápio, que também tinham seus núcleos familiares, dentre outros personagens seringueiros que juntos formaram o pano de fundo para a narrativa. Focaremos a nossa discussão nas personagens femininas: Rosinha, Anália, Laura, Elza e Dona Chiquinha.

O título da obra se dá em função de um fenômeno que foi citado pelo narrador no final da narrativa, o fenômeno da terra caída, causado por grande e demorada chuva torrencial, com um curso violento de água que vem das enxurradas e fazem o rio transbordar. Com o cessar da chuva, a vazante do rio é rápida e a terra amolecida pela ação da enxurrada desmorona no rio. Foi o fenômeno da terra caída que carregou o armazém com toda a mercadoria, o escritório com o cofre que continha o dinheiro; todas as anotações de “fiado”, além de todos os livros de contabilidade do coronel para o fundo do rio. Fato que foi observado pelos seringueiros como um castigo ao coronel, que escravizou os homens e a floresta em favor de seu enriquecimento e luxúria e a própria natureza se encarregou de lhe retirar toda a riqueza acumulada, lhe fazendo experimentar a tormenta infernal de perder tudo e além de empobrecido, finda a narrativa doente e inválido, dependendo dos cuidados e de favores.

¹⁹ Ver o esquema de personagens do romance *Terra Caída* no anexo II

As personagens ficcionais femininas em análise que compõem a obra *Terra Caída*, eram concebidas dentro dos padrões construídos culturalmente no século XIX e meados do século XX, quando a mulher ainda estava dentro de um espaço privado, que lhe dava direito apenas de cuidar do lar, de ser boa mãe, dedicada aos afazeres domésticos, obediente ao pai e ao marido, conforme discutimos no capítulo 02. O ambiente que essas personagens estavam inseridas, o seringal, era um ambiente carregado de forças políticas e econômicas, onde prevalecia a lei do mais forte e a dominação masculina alicerçava as relações sociais e afetivas.

A primeira leitura pautada apenas numa interpretação hegemônica mostra que reforçou a visão patriarcal com relação à mulher, desprestigiando outras maneiras de interpretá-la e não evidenciou o posicionamento e a atuação dela como sujeito ativo no ambiente em que estava inserida, que a nosso ver ele poderia ter dado ênfase naquelas mulheres que tiveram papel importante na narrativa, pois estiveram reprimidas pelo sistema de dominação visto como natural e não internalizaram a dominação que pudesse as desencorajar e reproduzir o discurso machista.

A análise que faremos não será apenas baseada na descrição de como as personagens são expostas pelo narrador, evidenciando principalmente a aparência física e psicológica, que muitas vezes as descrevem com um posicionamento machista. Buscaremos expor as características que podem ser observadas como o início da luta da mulher por espaço e reconhecimento de suas escolhas.

As interpretações feitas a seguir poderão ser apresentadas pela visão patriarcal como distorcidas e impróprias, conflitando a ficção e a realidade da época. Sabemos que as narrativas ficcionais além da verossimilhança possuem particularidades que podem ser contestadas e reinterpretadas, dependendo do mirante em que o leitor esteja haverá possibilidade de ler e reler as nuances que o narrador deixa em entrelinhas. É essa releitura nas entrelinhas que são necessárias para desvelar um sujeito que foi emudecido através da “violência epistêmica” (Spivak, 2010).

O que era comum as narrativas ficcionais apresentarem suas personagens dentro de um padrão construído socialmente, onde o ser feminino precisava atender aos padrões do mais fraco, subjugada, dependente do pai ou do marido, conforme diz Bourdieu (2012), não podendo fugir a esse padrão pois estaria transgredindo as normas destinadas à mulher, principalmente a de casar e a sexualidade ser apenas em função da reprodução.

Inicialmente as personagens femininas são evidenciadas ressaltando as suas características físicas de maneira que incitam o desejo masculino. A mulher é apresentada de maneira que desperta no homem o desejo de obtê-la para o prazer carnal. Vemos através da exposição da

como mulher objeto de prazer que incitaria o homem em seu mais íntimo desejo. O narrador descreve a personagem Rosinha ao chegar no seringal e já de início evidencia características físicas que exaltam a sexualidade da moça conforme podemos perceber na citação a seguir:

Assim foi um reboiço no seringal a chegada de Chico Bento. Não tanto pela filha – pois Maria do Carmo tinha apenas doze anos –, mas porque, em sua companhia, veio a mulher de Policápio trazendo a filha de vinte anos, linda, **morena de olhos negros cismadores, dentadura perfeita e seios empinados, a provocar a cupidez de cento e muitos seringueiros sem mulher.** O diabo é que Rosinha já **está comprometida: trouxe um namorado**, o Nonato, sertanejo truncado e calado, de vinte e cinco anos, filho do outro seringueiro, o Zé Rufino, e que também veio para a companhia do pai (POTUGUARA, 2007, p. 16).

Ao descrever a personagem, o narrador deixa evidente a exposição do corpo. Principalmente os “seios empinados” que chamam atenção de mais de “cem homens sem mulher” que estão com as necessidades sexuais afloradas. Essa descrição apresenta uma linguagem machista e evidencia a mulher como objeto de desejo e prazer masculino, sem lhe acrescentar nenhuma qualidade que não seja a de uma mulher que chama atenção por seus traços de sedução. É como se pelo fato da mulher ter um corpo bonito e ser considerada sensual, ela seja a culpada pela cobiça dos homens. Percebemos que ela é colocada como a responsável por despertar nos homens a disputa, mesmo que estes homens já saibam que ela está comprometida. Essa disputa já se inicia na chegada quando o narrador diz:

Tomás apressou-se em ir encontrá-las. Cumprimentou a velha, que logo entrou em casa. Enquanto apertava a mão da moça, pôde observar o **acetinado de sua pele morena**, a pequena boca, os dentes alvos e os bonitos **olhos negros de um brilho impressionante**. Aberta sobre os ombro, trazia uma toalha muito limpa onde se espalhavam, **soltos, os cabelos em ondas, ainda salpicados de aljôfar do banho recente** (POTYGUARA, 20017, p. 23, grifos nossos).

Mais uma vez o corpo é evidenciado através da descrição do narrador quando minuciosamente descreve a personagem, expondo detalhes como “os cabelos soltos”, cheiro de banho recente, dando margem para que transpareça que a mulher está se deixando à mostra de propósito para seduzir. Esse discurso vem mostrar que a mulher tem o poder da sedução, o que a faz ficar fora dos padrões que a sociedade exige. A mulher ideal precisava cobrir o corpo para assim não ser desejada ou despertar desejo. Não poderia ser sensual porque era mal interpretada e por causa de sua sensualidade estaria pedindo para ser desrespeitada e até violentada.

Em nenhum momento foi questionado sobre as atitudes daqueles homens, que mesmo sabendo que Rosinha já estava noiva insistiram em lutar pela sua “posse” e tornar lhe objeto,

querendo ter domínios sobre ela e assim fortalecer ainda mais o machismo, que de certa maneira se sobressaiu as atitudes dos homens da narrativa.

Essa visão machista e patriarcal é evidente também quando Laura é apresentada. De início ele já faz um julgamento a respeito dela, como podemos observar na citação a seguir:

Bonitinha e namorada, em pleno viço dos seus dezenove anos, a princípio a jovem detestava os galanteios do seringalista, já maduro, com idade para ser seu pai. **Mas pela insistência dele de dar-lhes presentes** caros e os conselhos do velho português, interessado **em amparar o futuro da filha**, o casamento se fez. No dia seguinte os noivos embarcaram muna gaiola, em viagem de lua-de-mel, rumo ao seringal (POTYGUARA, 2007, p.28).

Percebemos que Laura é descrita como uma mulher fora dos padrões ideais, pois desde nova era namorada, como se a mulher não pudesse namorar antes do casamento sem que esta fosse considerada impura. O narrador com isso reforça o discurso patriarcal que a mulher precisava casar com o primeiro rapaz que namorasse, ou nem precisava namorar antes de casar. Outro ponto que destacamos sobre o casamento que aconteceu segundo o narrador em função de interesses econômicos e arranjos familiares. Os pais da moça precisavam casar-lhe com o coronel para garantir o futuro dela. O casamento arranjado para a mulher “obter posição social” Bourdieu (2012), o que era muito comum naquela época.

Observamos que Rosinha e Elza, ambas na flor da juventude, com seus dezenove e vinte anos respectivamente estavam segundo as concepções sociais da época, legitimada pelo patriarcado quase passando da idade de casar. Por isso a insistência dos pais casarem as filhas enquanto novas para terem “futuro” garantido, pois se a mulher passasse daquela idade já ficaria mais difícil garantir um bom casamento.

Conforme a narrativa percebemos que essas personagens não foram construídas originalmente nos seringais. Elas anteriormente participavam de outra realidade, conheciam outras culturas, mas pelas circunstâncias, foram trazidas ao seringal. O narrador descreve como moças atraentes, cheias de sensualidades. Pelo fato de Laura viver em Belém, uma cidade em desenvolvimento, não nos cabe dizer que possuísse independência financeira, mas podemos inferir que tivesse conhecimento formal. Segundo a descrição do narrador, Laura já tinha conhecimento da agitação noturna em bailes, talvez já tivesse conhecido muitas pessoas o que consideramos normal na juventude.

Rosinha era do Ceará e também acostumada a conviver com outras pessoas, talvez de culturas diferentes. Veio do Ceará com os pais, os quais fugiram da miséria causada pela seca.

Rosinha também tinha conhecimento formal, assim diz o trecho que Policárpio informa dona Maroca sobre a adaptação de Rosinha à vida no seringal, exposta na citação a seguir:

– Por cá, vamo tudo bem, na graça de Deus! A menina tem estranhado um bocado. **Não tava acostumada a essa vida de mato. Mas ela gosta de lê. Já leu e releu uns livros que trouxe.** Seu Tomás bem que podia me arranjar, lá no barracão, algum jornal ou livro... Velho mesmo, serve. É só pra Rosinha não esquecer o qui aprendeu (POTYGUARA, 2007, p. 23).

Entendemos a partir da descrição que Rosinha é uma moça que possui conhecimento formal. Ela já tinha alguns esclarecimentos sobre a realidade de vida longe daquele ambiente, pois através da leitura da obra evidenciamos que a sua mãe sempre procurou lhe proporcionar oportunidade de estudar, ela estava acostumada com a vida na cidade e gostava de ler. Entendemos que ela era esperta e perspicaz.

Rosinha e Laura estavam acostumadas com uma vida agitada e ao se depararem com a vida no seringal começaram a esboçar descontentamento. O isolamento cultural, o contato com uma vida limitada promoveu a insatisfação dessas mulheres, que mesmo diante da hostilidade daquele lugar não hesitaram em manter-se firme no propósito de serem mulheres livres, o que veremos mais adiante.

Na sequência, o narrador apresenta a professora Elza. Desde o início ele a evidencia como exemplo de mulher ideal. Uma moça recatada, formada em um internato, discreta e angelical. Essas eram as qualidades de uma mulher educada para ser de fato uma boa esposa. A citação a seguir descreve o perfil da professora na sua chegada no seringal: “Colocada a prancha, por ela desembarca uma moça coberta de luto. **O preto do vestido realça o castanho-claro dos cabelos, presos para trás em um gracioso rabicó**” (POTYGUARA, 2007, p. 58, grifos nossos).

A descrição da professora Elza remete-lhe a uma mulher que não chama atenção, nem pela vestimenta e nem pelos traços físicos. A professora talvez pelo local onde foi educada, cheia de regras e normas adquiriu esse diferente modo de ser. Logo, diante da descrição, percebemos que a igreja, através do internato onde Laura foi educada legitimou a dominação masculina. Apesar da Elza ter conhecimento formal, inferimos que até em maior grau de conhecimento de outras personagens femininas, não teve outras experiências diferentes das que viveu na clausura do internato.

Apesar de ter impregnado os valores dominantes, a professora também pode ser usada como exemplo de mulher de personalidade, pois resistiu aos galanteios do coronel do início ao fim da sua vivência no seringal. Por um momento, pelo fato de ser órfã de pai e mãe poderia ter

cedido aos galanteios do seringalista, mas resistindo garantiu o direito de escolha e namorou com quem ela teve afinidade. Ela tinha consciência de si mesma enquanto sujeito. A partir daí, reforçamos a importância do conhecimento formal como uma das ferramentas na construção da autonomia feminina, conforme discutimos com Woolf (2014) no capítulo 02 sobre a literatura e a perspectiva de empoderamento, mas isso só poderia ser possível através de um espaço de liberdade pessoal, sem repressão. O que podemos perceber que algumas personagens, mesmo em um ambiente carregado de valores machistas conseguiram construir esse espaço, embora mais adiante seja camuflado por um discurso que causou a invisibilidade da resistência da mulher.

Ainda falando de caracterização das personagens, diferente da professora Elza, de quem o narrador esconde a sensualidade, ele ressalta a de Anália, através de suas descrições físicas. Ao descrevê-la, de início ele diz que ela é **“morena forte e bonita – beleza cigana, de olhos tentadores e carnação sensual”** (POTYGUAR, 20017, p. 31, grifos nossos).

Observamos que o narrador faz questão de expor a personagem, falando de seus apetrechos sexuais avantajados, como por exemplo, “olhos tentadores e carnação sensual” a fim de evidenciar que a personagem se expõe aos homens, pois estes através da visão do narrador percebem que Anália é uma mulher que chama a atenção pelo seu porte físico. Sua carnação sensual, talvez seja por ela possuir quadris largos e avantajados.

Diante dessas descrições de Rosinha e Anália, o narrador expressa que essas mulheres estão fora dos padrões exigidos para serem mulheres obedientes ao pai ou marido, talvez por usarem roupas que mostram as formas do corpo, o que era desaprovado naquela época. O ideal para uma mulher casada ou solteira seria que cobrisse o corpo em sinal de respeito. O que elas precisavam demonstrar é que elas tinham qualidades para serem boas donas de casa, mães dedicadas e acima de tudo serem obedientes ao pai e ao marido.

O padrão de mulher ideal exposta pelo narrador é aquele que segue os padrões propostos pelo patriarcado: cabelos presos, roupas discretas, sempre preservando a moral e os bons costumes. Isso reforça a ideia de que a mulher ideal precisava ser a mulher recatada, reprimida. As que ousaram sair desta linearidade foram expostas através da narrativa como impróprias para ser “senhora”, boa mãe e dedicada dona de casa. Ao apresentar dona Maroca, senhora de “meia idade”, casada, sem filhos, e totalmente recatada, o narrador reforça a ideia de mulher ideal. Percebemos nessa passagem do texto que o narrador tece crítica à outras mulheres por causa de alguns comportamentos, principalmente com relação a exposição corpo:

A escola é uma barraca de madeira coberta de zinco, como as outras. Tem três peças: a sala de aula, na frente, quarto e cozinha. E como Elza notasse a falta de banheiro, dona Maroca explicou:

_ Ah!, minha filha, aqui não se usa. **As mulheres se banham no igarapé.** _ E, revoltada noutro tom: _ Menos eu! Ah!, não! **Sempre achei isso uma indecência!** O Conrado mandou fazer uma puxada e eu tomo meu banho em casa! Olhe um conselho: não se arrisque: **os homens daqui do seringal já'stão enjoados de ver todas essas mulheres nuas, se banhando por aí. Uma pouca vergonha** (POTYGUARA, 2007, p. 59).

Através da leitura da obra percebemos que naquela época, principalmente nos seringais, e outras localidades ribeirinhas era muito comum que as famílias utilizassem a água dos rios, igarapés e córregos para todos os afazeres domésticos, inclusive para a higiene do corpo, que era feita nos próprios igarapés. De todas as famílias citadas na narrativa, a partir do que foi exposto na citação, apenas dona Maroca não utilizava a prática de banhar-se no rio. Ela tinha um banheiro em casa, onde fazia a higienização do corpo, pois se considerava diferente das outras mulheres e a prática de se banhar em local aberto para ela era “uma pouca vergonha”.

Talvez não por querer somente privacidade, mas também o narrador, através da expressão de dona Maroca, censure a atitude das mulheres de se banharem no rio, como se fosse uma prática vergonhosa, pelo fato de deixar o corpo exposto através da roupa molhada. Essa pressuposição evidencia a violência simbólica que segundo Bourdieu (2012, p. 54) diz que ela se “efetiva aquém da consciência e da vontade”.

Outro ponto que nos chamou atenção na narrativa foi o modo como o narrador expôs a atitude de Anália ao ver Elza chegar ao seringal. A expressão de Anália exemplifica o que Bourdieu (2012) diz, que as mulheres são seus piores inimigos. Segundo o narrador quando Anália vê professora Elza exclama: “-Vote! É isto a tal professora?...” (POTYGUARA, 2007, p. 59).

Esta fala carregada de ironia precisa ser evidenciada como pensamento eurocêntrico, que foi eternizado nas gerações, que estimula as desigualdades e insinua que “as mulheres competem entre si” segundo Bourdieu (2012), procurando cada uma a sua maneira proporcionar a própria opressão. O narrador usa o pretexto da competição e o sarcasmo atribuído a Anália para retirar a responsabilidade da opressão das estruturas de poder responsáveis por esse mecanismo de coerção e reprodução da anomalia criada para estigmatiza a mulher.

A rivalidade feminina, exposta na citação acima, também se origina nos discursos e práticas da sociedade patriarcal, afinal, por séculos as mulheres precisaram competir entre si na “caça ao marido”, tendo em vista que sua sobrevivência dependia disso.

Contrastando com Rosinha, Laura e Anália, que ele descreve a partir da sensualidade de cada uma, ele mostra Elza e Maroca, emoldurando-as dentro do padrão inconveniente e conveniente de mulher quando faz uma comparação entre os estilos de cada uma, e isso induz que existisse um padrão apropriado para adquirir respeito, sobretudo no seringal. E dentre as mulheres citadas não apenas dona Maroca e a professora Elza mereciam ser respeitadas porque viviam dentro dos parâmetros exigidos pela sociedade de modo geral, mas todas as mulheres mereciam ser respeitadas, independentemente da cor da pele, da religião, do modo de ser ou das roupas que usavam.

As personagens descritas pelo narrador, fora dos ideais de mulher ideal não podem ser consideradas culpadas por serem diferenciadas e mal interpretadas pelo corpo, ou pela exposição dele. A leitura nos remete a uma dura e cruel realidade vivenciada em que as mulheres eram vistas como merecedora da opressão e essa visão se constituiu e perpetuou ao longo dos tempos até a atualidade, em que a mulher que expõe a sensualidade está pedindo para ser desrespeitada, agredida e até mesmo violentada sexualmente.

É sabido que todo discurso traz consigo as convicções de quem o produziu, neste caso, supomos que muitos momentos da narrativa mostram a visão de homem sobre a mulher analisada a partir das descrições do narrador apresentam visões colonialistas. Assim dizemos que esse discurso precisa ser questionado pois esse mesmo discurso que ora ofusca a mulher, que na maioria das vezes foi interpretada a partir de um padrão social, ora evidenciou através da narração de algumas atitudes diferentes do que apresentavam as mulheres da época, as quais discutiremos com a perspectiva de um novo olhar.

Conforme dizemos, procuramos fazer uma releitura a partir da margem, fora das propostas pela tradição interpretativa hegemônica e evidenciamos que embora em um ambiente hostil, é possível perceber através das atitudes de algumas personagens a força da mulher e a vontade de lutar contra os padrões impostos pela ordem do patriarcado. Essas mesmas mulheres que eram vistas como objeto de desejo e prazer masculino, seguiram um percurso criado pelo narrador que nos chamou atenção, pois dão indícios de que as mulheres citadas, apesar de estarem em condições díspares com relação aos homens, não aceitaram seu papel de submissão imposta por eles.

Para discutir essa luta, a vontade de ir em busca de liberdade e da construção de uma autonomia, buscaremos mostrar as nuances deixadas pelo narrador que mostra a partir das atitudes ousadas das personagens Laura, Rosinha, dona Chiquinha e Anália, que podem ser

interpretadas como atitudes que comprovam a luta e a resistência da mulher contra as ordens do patriarcado.

Ao analisar Laura, percebemos que a vida no isolamento do seringal para ela era uma espécie de castigo. Logo após a primeira semana no novo ambiente ela já começou a demonstrar insatisfação, o que foi interpretada pelo marido como apenas enjoos pelo fato da gravidez. Na concepção dele após o nascimento da criança, Laura mudaria de comportamento, se encantaria com a maternidade, porém não aconteceu. Independentemente de qualquer agrado oferecido pelo marido, ela não queria mais viver no isolamento da floresta e esse descontentamento pode ser exemplificado através da citação abaixo:

Que quer você que eu faça? Que imite essa gente daqui? **Essas desgraçadas mulheres, contentes em comer, ter filhos e mais nada?... Não! Eu não nasci só pra isso? Quero viver! Filho já tive um e basta! Não sou seringueira, que vocês ferem todo dia, tiram-lhe o leite, e as pobres árvores nem se queixam** (POTYGARA, 2007, p. 29, grifos nossos).

Diferente de outras mulheres, Laura não se contentava apenas em ter filho e ser alimentada. A vida não se resumia apenas nessa monotonia. Para ela, essa vida oferecida para as mulheres no seringal era uma vida de miséria, limitando-as apenas a ser mãe e a criar os filhos. Laura comparou as mulheres casadas do seringal com a floresta que era apenas explorada, vivia oprimida, aceitava a subordinação do homem que ceifavam até a última gota do látex e permaneciam inerte.

Ela via as mulheres como umas “desgraçadas” que se contentavam com a hostilidade do seringal, o inferno de viver na mata, cheia de insetos e doenças além de animais ferozes que comiam as crianças vivas²⁰. A seringueira aqui mencionada na fala de Laura pode ser entendida não apenas como a árvore que é explorada, mas sobretudo, entendemos que representa a mulher do seringueiro, levada para o mais transgressor ambiente sem qualquer condição de vida digna, sendo submetida a todo e qualquer tipo de exploração, uma vez que era usada apenas para fim de reprodução e muitas delas aceitavam essa condição de vida sem questionar.

Observamos que Laura se posiciona fortemente contra o fato da mulher ser violentada e explorada como a seringueira, coisa que Maibi, como já exploramos no capítulo 02 não

²⁰ Maria, mulher de Chico Bento logo no primeiro mês no seringal assistiu a morte da filha. O impaludismo (malária) levou a filha mais nova. Debilitada por causa da viagem a criança estava anêmica e não resistiu à “violência do mal”. Aproximadamente um ano mais tarde Maria engravidou novamente, dessa vez de um menino. O filho já com oito meses foi carregado de dentro da casa por uma onça, que a devorou. Chico Bento achou a junto a uma tronqueira e a matou a tiros. Do filho sobraram apenas a cabeça e os ossos ensanguentados.

conseguiu fazer, portanto aqui essa mulher mostra algum tipo de empoderamento. O seringal era um ambiente marcado pela opressão masculina e a mulher geralmente aceitava sem questionar.

Era muito comum no seringal a mulher ser usada como objeto de troca, para pagamento de dívida do marido morto e não contestar. Aceitava a sua condição de oprimida como algo natural e inquestionável. Havia ainda aquelas mulheres que eram levadas para lá apenas para satisfazer os desejos sexuais masculinos e aumentar o lucro do patrão. Assim algumas atitudes que a mulher esboçava como o descontentamento era visto apenas como rebeldia sem fundamento, mas logo iria se acostumar com o que era determinado a ela, assim como outras mulheres haviam se acostumado.

Mas naquela época não era comum que as mulheres desobedecem ou se revoltassem contra as ordens do patriarcado, logo as atitudes que algumas mulheres esboçavam não poderia apenas serem vistas como rebeldia, mas como a revolta contra o conformismo e a opressão. O homem já percebia através daquelas atitudes que a mulher não estava mais predisposta a aceitar uma vida domada como outras mulheres aceitavam, mas ele preferia apenas entender essas atitudes como rebeldia de adolescente, como podemos perceber na reação do coronel expressa abaixo:

Calado, apático, Tônico Monteiro estranhou aquela atitude da esposa. E enquanto a contemplava, **achou-a mais bonita, assim zangada**, a cabeleira revolta em ondas negras que oscilavam aos meneios da cabeça. **Esquecendo a ousadia daquela insubmissão, o coronel sentiu orgulho de ser marido de uma mulher nova e bonita**, ele que ultrapassava os cinquenta anos. Não tardou essa vaidade de velho degenerasse em excitação carnal (POTYGUARA, 2007, p. 29)

A insubmissão ali exposta, vista como rebeldia, é a comprovação de uma batalha que vem acontecendo e legitima a marca da história de luta das mulheres pelo direito de escolha, embora tenha sido camuflado na narrativa, pois não foi evidenciado como deveria. O narrador diz que o coronel observava mais os aspectos físicos, a juventude da mulher o que lhe gerava orgulho de homem, mesmo aos cinquenta anos ser marido de uma jovem bonita. De certa maneira, era evidente que o homem não estivesse contente com a sua autoridade ameaçada, e estranhe as reações da mulher diante da situação, mas preferia desconsiderar aquela ação como um gesto insignificativo e investir na busca de legitimar a sua masculinidade através da tentativa de saciar seu apetite sexual, o que para ele seria o mais importante naquele momento. A atitude de Laura ao recusar o marido demonstra que mulher também já tinha um certo domínio sobre o seu corpo. Segundo o narrador ela rejeitou o marido gritando mais enfurecida: “-**Não adianta**

me beijar! Tire-me daqui, senão enlouqueço! Estou farta dessa vida selvagem! Não suporto mais isso! (POTYGUARA, 2007, p.30, grifos nossos).

Essa rejeição entendida pelo marido como um capricho e rebeldia da juventude, na nossa compreensão vem reforçar a força da mulher, que mesmo na juventude já sabia defender e buscar garantir os seus direitos de escolha. Ela não queria aquela vida limitada e sem perspectivas, queria ir além de ser mãe e dona de casa, submissa ao marido.

Presenciamos a força simbólica tratada por Bourdieu (2012), como forma de poder exercida sobre os corpos, sem qualquer coação física, quando Laura recusa ser tomada pelo marido, alegando que estaria a ponto de enlouquecer se continuasse levando aquela vida selvagem. A diferença que essa força simbólica não era a da dominação masculina. O argumento que Laura usou deixou o companheiro sem qualquer reação, o que demonstra que ele não conhecia a força simbólica da mulher que ele casou.

Outra maneira que a personagem vai contra os conceitos criados a partir da visão patriarcal quando determinou que o papel da mulher era dedicar-se à casa e ao marido é confirmada quando Laura não muda a atitude com a maternidade, como era previsto pelo marido. Ele acreditava que Laura após o parto começaria uma nova vida, ficaria alegre com a chegada da filha e mudaria de atitude, mas isso não aconteceu conforme podemos observar na citação a seguir que pode confirmar essa resistência depois que o parto aconteceu:

Dona Laura continuou na mesma: **triste, caprichosa, inconformada de morar naqueles barrancos sem distração**. Isolando-se no chalé passava horas trancada no quarto, com a filha. **A direção da casa ficava à matroca, entregue a duas empregadas**: a cozinheira Joana e uma índia domesticada” (POTYGUARA, 2008, p.29, grifos nossos).

Dentro da concepção patriarcal a personagem deveria além de cuidar da filha, também cuidar dos afazeres domésticos, da administração do lar e ser cuidadosa com o marido. Mas mesmo depois da maternidade Laura não mudou. Ela deixou os cuidados da casa e do marido na responsabilidade de outros, limitando-se apenas em distrair-se com a filha, o que nos induz a dizer que ela não pretendia viver apenas como dona de casa.

Percebemos que a mulher, que sempre foi concebida às margens da sociedade e necessitava da presença masculina para dar legitimidade a ela, começa a reescrever uma nova página de sua história. Mesmo em tempo marcado por grandes contradições econômicas e culturais a mulher já aparecia nas narrativas ficcionais, embora em pequeno número, em busca

de sua liberdade de escolha e a efetivação dessa liberdade, embora que para isso tivesse que “pagar” um preço muito alto.

Podemos notar outro ato de protagonismo da personagem Laura quando ela toma a atitude de morar sozinha, o que podemos entender também como uma marca da emancipação da mulher. Quando está em Belém (PA) ela retoma a alegria e consegue a ajuda dos pais para não retornar ao seringal. Depois de muito tempo sem dar notícias ao marido, escreve para dar a notícia de que já saiu da casa dos pais. Ela tomou essa decisão e só em seguida resolveu comunicar ao marido, o que já tinha feito. O narrador diz que o coronel demonstra sua fúria ao saber da notícia através de uma carta, depois de um ano sem notícia e reage com fúria:

Com um murro sobre a mesa, **o autoritário seringalista** manifestou sua revolta. A notícia **chocou-o mais pela atitude independente da esposa, que tudo resolveu sem consultá-lo**. Sim, porque quanto ao aspecto sexual não fazia falta. Vencida a saudade da primeira semana de ausência o coronel, aos poucos, foi-se deixando enlear pelos olhares, a princípio, e, depois pelos braços macios de Anália, voltando ao chamego de outrora com mais ardor (POTYGUARA, 2007, p. 44, grifos nossos).

Confirmamos com essa citação a luta da mulher em busca de liberdade. Ela conquista a liberdade física quando consegue sair da casa dos pais e vai morar em companhia da irmã solteira, embora não tivesse autonomia financeira, pois ainda continuou sendo sustentada pelo marido, fato que era muito raro naquela época, levando em conta a fama que o coronel tinha de intransigente, incompreensivo e autoritário.

Na reação do coronel, observamos que ele não estava preocupado em perder o amor da esposa, estava mais preocupado em perder a autoridade sobre ela. Essa atitude precisava ser evidenciada, pois entendemos que foi uma atitude de tamanha significação, a mulher deu provas de que ela havia começado a ter domínio sobre si mesma, ou seja, foi assinalado uma marca no desmonte da dominação em que era previsto para a mulher a sexualidade atrelada ao casamento e a reprodução.

Nesta citação percebemos que a iniciativa da personagem feminina foi evidenciada pelo narrador como ato de rebeldia, mas nessa atitude mostra que a mulher já lutava para ser sujeito e dá outros rumos a sua história, ela já havia construído uma identidade e foi demonstrado através da insubmissão ao marido e uma certo domínio, pois apesar de tudo, ele continuou a pagar as suas despesas, mesmo que não estivessem morando juntos.

Ao analisar a personagem Rosinha, percebemos que ela também é um exemplo de mulher de personalidade forte. Não se deixava dominar pela família e nem pelo Noivo. Pensava no

casamento como uma prisão. Ela se considerava uma mulher livre e queria manter essa liberdade a qualquer custo. Desde muito jovem já tinha ideias sobre o casamento e gostava de viver em liberdade, como podemos ler na citação a seguir quando o narrador descreve a mãe de Rosinha lembrando a situação da filha enquanto ainda estavam no Ceará:

Por ser a única, todo o seu carinho foi para ela. Quando seu pai embarcou, Rosinha ficou com **doze anos** e frequentava a escola do povoado. Revelava bastante inteligência e já prometia a ser a beleza que é. **Costurando e vendendo rendas de almofada, dona Chiquinha não poupava esforço a fim de dar a menina alguma instrução.** Moça e bonita, tonou-se vaidosa. Preferida dos rapazes. **Gostava de dançar, brincava com todos, mas, namoro firme, já revelava bastante independência.** Se algum pretendente lhe falasse em casamento, **ela respondia que era cedo para perder a liberdade** (POTYGUARA, 2007, p. 182).

A citação acima mostra não apenas a Rosinha desde muito nova com entendimento sobre a necessidade de garantir a liberdade. Apesar de jovem, podemos perceber que ela já esboçava traçar seu destino. Sabia que a independência e a liberdade eram muito importantes, sobretudo a certeza que essa liberdade seria perdida se ela se casasse. Rosinha, desde doze anos, já era vaidosa. A liberdade dela já era evidente quando o narrador diz que ela “gostava de dançar e brincava com todos”.

Devemos também deixar em evidencia a coragem da mãe da moça em trabalhar para garantir “alguma instrução” à filha. Neste sentido, a família de Rosinha não contribuiu para educá-la totalmente dentro das tradições patriarcais exposta por Bourdieu (2012), que diz que a família é responsável por reproduzir a dominação masculina, assim como a família pode educar as filhas para a libertação, quebrando as barreiras da alienação.

Essa busca de liberdade é mencionada em várias passagens da narração e através da citação abaixo podemos reforçar que Rosinha queria preservar principalmente a liberdade de escolha sentimental, percebível narrador quando diz que a personagem Rosinha não quis atender o pedido de Tomaz e terminar o noivado, porque não queria viver presa a ninguém, por isso ela evitava relacionar-se intimamente com Tomaz.

Continha-se unicamente com o receio de que, possuindo-a uma vez, **Tomaz quisesse conservá-la como exclusivamente sua. Independente como ela é, evitando o casamento como um freio, ela jamais suportaria o monopólio de seu corpo. Casada ou amigada** teria que respeitar o dever de fidelidade. Assim, **continua solteira para assegurar o direito de liberdade** (Potyguara, 2007, p.143, grifos nossos).

A mulher mesmo em condições de isolamento no seringal já enxergava que o casamento ou a vida amigada era comparada a uma prisão e queria evitar, por mais que fosse vista segundo Potyguara (2007, p.148) como uma “quenga sem vergonha”, ela queria viver em liberdade, longe dos domínios masculinos e se recusou a viver oprimida através do casamento. O que mostra que a mulher estava segura de si e sabe que o prazer sexual não depende de casamento. Essa recusa para o homem foi considerada uma ofensa. Podemos perceber quando o narrador diz que Tomaz partiu despeitado e ficou dias sem ver Rosinha.

Essa indecisão não agradou a Tomaz. Sem escrúpulo e **dominado por um sensualismo baixo**, não suportava entraves aos seus desejos. [...] Mas a ausência aguçou o desejo. Por onde andava, onde quer que estivesse, Rosinha estava em seu pensamento. **Não era propriamente paixão: era humilhação**. **Sentia-se diminuído pela atitude, para ele estranha, da primeira mulher que lhe resistisse** (POTYGUARA, 2007, p. 143-144, grifos nossos).

Mesmo sentindo atração por Tomaz, Rosinha se conteve, não cedeu aos galanteios e controlou os seus desejos sexuais para não dar margem para que Tomaz a manipulasse. Isso comprova que ela tinha domínio sobre si. Essa atitude demonstra que ela agia como sujeito e seus atos eram conscientes. A rejeição de Rosinha feriu o orgulho masculino. Assim percebemos que Tomaz não queria casar com Rosinha por paixão, mas sobretudo porque não admitia ser rejeitado. Ser recusado por uma mulher categoricamente era uma humilhação e isso para o homem era uma ofensa à sua masculinidade.

Rosinha demonstra mais uma vez ser uma mulher de atitude e merece destacar o fato de ela mesma tomar a iniciativa e terminar o namoro com Nonato. A personagem Rosinha já tem mudado a visão da sexualidade e prazer feminino. A sexualidade feminina deixa de ser vista apenas como reprodução atrelada ao casamento. Para a personagem casar significava estar presa às regras e normas sociais. A recusa ao casamento e aceitar ser cortejada por outros homens significava a busca de igualdade de direitos relacionados à condição sexual.

Ela tem independência e passa a experimentar outras maneiras de praticar a sua sexualidade. Vale ressaltar que a educação sexual era pautada dentro da concepção falocêntrica. O sexo para a mulher sempre foi um tabu, considerando-o pernicioso e a sexualidade deveria ser reprimida, através do silenciamento, mas para Rosinha a sexualidade e o corpo não poderia ser tutelado pelo homem, deixando para trás o conceito de virtude que era atrelada à castidade.

Outra mulher que mesmo com uma descrição machista do narrador, podemos dizer que pode ser considerada dentro do empoderamento feminino é Anália. Segundo o próprio narrador,

ela tinha domínio sobre o marido. Era uma mulher astuciosa, manipulava não só Tiburtino, mas também o coronel Tônico Monteiro e Tomaz, conforme podemos observar na citação:

Anália, morena forte e bonita – beleza cigana, **de olhos tentadores e carnção sensual** – **Anália exerce completo domínio sobre o marido**, a quem trata como **animal útil à sua incontrolável sexualidade**, sobretudo agora, depois do casamento do Tônico Monteiro, que a relegou a segundo plano. **Suas intimidades clandestinas com o coronel**, quando solteiro, são comentadas em todo o seringal (POTYGUARA, 2007, p. 31, grifos nossos).

A descrição deixa evidente que Anália era uma mulher de muita sensualidade. Chamava atenção não apenas com o olhar, mas também com o corpo, que mais uma vez aparece como o responsável por despertar a cobiça sexual do homem. Percebemos que o narrador usa linguagem carregada de preconceito com relação à mulher no sentido da sexualidade. A mulher precisava ter a sua sexualidade reprimida para não ser mal interpretada. Segundo o narrador, Anália mantinha relação extraconjugal com coronel, fato que era de conhecimento de todos, pois a relação era comentada em todo o seringal, assim inferimos que o marido também soubesse, mas não contestava, e um dos motivos que o narrador expõe é que Tiburtino tirava proveito da situação.

Através da análise da narrativa, comprovamos que Anália não tinha controle apenas sobre o marido, mas também usava a sensualidade e o corpo para satisfazer os desejos sexuais do coronel e depois conseguir o que queria dele, o que pode ser percebido quando ela conseguiu que o coronel não resistisse aos seus apelos e ajudasse com setenta contos de réis, que foi utilizado por Tiburtino para comprar um seringal de pouco mais de trinta estradas.

O coronel não era homem caridoso, pelo contrário, era ganancioso e inescrupuloso, assim podemos dizer que ele foi dominado por Anália. A situação só se reverteu e coronel tratou Anália com desprezo quando descobriu que foi roubado pela família de Anália. Ela usou o corpo para seduzir Tomaz, homem de confiança do coronel. Mantinha relações sexuais com ele para mantê-lo ocupado enquanto Tiburtino retirava grande quantidade de mercadoria do armazém e levava para o seringal que ele comprou com o dinheiro que coronel doou a Anália.

Apesar da personagem ser conduzida pelo narrador por caminhos inusitados e não viver um padrão de vida determinado para a mulher casada, é evidente o empoderamento feminino. Embora este empoderamento estivesse camuflado pelo discurso colonizador, o desenrolar dos fatos encaminham a uma dupla interpretação. O narrador deixa evidente apenas que Anália é mau caráter e tem o total apoio do marido, quando diz que “atrás da casa, deitado sobre uns

caixotes vazios, no alpendre da cozinha, Tiburtino cochila e espera pacientemente” (POTYGUARA, 2007, p.80) a mulher terminar o chamego com o coronel.

Diante do exposto, entendemos que as personagens analisadas reinventaram um ser feminino autônomo, embora reprovado pela sociedade, posto que está fora do que se esperava de uma mulher, que é casar e ter muitos filhos; casar e ser obediente ao marido. Entendemos que essas personagens criaram uma linguagem própria e singular. Estiveram vivendo tanto a sexualidade, quanto a busca da liberdade, mesmo em épocas que era predominantemente patriarcal, regulada pelos conceitos vigentes. Isso comprova que elas desenvolveram uma linguagem que poderia ser evidenciada pelo narrador como de luta e resistência.

Spivak (2010, p. 56) diz que “os oprimidos podem saber e falar por si mesmos”, mas para isso é necessário que seja dada visibilidade a essa voz para que ela possa ser ouvida. Em concordância com as ideias de Spivak (2010), Butler (2016) afirma que a linguagem é fundamental para promover visibilidade e legitimidade às mulheres como sujeitos políticos e a tentativa da representação de uma linguagem revelaria ou distorceria o que é posto em relação às mulheres. Neste sentido, desenvolver uma linguagem que represente a mulher não poderia ser pensada a partir de uma concepção dominante, pois assim as mulheres não poderiam ser vistas como sujeitos ativos, uma vez que o narrador não desenvolveu uma linguagem capaz de representá-las, visto que não pode assumir o lugar da fala, nem tampouco tornar-se transparente.

3.2 A autonomia feminina ofuscada pelo discurso patriarcal

*A noite não adormece nos olhos das mulheres
Em memória de Beatriz Nascimento*

*A noite não adormece
nos olhos das mulheres
a lua fêmea, semelhante nossa,
em vigília atenta vigia
a nossa memória.*

[...]

*A noite não adormecerá
jamais nos olhos das fêmeas
pois do nosso sangue-mulher
de nosso líquido lembradiço
em cada gota que jorra
um fio invisível e tônico
pacientemente cose a rede.
(Conceição Evaristo)*

A obra *Terra Caída* traz elementos significativos para discutir a problemática que corrobora com a alienação e ignorância da mulher, mas também há elementos que passam despercebidos ao leitor ou leitora desatentos. São sutilezas que mostraram a nosso ver o empoderamento feminino, mas que ficaram ofuscados pela maneira como o narrador as descrevem, intencionando nos conduzir a um juízo de valor, cujos alicerces estão centrados na visão patriarcal que o narrador usa para descaracterizar algumas personagens femininas.

Nas narrativas ficcionais canônicas sempre foi atribuído o papel de protagonista a personagem masculino, branco, colonizador europeu, abastado economicamente, refletindo as concepções patriarcais da sociedade ocidental de forma geral. Estes cânones arquitetam suas narrativas pautadas no protagonismo masculino, sempre o guardião da família, também da moral e dos bons costumes. A mulher era relegada ao papel de filha prendada, educada através das cartilhas que as instruíam a se tornarem esposa dedicada e acima de tudo sadia para arrumar bom casamento e gerar filhos. As mães eram dedicadas à criação dos filhos, cuidadosas e obedientes ao marido, além de lavadeiras, ajudantes e cozinheiras.

No prefácio da obra *Terra Caída*, foi dito que “talvez nenhum outro personagem deste livro retrate de forma tão completa a saga vivida por tantas almas como o seringueiro Chico Bento (POTYGUARA, 2007, p. 8). Na interpretação do prefaciador, o personagem encarnava a força, a fé inquebrantável e a coragem de sertanejo na superação dos infortúnios que a natureza soberana lhe teimava a influir. Esse papel principal no romance é destinado ao homem, seringueiro, pelo fato de durante a narrativa ele não aceitar a opressão imposta pelo coronel sem questionar e consegue êxito em suas negociações. Fica reservado à mulher o papel de dona de casa, sempre ignorada, menosprezada, além da prostituta, e as mulheres anônimas que eram mencionadas apenas como mulher de seringueiro.

Ressaltamos que a nosso ver, longe da interpretação canônica e, portanto, hegemônica, nessa obra analisamos que Anália, Laura, Rosinha e dona Chiquinha deveriam ser evidenciadas como a representação do protagonismo da mulher na obra ficcional. Confirmamos através de uma releitura que essas personagens ficcionais lutaram contra o que Bourdieu (2012) denominou dominação masculina, conforme discutimos no item anterior. Mas o discurso do narrador não deu evidência a esses feitos como atos de coragem, suprimiu essas mulheres de maneira que fandassem a narrativa oprimidas e resignadas como veremos adiante.

Presente em todos os segmentos sociais, a dominação masculina se apresenta muitas vezes de maneira camuflada e distorce a realidade, transformando a mulher em submissa e oprimida. Advertimos a importância de dar visibilidade ao protagonismo dessas personagens,

pois suas bravuras são peças fundamentais para o desmonte dessa cultura milenar, retoricamente mais forte e evidente, principalmente nas classes sociais menos favorecidas e sem instrução.

Partindo do princípio de que somos frutos do processo de colonização, é comprovado através da história que a mulher já vem marginalizada ao longo do tempo e essa marginalização se perpetua na atualidade. Ao falarmos de ficção como uma possível descrição da realidade, precisamos questionar o narrador e olhar de maneira crítica como este vem apresentando as personagens, de modo a descentralizar e descolonizar o olhar. Quando tratamos de identidade, emerge a necessidade de fazer surgir o sujeito feminino, antes excluído a vista das desigualdades e a partir daí, haverá possibilidade de criar novas identidades, levando em conta as questões políticas e sociais.

A dominação masculina se estabeleceu ao longo história da humanidade e se vincula à contemporaneidade. Ela atua de acordo com os interesses dominantes, os quais foram os maiores responsáveis por esta construção, que de acordo com Bourdieu (2012), são as figuras masculinas que impetram suas regras que submetem a mulher, dentro da visão androcêntrica, a incapacidade de conquistar qualquer autonomia, pois “a força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem legitimá-la” (BOURDIEU, 2012, p. 18).

Mesmo com toda a força imposta pela dominação masculina e as influências econômicas, Rosinha, Anália e Elza quebraram o paradigma do papel da mulher ideal, ratificado de acordo com as convicções dominantes. Cada uma a sua maneira lutou contra a subordinação patriarcal, que pregava que a mulher tinha que ser educada para ser boa dona de casa, mãe e esposa dedicada.

Estas personagens, ao lado de dona Chiquinha, mãe de Rosinha, após a morte do marido, em boa parte da narrativa esboçaram a insatisfação com a vida a partir das recusas que fizeram contra o casamento arranjado, no caso de Rosinha e a insubordinação de Laura com relação ao marido e vai morar apenas na companhia da irmã mais nova e solteira.

A atitude de Laura poderia ser demonstrada pelo narrador de maneira que pudesse dar visibilidade a ela, uma vez que no século XIX as mulheres ainda viviam presas às tradições culturais de dominação. A nosso ver, a personagem quebrou o paradigma de dominação. Embora usando a sedução, conseguiu impor a sua vontade, mas o narrador limitou a deixa-la fora da narrativa, manifestando-se apenas no final do romance, expressando a sua paixão por Paulino e acaba sendo exposta como adúltera. O narrador anula todo o protagonismo inicial de Laura

quando a deixa no anonimato e a espera do suposto amante como se estivesse sido presa e dependente.

No início da narrativa Rosinha é apresentada como noiva, mas com o transcorrer dos fatos, a personagem pouco a pouco vai se desvinculando do casamento. A princípio o escritor usa o pretexto de “aprender a costurar” para encaixar Rosinha dentro dos parâmetros de moça prendada, mas não consegue que ela fique limitada somente à casa. O narrador diz que ela foi corrompida por ter contato com outras pessoas, diversos tipos de “homens (caixeiros, comboieiros, seringueiros) dificilmente moça nova e bonita se conserva inatingível aos galanteios que, se não afetam a virtude, despertam a vaidade” (POTYGUARA, 2007, p. 49).

Percebemos que o contato com outra variedade de pessoas diferentes das que estava acostumada no isolamento da selva, participar de outra realidade faz a personagem ganhar consciência de si mesma e do mundo que a cerca. Essas experiências vão mudando a maneira da personagem Rosinha ver o mundo e se perceber nele, e a experiência com aquelas pessoas, segundo o narrador levava a personagem enxergar no noivo qualidades que ela não apreciava mais como por exemplo ele ser “bronco, desenxabido e ignorante” (POTYGUARA, 2007). Isso faz com que Rosinha trate Nonato com indiferença e dia após dia vai se confirmando o seu novo posicionamento em relação ao casamento.

Poderia não ser apenas o contato com outros homens que fez com que Rosinha mudasse de ideia de não querer casar, mas o seu próprio amadurecimento e discernimento com relação a si mesma. Por ela querer aproveitar mais a liberdade, visto que se considerava com vinte anos muito nova para casar e sobretudo por ver o casamento como forma de prisão.

Assim como o protagonismo de mãe e filha quando o seringueiro Policárpio, marido de dona Chiquinha e pai de Rosinha morre e deixa pouco saldo, as duas precisavam garantir a própria sobrevivência. Podemos perceber quando o narrador diz:

Nos primeiros meses, com saldo no barracão, dona Chiquinha e Rosinha não passaram necessidade. Mas o saldo de Policárpio não era grande. Por isso para ajudar nas despesas, mãe e filha resolveram costurar, utilizando velha máquina que trouxeram do Ceará [...]. Além disso, caça e a pesca constituem recurso infalível nos dias de escassez. **Forçada pela necessidade, dona Chiquinha já atirava de espingarda e sabia colocar um espinhel como qualquer bom mariscador** (POTYGUARA, 2007, p. 93, grifos nossos).

Na citação acima, podemos perceber a valentia de dona Chiquinha ao aprender a “atirar de espingarda e colocar espinhel como qualquer bom mariscador”. A mulher buscava lutar pela sobrevivência para não ter que ficar vivendo de favores e de caridade dos compadres. Mas ao

invés do narrador enobrecer essa atitude de mulher lutadora, ele faz uma crítica sobre a mulher que passou a desempenhar o papel que era destinado ao homem. Bourdieu (2012) trata sobre a hierarquia sexual, marcado pela a divisão do trabalho, “como máquina simbólica, ” que alicerça a questão da dominação masculina, “distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos” (BOURDIEU, 2012, p. 18). Tratando dessa divisão o autor endossa essa afirmação ao definir o que é reservado para cada um como está reservado ao homem o lugar de assembleia ou mercado e a casa é reservada às mulheres.

Neste sentido, para o homem naquela época, ter uma mulher que desenvolvesse uma atividade, principalmente a que era mais desenvolvida pelo homem e tão bem quanto ele era desconcertante, visto que a tradição patriarcal queria manter a mulher aprisionada. Assim, considerando que dona Chiquinha estava desenvolvendo os trabalhos destinados ao homem, o narrador trata de anulá-la impondo a ela a cegueira física e assim retiraria a sua autonomia, como podemos perceber através da citação a seguir:

Em uma tarde, voltando de **uma caçada infrutífera**, a velha viu dois inambus juntinhas num galho de mulateiro. A arma, uma antiga espingarda de carregar pela boca, não inspirava confiança. Mas dona Chiquinha não havia de perder embiara tão saborosa. **Querendo abater as duas de um tiro, socou pólvora e chumbo quanto coube**. Fez pontaria e apertou o gatilho. Não resistindo a sobrecarga, o cano abriu-se e toda pólvora deflagrou nas mãos e no rosto da infeliz senhora. Aos gritos foi acudida pela filha, que a levou para casa. Quando, dias depois, retirou as ataduras, **estava completamente cega** (POTYGUARA, 2007, p. 93).

Percebemos assim, que o narrador retirou a autonomia de dona Chiquinha ao retirar-lhe a visão e ainda a culpa pelo ocorrido. Ela não levou em conta que a espingarda estava tão velha e não aguentaria a sobrecarga, ou seja, ela reabasteceu a espingarda exageradamente, como se um homem não poderia ter cometido o erro. Essa perda supostamente não só afastaria e a impossibilitaria desenvolver atividades consideradas masculinas, mas também a tornaria dependente e seria obrigada a aceitar o amparo oferecido pelos pais do noivo de Rosinha, Zé Rufino e a mulher.

Mas aparece o protagonismo de Rosinha que se opôs dizendo que achava incômodo e humilhante sair de sua casa e morar na casa alheia. O narrador tenta persuadir o leitor para que este acredite que as intenções de Rosinha era evitar a fiscalização permanente do noivo. Além da suposta submissão de dona Chiquinha imposta pelo narrador, ele ainda a coloca como reprodutora do patriarcado quando aconselha a filha casar com Nonato por ser um homem bom e atencioso e poderá manter o sustento das duas.

Essa mesma mulher que foi mostrada pelo narrador como a responsável por trabalhar arduamente para manter a filha na escola e contribuir com a construção da sua autonomia, agora é colocada pelo narrador como a reprodutora da visão patriarcal, que apresenta o casamento como garantia de proteção e sustento da mulher.

O narrador mostra agora uma mulher fragilizada e dependente e para demonstrar ainda maior essa “dependência” a faz reproduzir e fortalecer a visão patriarcal. Segundo Bourdieu (2012) a família era uma das entidades responsável de endossar as formas de dominação masculina além do estado e da religião, sobre as quais Bourdieu (2012) afirma:

É, sem dúvida, a família que cabe o papel principal na reprodução da dominação e da visão masculina; é na família que se impõe a experiência precoce da divisão sexual do trabalho e da representação legítima dessa divisão, garantida pelo direito e inscrita na linguagem. Quanto à Igreja, marcada pelo antifeminismo profundo de um clero pronto a condenar todas as faltas femininas à decência, sobretudo em matéria de trajes, e a reproduzir, do alto de sua sabedoria, uma visão pessimista das mulheres e da feminilidade, ela inculca (ou inculcava) explicitamente uma moral familiarista, completamente dominada pelos valores patriarcais e principalmente pelo dogma da inata inferioridade das mulheres. (BOURDIEU, 2012, p. 103).

O narrador se utiliza da mãe de Rosinha para impor esta teoria da supremacia masculina, uma vez silenciada pelo discurso machismo do narrador. Para tentar efetivar essa dominação, ele volta a questão do casamento imposta à Rosinha desde o início da narrativa, agora retomada com a “invalidez” da mãe, e com a dedicação do noivo, Rosinha está sendo forçada a casar como forma de agradecimento, sem levar em conta os sentimentos da jovem e quem tenta legitimar essa dominação aqui descrita é a família, o que podemos observar nas falas de dona Chiquinha e Rosinha:

-Não seja ingrata minha filha! Nonato vale por todos esses sendeiros descarados que vivem aqui te adulando, mas não querem se casar. Não encontras marido melhor. Porque não marcas logo esse casamento?
 - Tem tempo. **Sou muito nova pra me amarrar!**
 - Por isso mesmo. Aproveita agora. Depois de velha, ninguém te quer. Além disso não tens pai. E eu, velha e cega, **nada mais posso fazer por ti.** (POTYGUARA, 2017, p. 94).

Rosinha mantém o seu posicionamento com relação ao casamento. Ela quer estar livre para assim poder desfrutar da liberdade na juventude, fugindo dos padrões impostos pela sociedade, principalmente com relação ao sexo. E mais uma vez o narrador demonstra através da fala da citação, que a mulher era vista como uma incapaz e precisava de um homem para gerir

seu sustento. Mas Rosinha não se deixou convencer e se valeu de uma mentira para desmanchar o noivado com Nonato dizendo:

“ -Eu não queria dizer. Mas cê insiste? Quer mesmo saber tudo? Pois bem: não posso casar com você, Nonato, e acho que nem você há de querer mais. E'tou de barriga²¹ entendeu?...” (POTYGUARA, 2007, p.147).

Com esta confissão, Rosinha não desfaz só o noivado como também desperta a fúria de Nonato, que a trata com grande violência. Mesmo assim, Rosinha não se intimida e não se deixa abater. Ela está obstinada a ser livre. Essa obstinação de ter liberdade e também viver a sua sexualidade, o que era proibido para as mulheres.

Ir contra as regras sociais por si já se torna um ato de coragem, que não pode passar despercebido. Não foi dada importância merecida a essa ousadia de Rosinha. Vimos que o discurso que colocou ela como audaciosa, lhe retirou o brio lhe colocando em uma condição de prostituta. Ousamos dizer que o narrador ao impor-lhe essa condição quis mostrar a fragilidade e a falta de competência da mulher em administrar e gerir uma casa. Ela supostamente sem capacidade de desenvolver uma atividade no seringal que gerasse renda e com a invalidez da mãe, apelou para o uso do corpo como forma de garantir a sobrevivência naquele ambiente sem nenhuma perspectiva de vida digna para a mulher, principalmente sozinha.

Entendemos que era uma maneira do narrador comprovar o que já havia dito através da dona Chiquinha ao alegar que Rosinha não tinha mais pai e a mãe havia se tornado uma inválida, assim não tinham mais o que fazer para se sustentar e proteger a filha, a saída era o casamento. A prostituição seria um meio de comprovar que a mulher, de qualquer maneira iria “precisar” de um homem para lhe sustentar, que na nossa compreensão isso reforça ainda mais a nossa ideia do ofuscamento a autonomia da mulher, como podemos entender na citação abaixo:

-Por sinceridade, para não enganar o noivo, desmanchei o noivado. Hoje, por necessidade, para não passar fome, sou mulher de muitos... de qualquer um... de moços ou velhos... Nem tenho direito de escolher! Sei que o seringal inteiro fala de mim. Não me importa. É melhor ser do jeito que sou do que ser casada e proceder que nem a Anália do Tibertino. Dela falam por trás. De mim, dizem o diabo, abertamente. Falam. Mas ninguém se lembra que eu preciso sustentar a minha mãe cega e que, se me entrego por necessidade, não amo por interesse (POTYGUARA, 2007, p. 177).

²¹ Expressão utilizada pela personagem para anunciar a gravidez ao noivo. Foi a desculpa que ela se utilizou para desmanchar o noivado, pois sabia que Nonato não ia aceitar que ela já tivesse mantido relações sexuais com outro homem e a gravidez seria a prova.

Percebemos que mesmo precisando usar o corpo para sobreviver há uma diferença que a personagem faz com relação a condição que lhe atribuíram de prostituta. Ela se entrega a uns por necessidade, mas nunca recebe pagamento em dinheiro, ela aceita esses provimentos como presente, não aceita como pagamento, como podemos exemplificar no trecho da narrativa que diz:

Rosinha também recebeu seus presentes. Muito grata, elogiou a padronagem do corte de chita e foi logo abrindo a lata de talco. Mais tarde porém, já no quarto, quando **Paulino quis lhe dar uma cédula de duzentos mil-réis, ela recusou**, exclamando com certa mágoa:

- Ah! Isso não!

-É pras despesas de casa! _ Insiste Paulino.

Num gesto de meiguice, ela aconchega-se no peito e ameaça, sorrindo:

- Se insistir, deixo você só e vou dormir com a mamãe!

- Então diga, ao menos porque não aceita!

Deixando de sorrir ela fita o rapaz e responde, em voz firme:

- **Fui noiva e acabei o noivado pra ser livre. Mas não amo por interesse: amo porque gosto! Amor não se vende!** (POTYGUARA, 2007, p. 173)

Neste exemplo podemos entender que a personagem apresenta discernimento com relação às escolhas que fez. Há homens com quem ela se relaciona porque necessita de sustento material, como por exemplo, Zé Rufino, pai de Nonato, que mantém o sustento dela e da mãe. Mas há outros que ela se relaciona por querer usar o corpo e a sexualidade para o seu próprio prazer e não por interesse financeiro. Essa diferença pode ser entendida quando o narrador diz que ela “se entrega por necessidade, mas não ama por interesse.

No decorrer da narrativa, aparece nítida a diferença que Rosinha faz entre os homens que ela se relaciona por gostar do prazer proporcionado por essa relação e os que ela não escolhe, dependendo da necessidade material. Essa separação é definida nas citações acima analisadas, podemos inferir que a personagem sabia muito bem fazer essa diferença quando se recusa a aceitar o dinheiro oferecido por Paulinho e diz: “-Fui noiva e acabei o noivado pra ser livre. Mas não amo por interesse: amo porque gosto! Amor não se vende!” (POTYGUARA, 2007, p. 173).

Outra maneira de ofuscar a autonomia de Rosinha é quando a escolha de não casar, de não ter “dono” começa a ficar ameaçada quando o narrador diz ela sentiu algo diferente por Paulino, mas logo refletiu que escolhera ser livre, mas ela é traída pelo sentimento, e ao experimentar uma noite de amor com Paulinho, diferente de todos os homens que já teve intimidade, inclusive Tomaz. A partir da experiência com Paulinho começa a pensar na possibilidade do casamento não como prisão, como podemos perceber através da citação abaixo:

Sentindo a diferença, ela indaga a si mesma se concordaria em casar com Paulinho. Logo, seu temperamento independente reage à ideia: “casar?... **Se queria ser escrava,**

pra que desmanchou o noivado?”. É verdade que o bronco do Nonato nem se pode comparar a este que ali está, dormindo a seu lado. Conhecendo carinhos colhidos apenas na convivência com seringueiros rústicos, para ela Paulinho foi uma revelação, com seus modos delicados, sua educação, sua conversa diferente. **Assim, começa a admitir o casamento não como um freio, mas como felicidade.** Por que isso, agora, não sabe. Mas sabe que sente por Paulinho o que nunca sentiu por Nonato e nem por ninguém. **Um desejo de total submissão, amargurado pela tristeza de não o haver conhecido antes** (POTYGUARA, 2007, p. 175, grifos nossos).

Para que esta ocultação seja ainda vai reforçada, o narrador a transforma em uma mulher presa pelo amor. Ela expressa a “amargura” por ter se entregado a outro homem antes de Paulino. Neste sentido, o narrador reforça a visão patriarcal quando evidencia que Rosinha toma consciência da necessidade de mante-se virgem, intocada até o casamento. Ela lamenta não ter esperado mais um pouco encontrar a pessoa “certa”.

Quem um dia foi tão livre e independente não foi suficientemente capaz de administrar a independência e passar a ser oprimida e resignada não quer mais usar a sexualidade nem para garantir seu sustento nem para o próprio prazer, conforme fica exposto na narrativa quando ela recusa cem mil-réis que o Coronel mandou a ela na tentativa de comprar uma noite de prazer. Ela recusa veemente, não apenas por não querer ser prostituta, mas também por segundo o narrador, ter conhecido o amor e está submissa a ele, embora esse amor não seja possível. A citação a seguir mostra a recusa:

Rosinha segurou a cédula com um sorriso de ironia. **Lembrou-se de suas dificuldades – necessitava até de roupa –, da pobreza em que vivem ela e a mãe,** mas lembrou-se da maldade do coronel, mandando Paulinho ir embora!

Restituiu o dinheiro com essa resposta:

_ Toma moleque. Entrega ao coronel. Diga a ele que chegou tarde, porque a Rosinha de todo mundo, a Rosinha de qualquer um, **resolveu tomar vergonha e não ser de mais ninguém** (POTYGUARA, 2007, p.254-255).

Antes a prostituição para Rosinha era vista como uma necessidade que não apresentava vergonha nenhuma assim como não havia erro em querer viver a liberdade e a sexualidade. O narrador usa esse percurso de Rosinha para evidenciar que a mulher pode querer ser livre, mas não consegue sustentar esses ideais de liberdade porque o sentimento a deixou fraca.

Outra maneira que o narrador usa para sufocar a voz feminina e a transforma em uma pessoa caridosa, benevolente quando Rosinha recusa a oportunidade que Chico Bento a oferece junto com a mãe para serem levadas de volta ao Ceará. Ela escolhe cuidar da mãe e do Coronel doente, como “castigo”. Escolheu ser livre, mas foi traída pelo sentimento, que a deixou presa.

Isso demonstra que a mulher apesar de querer, na visão do narrador, ser livre, não foi forte o suficiente para assegurar-lhe essa liberdade.

A ocultação das diversas investidas das personagens serem autônomas foram expressas pelo narrador, em detrimento aos padrões que atropelam a mulher na sociedade, se talvez ela tivesse se casado, a “desgraça” não seria tanta. Ela estaria seguindo um percurso retilíneo das narrativas canônicas, que sempre obedientes encontram a felicidade e se contentam apenas com a obediência e a servidão.

Essas nuances que o narrador deixa evidente nos faz ir em busca de outras maneiras de repensar as interpretações colonialistas, que camuflaram a mulher de diversas maneiras e não possibilitaram desconstruções, apenas reforçaram a ideia estereotipada e a culpabilização da mulher por todos os tipos de violência que impetraram contra ela.

Reforçou ainda a negação aos seus direitos, mesmo estando evidente a insubordinação da mulher, o que podemos exemplificar através Elza que desobedeceu as ordens do coronel e passou a morar, em companhia da irmã solteira, conforme foi exposto anteriormente.

A luta das mulheres por espaço na sociedade vem de muito tempo, mas como não tinha direito a fala, não podia ser ouvida, e mesmo estando evidente, o narrador cuida logo de silenciá-las, exemplo claro e disponível da “violência epistêmica” (SPIVAK), o que faz da representação do narrador, desconcertante e deturpa a visibilidade que era de merecimento da mulher.

Em nenhum momento, o narrador mostrou as personagens Rosinha e dona Elza, que conduziram as suas histórias fora dos padrões sociais que alicerçaram a dominação. Ou seja, as personagens não foram mostradas fora da divisão do trabalho, do espaço da casa, da gestação e amamentação ou do casamento como as escolhas que fizeram, que foram de encontro à tradição patriarcal.

Diante do exposto na discussão, percebemos a importância de valorizar outras vozes que surgiram para fomentar outras interpretações distintas das que fizeram das narrativas que tratam da Amazônia. Os discursos de poder, com carga hegemônica acentuada se confrontam com essas vozes que surgiram e urgem ser evidenciadas, a voz da mulher, e hoje pode se juntar a outras vozes que foram silenciadas ao longo dos tempos, como por exemplo dos quilombolas, dos povos indígenas que também contribuíram para a construção do que é a Amazônia.

CONCLUSÃO

Ao longo dessa pesquisa de mestrado, desenvolvida na Universidade do Estado do Amazonas, demonstramos que a Amazônia construída sob o discurso europeu, visualizada pelo biologismo, pelas vantagens exuberantes da fauna e flora, também pela ilusão e sonho fantasioso de enriquecimento, é uma visão usada apenas para camuflar a Amazônia construída aquém de muitas vidas que foram ceifadas pela natureza, revoltada com as ações desumanas dos homens e nas disputas de poder. Através da leitura das obras, temos acesso a uma reinterpretação do que fizeram da Amazônia e as variedades humanas que compuseram esse cenário, que foi evidenciado ao Brasil e ao mundo sem levar em conta os aspectos econômicos que transformaram pessoas em coisas, prontas para serem usadas em negociações hediondas.

O paraíso tão sonhado vira inferno quando o homem sonhador e aventureiro se depara com lutas pelo poder econômico e de sexo, juntamente com a ganância, a fome, as pestes e as doenças que ceifaram a vida de milhares de pessoas, que devido à hostilidade do ambiente e a precariedade de vida não conseguem sequer o direito a um funeral digno. São tratados como animais, enterrados com espaço suficiente para não terem seus cadáveres devorados por outros animais.

As relações de poder que permearam aquele ambiente foram esmagadoras e só levavam em conta as questões que davam vantagens e lucros aos patrões e empobreciam ainda mais os seringueiros. Homens de todas as idades experimentam a aridez do seringal e, diante de tamanho desencanto, lamentaram a própria sorte, crendo que o paraíso nada mais era do que suas terras deixadas para trás onde eles viviam, plantando e colhendo para a sua subsistência, o suficiente para o provimento da família.

“Maibi” foi escrita por um narrador-viajante, onisciente e onipresente, e traz em seu discurso uma carga hegemônica muito forte. Denuncia a destruição da floresta, mas reproduz o machismo e o preconceito de gênero. Existiam a nosso ver, outras possibilidades de mostrar através de sua escrita, a importância de chamar atenção do mundo para a degradação do meio ambiente, da exploração da mata e também denunciar a escravidão branca que estava crescendo cada dia mais na Amazônia. Mas, para isso, não necessariamente teria que ser usada a mulher, assim dizer a única que apareceu na narrativa. Maibi aparece sem voz, passa pela narrativa “muda” e desaparece calada. Supomos que o narrador faz esse martírio de Maibi, reproduzindo a crueldade do homem de maneira a deixar explícito a demonstração de ódio pela mulher, por

ela querer ocupar um espaço que era destinado ao homem. Queria demonstrar que aquele lugar não era para ela, pois não desempenhava nem o papel de mãe, apenas servia como objeto de prazer masculino de apenas um homem.

Maibi é uma alegoria, não apenas das mulheres na mesma condição, mas também a Amazônia degradada, violada, desrespeitada em sua condição de “ser”. Ela alegoriza todas as formas de violência praticadas contra a mulher. A violação de seu corpo demonstra tamanha e cruel falta de respeito com a figura da mulher, aniquilada pela mão do homem como um objeto de posse. A mutilação do corpo da mulher, a vida ceifada, bem como a violência da Amazônia explorada. Percebemos que a mulher, mesmo depois do crime hediondo praticado contra ela não teve nenhuma importância, dentro das concepções hegemônicas.

Quando o narrador tenta representar a mulher, principalmente Maibi, a representação surge de maneira castradora, visto que a representação não serviu para exemplificar a violência física e simbólica que a mulher sofria no seringal, camuflada pelo discurso de exploração da floresta. Quando o narrador deu enfoque a seu martírio, não apenas como a vingança do marido enciumado, enfocou também a ambição coletiva de milhares de almas endoidecidas na cobiça da seringueira.

Tanto no discurso histórico quanto no ficcional, a mulher é insistentemente despersonificada. As impressões deixadas pela caracterização do narrador mostram que todas as personagens femininas foram caracterizadas a partir da visão masculina, pois trazem nos discursos as marcas patriarcais, e o narrador não deu conta de evidenciar a voz dessas personagens, visto que o seu ponto de vista apenas norteou uma representação, mas não a faz representar, uma vez que o local que evocou a fala não foi o mesmo.

Na leitura da obra *Terra Caída*, percebemos que o discurso do narrador é heterogêneo. Ao refletir sobre a pluralidade do discurso que ora traz uma carga muito acentuada do machismo e do preconceito contra a mulher, ora deixa em seu discurso nuances que abrem um leque de interpretação a respeito das mulheres que, de alguma maneira, deixaram a sua marca na luta e conquista por um espaço, assim como a resistência contra as leis do patriarcado, muito carregada de força que podava os direitos da mulher, principalmente quando era tratado das questões da sexualidade atrelada unicamente ao casamento e à reprodução.

Ao longo da pesquisa, sentimos dificuldade de compreender o discurso do narrador. Inicialmente, tece críticas a respeito do padrão ideal de mulher, colocando as personagens dentro do ideal e outras fora das normas e regras sociais. Ao mesmo tempo que ele dá espaço para percebermos a autonomia da mulher através de atitudes que deram visibilidade a elas naquele

ambiente carregado de forças, mais adiante retira essa autonomia. O narrador usou pretextos que foram de alguma maneira importantes para dar visibilidade à mulher, mas quando ela estava conquistando seu espaço na sociedade, de maneira sutil, ele encaixou essa mulher empoderada dentro das normas preestabelecidas para elas, que eram bem diferentes das estabelecidas para o homem.

Como exemplo do que expomos, trazemos Anália, retratada pelo narrador como moeda de troca, usada para o marido garantir vantagens com o patrão, assim como Maibi foi entregue para pagamento de dívida. A diferença entre Maibi e Anália é que a segunda personagem supostamente aceita essa troca, pois ela se beneficia disso, e Maibi supostamente não tinha escolha de não aceitar a condição de oprimida. Neste sentido, entendemos que não só Anália e Maibi, Tiburtino e Sabino também fizeram parte da opressão do sistema capitalista e desigual do seringal. O sistema capitalista não é cruel apenas com as mulheres, os homens também foram esmagados por ele. A mulher, mesmo com o declínio da borracha, continuava com o seu valor no mercado de consumo, apenas para fins sexuais e reprodutivos, e os homens, com a hostilidade do seringal, o isolamento os transformavam em feras indomáveis que disputavam a mulher com se caça uma presa, tornando-os famigerados, não apenas pela escassez de alimento mas também de sexo.

Anália, quando comparada a dona Laura e Rosinha, tem como ponto marcante entre elas, as características físicas e a sexualidade de ambas é evidenciada. Laura nesse caso, através das descrições físicas se encaixa nos padrões sociais estabelecidos para a mulher. Analisando Anália, a partir de uma visão redefinida, notamos que ela era usada para dar legitimidade ao marido nos negócios; mesmo assim, podemos dizer que Anália era uma mulher empoderada, embora fosse interpretada a partir da descrição do narrador, como mercadoria. Ela conseguiu manobrar o coronel ao ser amante dele, ter encontros com Tomaz e ainda ser aceita pelo marido. Apesar de no final da narrativa Anália ser expulsa pelo coronel do seringal, e ela não conseguir o seu perdão, no entanto não saiu perdendo, pois já era dona de um seringal, por menor que fosse, mas estaria em um teto próprio, “um teto todo seu”. Neste sentido, que mulher seria capaz de manter três homens em seus domínios, se não uma que detinha o segredo do sucesso.

Laura, no início, teve um casamento apenas para garantir o futuro, mas não foi refém dele. Logo depois já começou a demonstrar ousadia, apesar de não ter sido dado o destaque merecido a todas as atitudes dela ao ir em busca de sua liberdade. Laura foi contra a vontade do coronel, homem mais temido do seringal, conseguiu morar sozinha e continuar sendo sustentada

por ele. Ela passou a desfrutar de todas as regalias proporcionadas pela vida na cidade e ele permaneceu trabalhando para manter seus luxos.

Rosinha, desde o início da narrativa, era ciente de sua atuação como mulher na conquista da independência e do direito de escolha, principalmente do uso da sexualidade para o seu próprio prazer. Ela quebrou o paradigma da sexualidade sempre mostrada vinculada ao casamento e à reprodução. Mesmo sendo pressionada, não cedeu às imposições da família e decidiu não se casar para não perder a liberdade.

Laura e Rosinha lutaram contra as ordens do patriarcado e mudaram o rumo de suas trajetórias. São exemplos de que independentemente do lugar onde estavam, precisavam estar convictas da sua capacidade de resistência aos preceitos vigentes na época, principalmente quando se tratava do sexo como um tabu, da virgindade como pureza.

Embora mais adiante o narrador camufle esse protagonismo, colocando-as presas pelas regras do patriarcado quando Rosinha foi traída pelo coração ao se envolver com Paulinho e criou um sentimento diferente por ele. O casamento que era visto por ela como uma prisão passa a ser sonhado como o encontro da felicidade e a vontade de liberdade é trocado pela possibilidade de se render ao amor e torná-la submissa a ele, embora tivesse impossibilitada pela condição social muito distinta dos dois e o fato de sua escolha pela prostituição.

Dona Chiquinha, desde o início do enredo já tinha autonomia de trabalhar para garantir o estudo da filha. Depois da morte do marido permaneceu dona de uma bravura, diferente de todas as mulheres do seringal, passou a desenvolver atividades masculinas que garantiam o seu sustento e da filha. Mas para que ela não tivesse a mesma atuação do homem, não executasse tão bem os trabalhos que eram desenvolvidos apenas pelo homem, o narrador incumbiu-se de retirar essa autonomia tornando-a “inválida” com a perda da visão. Mas antes de sua invalidez, ela foi uma mulher protagonista de seu tempo. Poderia ter sido mostrada fora do discurso hegemônico, mas é mais um exemplo de ser vítima daquela realidade irremediável.

A dominação masculina teve seu espaço garantido na narrativa. Todas as nuances que o narrador deixou, por algum tempo, dar autonomia à mulher, evidenciando o seu empoderamento, foi desconstruído no final da narrativa, quando ele coloca que o homem, pelo fato de se achar dono do espaço físico, o seringal, também se achava dono da mulher e sentiu-se no direito de decidir o seu futuro, sem levar em conta a necessidade humana e suas paixões, seus sentimentos. A mulher objeto de transição em sua relação conjugal e amorosa, transita entre as incertezas da vida e um futuro mais duvidoso que o natural, naquele ambiente inóspito.

A representação que o narrador fez das personagens ficcionais Rosinha, dona Elza e dona Maroca a princípio nos criou expectativas de essas mulheres serem consideradas protagonistas pois constituíram-se como sujeito feminino através de sua performance na sociedade, precisamente no seringal, mesmo em tempos de segregação e confinamento em um espaço que não as favoreciam o crescimento. Apenas aparecia a figura masculina, detentora do poder e da ordem e elas eram vistas apenas como donas de uma sensualidade que despertava a cobiça entre os homens. Por um momento cremos que elas falariam, mas o narrador não criou um espaço para que essas vozes ecoassem e fossem ouvidas.

Ao representar a mulher, o narrador criou-nos uma expectativa de ir além da análise que aqui se interrompe, uma vez que é necessário uma releitura crítica desse discurso, que ora enaltece, ora camufla a mulher. Tal representação nos possibilitou de modo efetivo romper com as interpretações hegemônicas, que só rotulam a mulher e a estigmatizam, imputando a elas a misoginia e incitando a violência de gênero.

Para exemplificar o que nós mostramos quanto à supremacia masculina, utilizamos Rosinha para tecer essa discussão. Desde muito cedo ela já era independente, lutou contra todos, na vontade de ser livre e independente, inclusive rejeitando o dinheiro do coronel e conseqüentemente recusando ser sua amante. Ao amar pela primeira vez e perceber que esse amor seria impossível, buscou absorver todos os conceitos patriarcais e tornou-se dependente desse amor, estando presa e submissa a ele. Essa mudança na trajetória de Rosinha, o que causou a sua escolha por penitência, supomos que por questões de culpa cristã, apesar do narrador não deixar isso claro. Mas indagamos por que logo pelo fato de ela ter escolhido a prostituição, precisava ser evidenciada a questão da punição, o erro e o castigo, pois ela fica confinada a cuidar da mãe inválida e do coronel doente como forma de resignação.

Em contraponto, trazemos o coronel, que foi abandonado e mais tarde traído por Laura, traído também por Anália, traição esta que doeu mais nas finanças do que no brio masculino, ele também foi rejeitado por Elza e Rosinha; e traído pelo próprio sobrinho.

Diante do exposto, o narrador, ao comparar esses dois personagens, evidencia a incapacidade da mulher administrar a sua liberdade e garantir a sua independência quando envolve sentimentos amorosos. Ele usa essa comparação para fortalecer e enaltecer a força masculina, na intenção de manter viva a herança patriarcal e a superioridade masculina, induzindo que a mulher se torna frágil e dependente quando não consegue administrar seus sentimentos. Esse discurso é excludente e não nos possibilita desconstruções.

Questionamos, no capítulo 01, sobre a necessidade de descolonizar o olhar e questionar as narrativas ficcionais produzidas por escritores masculinos, reforçamos essa necessidade pois concluímos que o narrador desenvolveu uma linguagem que não deu conta e não foi capaz de dar voz à mulher de maneira que ela pudesse se auto representar. Nossa intenção é manter essa discussão aberta, pois sentimos a necessidade de buscar outros aportes que nos possibilitem pensar o porquê da nulidade da mulher depois de tantos atos de bravura.

Neste sentido, faz-se necessário uma revisão crítica do discurso que serviu para quebrar os paradigmas de mulher idealizada, sonhadora, angelical, conformada e que não se calaria diante do primeiro impasse que lhe impossibilitasse resistir, mas que não valorizou as atitudes ousadas de uma mulher em pleno século XIX que foi contra os conceitos de mulher ideal, legalizado pelo estado e defendido pela família e pela religião, época marcada pela supremacia masculina. A mulher tratada como um ser a parte só era notada quando estava representada pelo pai ou marido. Mas esse discurso apenas nos possibilitou colocar a mulher no ápice do empoderamento, mas não garantiu a elas uma permanência nesse lugar.

O ponto de vista do narrador, por vezes oscilando entre um certo empoderamento e as marcas do patriarcado, nos faz compreender o que era possível nesse discurso para o período em que a obra foi escrita. Apesar dessa dificuldade em garantir o seu espaço, a mulher resiste às opressões impostas pela supremacia masculina em Rosinha, Anália, dona Chiquinha e Elza que marcariam um novo rumo na trajetória de luta da mulher.

Através dessa pesquisa, foi possível buscar entender a supremacia masculina que marca a nossa história e que hoje inverte seus papéis, dando a responsabilidade do lar, do sustento da casa e dos filhos à mulher em muitas situações. Mas a supremacia masculina ainda é forte no campo ideológico, marcada pelo discurso. A mulher ocupou seu espaço na sociedade, mas com tripla jornada de trabalho, porém ainda não conseguiu desvincular-se das amarras do machismo e da misoginia que fazem vítimas a todo instante. Sabemos da necessidade de subverter alguns padrões e criar mecanismos que reforcem a figura feminina como central na sociedade, buscando a igualdade de direitos que tanto ansiamos.

Finalmente, pensar a mulher dentro de um contexto hostil e opressor familiar nos leva a querer ir contra o conformismo daquelas que ainda se fazem emudecer e aceitar os padrões à base das construções sociais masculinas. Dentro de um sistema machista, são vítimas, mesmo que inconscientes quando acabam se prendendo a valores apreendidos e se deixam rotular a partir da herança patriarcal. A aceitação da herança de uma sociedade machista e preconceituosa, as tornaram oprimidas desde o processo de colonização. A mulher sempre teve sua voz silenciada

mas não é por isso que deve se reservar o “direito” de permanecer “muda”. Não foi dada a elas a oportunidade de representar a si mesmas, sendo que sempre estiveram representadas pela voz de outro como o pai ou o marido. Hoje a situação se inverte, a mulher sabe e pode falar, basta fazer a sua voz ecoar dentro de cada uma de nós.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *Antropologia dos Archivos da Amazônia*, Alfredo Wagner Berno de Almeida. Rio de Janeiro: Casa 8/ Fundação Universidade do Amazonas, 2008.
- BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia – Formação Social e Cultural.*/ Samuel Benchimol. 3ª ed. – Manaus: Valer, 2009.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, a arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 2ª ed. RJ: Bertrand, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. *Esboço para uma auto-análise*. Edições 70 Lisboa, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. 16ª ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2016.
- COSTA, Veronica Prudente: *A Muhaida: A traição de viagens em questão*. Dissertação de Doutorado em Letras Vernáculas – Literatura Portuguesa. Faculdade de Letras, universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- GONDIM, Neide. *A invenção da Amazônia*. 2ª edição/ Neide Gondim. – Manaus: Editora Valer, 2007.
- MILLS, C. Wriqth. *Sobre o Artesanato Intelectual e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- MILLS, C. Wright. *A invenção sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.
- POTYGUARA, José. *Terra caída*. 3ª ed. São Paulo: Globo, 2007.
- PIZARRO, Ana. *Amazônia: as vozes do rio: imaginário e modernização*/ Ana Pizarro; tradução Rômulo Monte Alto. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- PIZARRO, Ana. —Palabra, literatura y cultura em las formaciones discursivas coloniales#. In: PIZARRO, Ana (Org.) *América Latina: Palavra, literatura e cultura*. Campinas: UNICAMP, 1993. Vol. 1, pg. 19 - 37.
- RANGEL, Alberto. Maibi. In: *Inferno Verde*. Organização de Tenório Telles e estudo crítico por Marcos Frederico Kruguer. 6ª ed. Manaus: Editora Valer, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 2ª reimpressão. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.

SPIVAK, Gayatri Chakarovorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

VALLE, Camila do. “Literatura da Amazônia – dificuldades do surgimento e classificação de um campo.” *Plural Pluriel*, v. 1, p. 1, 2012.

WOOLF, Virgínia. *Um teto todo seu*: 1ª edição. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

Anexo I – Esquema de personagens do conto “Maibi”

Maibi: Mulher de Sabino. Ela foi negociada por sete contos de réis que seu marido devia a Marciano e foi entregue para pagamento dessa dívida ao seringueiro Sérgio. Mais tarde foi morta por Sabino.

Marciano: Tenente, dono do Seringal Soledade. Responsável pela negociação hedionda entre Sabino e Sérgio.

Sabino: Seringueiro, primeiro marido de Maibi. Entregou a mulher a Sérgio para que este pagasse a sua dívida no armazém do seringal. Assassinou Maibi ao crucificá-la em uma seringueira.

Sérgio: Seringueiro, segundo marido de Maibi.

Zé Magro: Seringueiro de confiança de Marciano. Foi o responsável por encontrar Maibi na mata.

Anexo II – Esquema de personagens do romance *Terra Caída*.

Anália: Esposa de Tiburtino. Amante do coronel Tônico Monteiro.

Antônio Monteiro: Conhecido popularmente como o coronel Tônico Monteiro. Seringalista que tinha a fama de ganancioso e cruel.

Conrado: marido de dona Maroca. Tinha a função de guarda-livros, responsável por fazer as anotações de fiado e ajudante de contabilidade do coronel no seringal.

Chico Bento: nordestino rijo, com saúde de ferro, franco e desembaraçado, casado com Maria.

Dona Chiquinha: Mulher de Policárpio e mãe de Rosinha.

Dona Maroca: mulher de Conrado. Senhora de meia idade e sem filhos. Era uma espécie de conselheira do marido.

Elza: Professora no seringal. Mulher delicada e meiga. Namorada de Paulino.

Laura: Mulher do coronel Tônico Monteiro.

Nonato: seringueiro, chegou no seringal noivo de Rosinha. Enciumado, montou armadilha acreditando que era Tomaz que estava dormindo com a ex-noiva e acabou matando o próprio pai, que era quem dormia naquela noite com ela.

Maria: mulher de Chico Bento. Foi mãe de três filhos. Perdeu os dois mais novos, uma menina quando ainda estavam recém-chegados no seringal. Ela contraiu malária, como estava anêmica e convalescente da viagem não aguentou a febre e antes de iniciar o tratamento da malária morreu. O filho caçula já nasceu no seringal, mas quando estava com oito meses foi comido por uma onça. Ficando viva apenas Maria do Carmo.

Policárpio: Marido de dona Chiquinha e pai de Rosinha. Em um dia de chuva procurou se abrigar embaixo de uma árvore e acabou morrendo soterrado pela queda da própria árvore.

Tomaz: homem de confiança do patrão. Antipatizado por todos, angariou o temor e o respeito dos seringueiros por ser mesquinho e perseguidor. Disputava Rosinha e acabou sendo morto por Nonato, ex-noivo de Rosinha.

Tiburtino: Marido de Anália. Tinha a função de guardar as chaves do armazém e era responsável pela segurança das mercadorias.

Zé Rufino: Nordestino seringueiro. Encontrou outro seringueiro querendo estuprar sua mulher e o matou a tiros.

Zuca: Seringueiro que foi perseguido e maltratado por Tomaz por querer vender sua borracha a outro comprador.